



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

ERNESTO MARTINEZ RODRIGUEZ

CORRERIAS:
ÍNDIOS, CAUCHEIROS E SERINGUEIROS
(ACRE 1942 / 1983)

Manaus
Abril 2016



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

ERNESTO MARTINEZ RODRIGUEZ

**CORRERIAS:
ÍNDIOS, CAUCHEIROS E SERINGUEIROS
(ACRE 1942 / 1983)**

Orientador:

Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira
Coorientador Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Manaus
Abril 2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R696c Rodriguez, Ernesto Martinez
Correrias : Índios, Caucheiros e Seringueiros (Acre 1942/1983) /
Ernesto Martinez Rodriguez. 2016
128 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Marcos César Borges da Silveira
Coorientador: Luis Balkar Sa Peixoto Pinheiro
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Território indígena. 2. Extrativismo da borracha. 3. Ocupação
territorial. 4. Seringal. I. Silveira, Marcos César Borges da II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

TERMO DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira
(PPGH-UFAM/UFPeI – Presidente)

Prof. Dr. Davi Avelino Leal
(UFAM – Membro)

Prof. Dr. Jose Vicente Souza Aguiar
(UEA – Membro)



Para:

Isabel Rodríguez Lozano (*in memoriam*)
Mama, el libro ya está terminado;

Maria Arlete Mesquita de Alcântara Muchas
gracias por paciencia y por la fuerza, el amor en
nosotros estuvo e está siempre presente;

Ana Luisa Martínez Díaz;
Nossa netinha que nos trouxe novas alegrias.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação, nas dificuldades, sempre encontrei mãos amigas que aportaram algum tipo de colaboração, pessoas algumas desconhecidas que contribuíram sem intuito de nenhuma recompensa, meus sinceros agradecimentos, pois sem elas não seria possível ter concluído esta etapa acadêmica. Outras categoricamente se negaram a colaborar sem motivos aparentes, ou por razões particulares, na sua negativa também ajudaram, forneceram mais combustível para ir à busca de novas fontes, também meus sinceros agradecimentos.

Este é momento de privilegiar e homenagear aqueles que caminharam ao meu lado não só estendendo a mão, também segurando para não deixar a peteca cair, meus sinceros agradecimentos a começar por meu orientador e amigo professor Marcos César Borges da Silveira, fui uma felicidade ter-lhe conhecido amigo, obrigado por aceitar a difícil tarefa de orientar-me sabendo as dificuldades que apresentaria a grande distância geográfica que nos separa. Amigo, sempre me senti honrado, apreendendo com você.

Ao professor Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, coorientador deste trabalho. Disposto e acessível sempre que precisei, seja com a indicação de um livro, com um comentário acerca do que escrevia, com uma discussão calorosa, com uma dica da localização de fontes, e mesmo quando a coisa não estava certa com um “balançar de cabeça”, permitiu que eu adquirisse a confiança necessária e conseguisse chegar com sucesso ao fim deste trabalho.

Ao Professor David Avelino Leal. Muito lhe agradeço. Sempre disposto a dialogar, suas dicas, observações, recomendações bate-papos formais e informais serviram de muito, dando luz muitas vezes a pontos escuros, colocando-me no caminho certo de raciocínio. Meu sincero respeito e agradecimento.

Ao professor Jose Vicente Souza Aguiar, que gentilmente mesmo em um longo feriado não colocou objeção nenhuma a participar da Banca de Aprovação. Meu sincero agradecimento.

A professora Alba Barbosa Pessoa, sempre disposta colaborar, dando dicas, propondo leituras emprestando livros. Obrigado amiga, suas orientações foram de muita valia.

Ao professor Antônio Alexandre Isidio Cardoso, que gentilmente disponibilizou sua Dissertação de Mestrado para consultas, suas observações foram de grande valor, obrigado professor.

Agradeço ainda aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas: Maria Luíza Ugarte Pinheiro, Eloína Monteiro dos Santos, Nelson Tomelin, Patrícia Rodrigues Silva e Almir Diniz de Carvalho Junior. As contribuições que foram feitas para este trabalho no período da Qualificação, direcionando o seu andamento até esta finalização, foram significativas servindo como norte em vários momentos da elaboração deste trabalho.

À FAPEAM, pela bolsa de estudos, sem a qual teria ficado mais difícil concluir o curso.

A professora Maria Arlete Mesquita de Alcântara, que me acompanhou nas viagens e nas pesquisas, sempre me oferecendo sua valiosa experiência, sobre tudo na difícil tarefa de ensinar-me o português. Meus amorosos agradecimentos.

A Benedita do Nascimento Galdino, precursora do tema desta dissertação, sempre disposta e sem medir esforços colaborou em todas as etapas do trabalho, meus sinceros agradecimentos.

A dona Francisca Fernandes da Silva (in memoriam) lhe agradeço. Sem seus depoimentos esta dissertação não seria a mesma.

A dona Socorro Fernandes da Silva e Raimundo Fernandes da Silva, meus sinceros agradecimentos, sua colaboração foi importante.

A família Galdino, descendentes de Pedro Biló, pela colaboração prestada, lhes agradeço de coração, por ter enfrentando a oposição de alguns dos membros, quebrando o silêncio e me revelando preciosas informações.

A minhas filhas Isabella e Jasmin Victoria e meu filho Andres, por seu apoio e paciência, deixando às vezes de um lado seus afazeres para me auxiliar tanto na composição de texto como na correção de português.



RESUMO

Pensar hoje que os atritos entre índios e brancos no Brasil foram episódios do passado, é ficar desatento às notícias que frequentemente são apresentados na mídia. Vez por outra, assistimos que índios tomaram a sede da FUNAI, que fizeram reféns, manifestações em praça pública, em outro lugar..., brancos invadem terras indígenas, retiram madeira ilegalmente das reservas, por outro lado agricultores brancos, são desapropriados de suas plantações de arroz, garimpeiros procurando ouro ou pedras preciosas se adentram nas florestas confrontando-se com índios integrados ou arredios. Em fim as querelas são muitas e das mais variadas, dando sustentação a tese que ainda precisa ser feita muita coisa para conter esta violência na maioria dos estados brasileiros. No Acre não é diferente, longe de acabar as desgraças indígenas, o extrativismo da borracha, da madeira, das castanhas do Pará, e mais recentemente a exploração agropecuária, continua a expulsar os povos tradicionais de seu habitat, quando oferecem resistência, ainda são eliminados. Jagunços, capangas ou matadores profissionais, foram contratados num passado próximo, para se encarregar de fazer a “limpeza” das áreas de floresta que interessavam ao homem branco. O que assusta é que o “passado próximo” ainda não passou, e os atritos, todavia existem em elevada incidência, e não são apenas frisões de pouca monta, pois continuam produzindo mortes de ambos os lados que escapa as ações da polícia.

Palavras-chave: Acre, borracha, índios Caxinawa, cariu, correrias.

ABSTRACT

Currently, I think that the misunderstandings between Indians and White people in Brazil were episodes from the past, but I stay inattentive to the News that frequently are presented in mass media. Once in a while, it's possible to watch News that native people attacked the head office from FUNAI, that made hostages, that made public manifestations on the other hand White people invade Indian's lands, took wood illegal from reserves, in other place White farmers are expropriated from their rice planting, miners searching for gold or precious stones enter in the forest confronting with integrated natives or uncontacted natives. Ultimately the quarrels are varied, supporting the thesis that a lot of things still need to be done to contain this violence in majority of Brazilian states. In Acre, it's not different, far from finish the Indian's misfortunes, the rubber extraction, wood, Pará's nuts and more recently the agriculture exploration, continues to expel the traditional peoples from their habitat, when they offer resistance, still are eliminated. Gunmen, thugs and professional killers were hired in a recent past to do the "cleaning" from forest areas that are interests by White man. What scares is that the "recent past" haven't passed, the problems, however exist in high incidence, and are not small problems, continue to produce deaths in both sides that scape from police's actions.

Keywords: Acre, Rubber, Caxinawa indians, cariu, correrias.

LISTA DE FIGURAS

N.		Pg.
01	Mapa da Bacia do Rio Madeira	29
02	Barco “gaiola” num paraná creano	32
03	Mapa do acre segundo o Tratado de Petrópolis	38
04	Cena de uma correria	46
05	Casa de seringueiros num igarapé creano	48
06	Grupo brasileiro organizado e armado para correrias	48
07	Grupo armado de índios peruanos comandados por capataz barbarenses	49
08	Mister Brown	52
09	Júlio Cesar Arana	52
10	ndios carregadores Uitotos	53
11	Recorte fotográfico do jornal O Varadouro	55
12	ndios Uitotos acorrentados a espera de castigo	71
13	Em destaque Região do Putumayo	74
14	Em destaque área explorada pela Peruvian Amazon Co.	75
15	Etnias ndigenas escravizadas pela Peruvian Amazon Co.	76
16	ndios Poianaw – 1913	81
17	ndios das tribos Arara e Poianwa, em Cruzeiro do Sul - 1913	83
18	ndios Jaminava – 1913	84
19	Mapa do município Mâncio Lima	86
20	Braço de Regino Pereira tatuado com as iniciais PC	89
21	Felizardo Cerqueira e três jovens Kaxinawá – 1924	91
22	Felizardo Cerqueira aos 40 anos	91
23	Pedro Bil por volta de 1945	98
24	Pedro Bil em 1975.	98
25	Mapa atual do Estado do Acre.	101
26	Recorte da localizao geográfica dos Rios Muru e Envira.	102
27	Mapa hidrográfico dos rios da Bacia Amazônica.	103
28	Certidão de nascimento de Benedita Galdino.	122
29	Benedita do Nascimento Galdino	123
30	Dona Francisca Fernandes da Silva	123
31	Manoel de Deus Galdino	124
32	Raimundo Fernandes	125
33	Mapas de terras índigenas e limites municipais do Acre	126
34	Teatro Amazonas	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		11
CAPITULO 1	O seringal como modelo de ocupação territorial e transformação política e socioeconômica do Acre	19
	1.1 – Caucho, goma, borracha, látex.	20
	1,2 – Sapatos para Boston ... e para Europa também!	22
	1,3 – O Acre, aspecto histórico e interesse socioeconômico	25
	1.4 – O Acre é Brasileiro	34
CAPITULO 2	O contexto das <i>Correrias</i>	39
	2.1 – Correrias ontem e ainda hoje.	40
	2.2 – Mais borracha, mais madeira, mais pastos ... menos Indígenas.	64
CAPITULO 3	<i>Patrones, pacificadores, catequizadores e matadores de índios</i>	68
	3.1 – “Patrones”	69
	3.2 – Pacificadores, catequizadores e matadores.	79
	3.3 – Coronel Mâncio Lima, o “pacificador”	80
	3.4 – Felizardo Cerqueira, o “catequizador”	86
	3.5 – Pedro Biló, o “matador”	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS		105
REFERENCIAS		109
APÊNDICE		115
ANEXO		121

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

FORT APACHE

Lá estava ele no meio da modesta sala em nossa casa de Zaragoza¹, pintado de marrom, meu pai o tinha construído com tabuas de pinho aproveitadas de caixas de frutas. Estava completo, as dimensões eram modestas um quadrado de madeira, aproximadamente de 60 x 60 centímetros, porém não carecia de nada, tinha no seu interior umas casinhas feitas de papelão bem desenhadas, representavam o bar, o quartel e algumas moradas de civis, tinha escadas de madeira, mezaninos para a guarda, até mastro com bandeira, o forte era guarnecido por um punhado de soldados de borracha, não eram de plástico eram de borracha flexível pintada de azul branco vermelho...e outras cores, os soldadinhos de borracha carregavam suas armas, pistolas *Colt 44*, rifles *Winchester 1873*², sabres de cavalaria bem fixos seguros grudados a suas mãos pois faziam parte da peça que era seu próprio corpo, uns a pé presos a um suporte que dava estabilidade, outros a cavalo em corcéis magníficos brancos baios e negros, montados a galope em uma eterna montada, pela condição de sua moldagem não lhes permitia outra postura sem não a de estar eternamente a cavalo. Não eram mais de trinta e uns poucos cavalos, porém eu os dispunha estrategicamente acima dos mezaninos eles vigiavam toda a planície da sala, esperavam um confronto imediato com um inimigo cruel bárbaro e sanguinário, que não poupava nem as frágeis mulheres; os índios Apaches.

Os Apaches eram comandados por meu irmão Andrés dois anos mais novo que eu, em 1960 com a idade de seis anos já reclamava das minhas decisões militares, chegava até me irritar, ele queria que os Apaches fossem Sioux, ainda ele queria ganhar as batalhas, já se viu coisa parecida, nunca vi nos filmes índios ganharem dos soldados!

Não teima Andrés tanto faz Sioux ou Apaches são índios do mesmo jeito, tu vais perder eu vou matar todos, são selvagens não são cristãos, vou matar todinhos para que não queimem as fazendas nem roubem as mulheres. Na aquela idade eu estava convencido que meu irmão era um inconformado, ele comandava os índios que eram em

¹ Zaragoza atualmente é a capital da Comunidade Autónoma de Aragon (Espanha). O autor morou em Zaragoza desde os oito anos (1960) até atualidade.

² O rifle Winchester modelo 1873, foi uma verdadeira lenda do velho Oeste Americano, frequentemente são chamados do rifle que conquistou o Oeste.

maior número (eu acho que nós tínhamos mais de quarenta índios a cavalo e outros tanto a pé), sem dúvida os índios eram muito numerosos, porém nada que me assustasse em todos os filmes de banguê-banguê que tinha assistido nunca os índios ganharam nada, apenas destruição e morte e perderam quase todas suas terras, o homem branco, a cultura do homem branco absorvia tudo.

O cenário estava arrumado, a batalha prestes a começar, os indígenas apenas com arcos e flechas na mão, flechas envenenadas? Não sei!!, mas certamente estavam aguerridos, gritavam freneticamente, em grande número rodeavam todo o perímetro do forte, os gritos do Andrés perturbavam minha mãe na cozinha, mandava calar, ele obedecia abaixando o nível do tom. Tinha chegado o momento de preparar nossas armas. Meu winchester era feito com dois pregadores de madeira daqueles que se utilizam para prender roupa molhada no varal para secar ao sol. Era fácil de montar, um ficava como se usava o outro era desmontado retirado à mola de aço e colocada em uma das partes de forma invertida, este conjunto era acoplado no outro pregador, encaixando a mola invertida na haste da parte inferior, pronto, fuzil pronto para ser usado, a munição grãos de milho seco. O grão de milho era colocado encostado na mola de aço, que quando acionada, projetava com forte ímpeto o caroço de milho³. Ainda eu dispunha de um canhão, era nem mais nem menos que um tubo de plástico com um elástico e uma pequena haste de madeira por dentro do tubo. Este conjunto era amarrado com linha sobre um eixo com dois rodinhas, (era o eixo traseiro de um pequeno carrinho de plástico), pelo tubo introduzia uma “chiva”⁴ que quando puxado o elástico, a impelia para frente e rodava pelo chão, derrubando os índios que encontrava pela frente. O canhão era também motivo de atrito, Andrés queria que utilizasse em vez de “chivas” balas de papel que tinham menos força e rodavam muito menos. Outro motivo de desconformidade era a reclamação de que os soldados e os brancos estavam protegidos atrás das ameias, já que os índios estavam desprotegidos em meio da planície da sala a cavalo e a corpo descoberto, era uma injustiça, eram muito fáceis de serem alvejados tanto pelo canhão como pelo fúsil de

³ O projétil ou bala de milho alcançava uma velocidade bastante significativa tornando-se até perigosa, possível de machucar quando atirada contra o rosto. Fiz uma experiência com dos pregadores de madeira existentes e comercializados no mercado local manauense nas datas de hoje, fiquei surpreso com os resultados, os caroços de milho que foram arremessados chegaram a alcançar 12 metros de distância. Agora entendo por que Doña Isabel (minha mãe) ficava preocupada nos mandando parar com a brincadeira e nos pedindo para escutar música no rádio (não tínhamos televisão como na maioria dos lares espanhóis à época). Porém os apelos dela não davam jeito, ela entretida na cozinha preparando a janta, nos continuávamos brincando até a chegada do trabalho de meu pai.

⁴ Assim chamamos a uma pequena peteca de barro ou pedra (também poderia ser de vidro, porém de vidro era mais conhecida como caracolilla, de 1 centímetro de diâmetro, muito utilizada pelas crianças em várias brincadeiras na Espanha.

milho. Mais quem se importava com isso? Os filmes mostravam que índio era uma ameaça, para os brancos colonizadores, que se adentravam em grandes caravanas de carros puxados por mulas em busca de terras para plantio e criação de gado. “Quanto menos índios melhor” ou “o melhor índio é o índio morto” eram frases comuns ouvidas nos roteiros dos filmes me mostravam as façanhas dos brancos sob os índios na conquista do Oeste Americano. E ao final era uma “inocente” brincadeira de crianças. Simular um massacre de índios que de mal tinha isso.

IQUITOS EM ZARAGOZA

Conhecia Victor Velásquez na Escola de Maestria Industrial de Zaragoza, quando ambos cursávamos o curso de Mestrado em Eletricidade. Ele era peruano da região de Iquitos, se tornou um grande amigo, frequentava minha casa, se dava com meus conhecidos e amigos da época, e participamos juntos de grandes festas, muitas vezes terminávamos *borrachos* (bêbados), éramos amigos! Com *añoranza* (saudades) e lágrimas nos olhos, muitas vezes contava sobre as coisas da sua terra, apresentou-me as florestas amazônicas, as verdes matas, árvores magníficas de 60 metros de altura de dois metros ou mais de diâmetro, os grandes rios, os gostosos peixes que comia assados com pimenta e “*jugo de yuca*” (tucupí), ou marinados crus no vinagre, “*ceviche*”: uma delícia!, dizia, e entre lágrimas, vinho e saudade, me contava histórias de índios, massacres, escravidão moderna e outras coisas que o faziam ficar triste, alegre, saudosos, entre choros e copos de vinho.

Era 1972, embora minha formação fosse da área de Engenharia Elétrica, sentia um forte interesse pela História. Hernan Cortes e Francisco Pizarro eram meus heróis. Como aqueles valentes capitães espanhóis comandando um punhado de soldados “*castelhanos*” puderam fazer aquelas proezas de conquista? Não deixava para menos, sempre que tinha oportunidade queria que Victor falasse do Peru. Entre leituras e conversas, fui tomando conhecimento de informações, pelas explicações de Victor identifiquei naquela época a diferença entre índios amazônicos e os Incas. Sobre os Incas eu sabia bastante, pois se estuda esta sociedade como fazendo parte do Império Espanhol na América na disciplina de História, no processo educativo regular da Espanha. Porém dos índios amazônicos não vou dizer que eram desconhecidos, mais as informações que tinha a respeito eram muito vagas, e parti para colher mais informações, naquelas datas

as pesquisas eram feitas via arquivos públicos e bibliotecas públicas. Não era tão fácil como é hoje levantar informações para satisfazer uma curiosidade, isso mesmo, era mera curiosidade saber sobre questões indígenas. Mais entre as histórias ou estórias contadas por Victor e as leituras feitas por mim me levaram a formular uma ideia; que os Incas estabeleceram uma rota comercial que atravessava a floresta amazônica chegando até as costas da atual Venezuela, inclusive que os Incas já teriam decido o rio Amazonas chegando até a ilha de Marajó.

A convivência com Victor durou pouco mais de três anos, quando terminou o mestrado ele regressou para o Peru, fizemos uma grande festa de despedida, o “vinho rodou as pampas”, após algumas cartas, nossa comunicação silenciou, nunca mais soube dele.

Minha vida seguiu tocando a Engenharia Elétrica, sem esquecer a história.

Hoje 40 anos depois escrevendo esta dissertação, esboço um sorriso, como é gostoso lembrar as aventuras de nossa mocidade, e as brincadeiras de nossa infância, quem diria após cinquenta anos reviver essas brincadeiras, mais agora nesta nossa pesquisa as brincadeiras se tornaram realidade, não são brincadeiras e sim realidades de massacres e genocídios, em um cenário diferente, não mais e a sala de nossa casa em Zaragoza, nem os índios são os Apaches ou Sioux, não era mais os filmes de banguê-banguê do Oeste Americano, era a realidade nua e crua de nossa terra amazônica, os índios, os habitantes naturais das florestas acreanas, apenas os motivos podemos identificar como os mesmo; a procura de terras e o interesse econômico. As fricções entre índios do antigo território do Acre e os não índios, considerando no grupo, brancos, negros, emigrantes nordestinos, peruanos, bolivianos, e outros aventureiros motivados primeiro pela exploração extrativista da borracha, látex, sarnambi, entre fina, o seja qual fora o nome dado, e posteriormente pela exploração madeireira e mais recentemente a transformação de muitos seringais acreanos em fazendas para a exploração agropecuária, demarcando e derrubando grandes extensões de floresta, será o alvo de nossa pesquisa,

UM ALMOÇO EM FAMÍLIA

Tomei conhecimento das *Correrias* conversando alegremente num almoço de família onde tinha como convidada uma amiga acreana; Benedita do Nascimento Galdino, entre conversa vai conversa bem alguém cito de forma maliciosa que os índios

brasileiros gostava de “comer gente”, quando antes ou agora? Perguntei, ora de toda vida e a todo tempo! Alguém respondeu. A risada foi geral entre insinuações e outras brincadeiras sobre índios. Benedita dize pontualmente com voz firme: “meu avô matou muitos índios no Acre, ele era mateiro no Seringal Califórnia onde eu nasci, ele me contava muitas histórias, ele era muito reservado e calado só contava para mim que era sua neta preferida”. Deixa de histórias, Dita⁵. “Não isso é verdade, meu avô era Pedro Galdino filho, o Pedro Bilro”. Conta-me esta coisa direito.... E assim iniciou a pesquisa sobre as *Correrias* que hoje se tornou tema principal desta dissertação.

Mais ao final que são as *Correrias*?

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em seu dicionário *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ 1986. Define correria como; Corrida desordenada, corre-corre, debandada. Assalto a campo inimigo; na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, matança de índios organizada pelos grandes proprietários de terras, os seringalistas. Mas as *Correrias* não são apenas uma definição, o assunto deve ser tratado como um conceito: Para o Padre Constantin Tastevin⁶, as *Correrias* era uma forma fácil de acabar com uma tribo incomoda. Para Edilson Martins⁷; as *Correrias* era uma matança de índios organizada pelos grandes proprietários de terras, os seringalistas. Também para Aquino⁸, as *Correrias* foram organizadas pelos antigos seringalistas, sustenta que as correrias não são apenas fatos históricos do passado, mas que continuam acontecendo no Acre. Já para Mariana Pantoja⁹ eram ações recíprocas de hostilidade no passado entre índios e não índios disputando o mesmo espaço, se enfrentando por interesses opostos, mas que terminaram após 1945 com a desativação de muitos seringais. Já o pesquisador amazonense Davi Avelino Leal¹⁰ são represálias contra as formas de resistência elaboradas pelos povos indígenas contra o esbulho de seus recursos, conflitos e lutas por direitos que opunha usuários e usurpadores, envolvendo índios e não índios. Para este pesquisador correrias é tudo isto e ainda, escravidão, rapto de mulheres e crianças, guerra

⁵ Nome carinhoso pelo qual chamamos a Benedita do Nascimento Galdino.

⁶ FAULHABER Priscila & MONSERRAT, Ruth (Org.). 2008. *Tastevin e a Etnografia Indígena*. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI. Série Monografias, 2009.

⁷ MARTINS, Edilson. *Nossos índios nossos mortos*. Editora Codecri. Rio de Janeiro. 1978.

⁸ AQUINO, Terri Vale de. *Kaxinawá: do seringueiro “caboclo” a peão “acreano”*. Dissertação de mestrado. Fundação Universidade de Brasília. Antropologia. 1977.

⁹ PANTOJA, Mariana. *Os Milton: Cem anos de História nos Seringais. Recife; Massagana, 2004.*

¹⁰ LEAL, Davi Avelino. *Direitos e Processos Diferenciados de Territorialização: Os conflitos pelo uso dos recursos naturais no Rio Madeira (1861-1932)*. Tese de doutorado. Manaus: Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2013.

interétnica, atuação duvidosa de militares peruanos e também de brasileiro em relação aos indígenas da região em estudo. Corroborando com Terri Valle de Aquino, sustento que as *Correrias* continuam acontecendo, todavia nos dias de hoje de forma encoberta e apoiada por projetos de exploração petrolífera, madeireira e ainda empreendimentos criminosos ligados ao narcotráfico peruano/brasileiro.

Durante a elaboração desta dissertação, algumas escolhas acabaram por determinar todo o formato e o conteúdo deste trabalho. Gostaria de evidenciar algumas delas desde já para que o leitor não se pegue às voltas se me perguntando por que isso não foi feito deste ou daquele jeito.

A primeira opção parte da ideia de que já há bibliotecas inteiras e trabalhos riquíssimos sobre o tema índios, nordestinos seringueiros, seringais, regatões, e suas variações. Não pretendia, nem pretendo sobrepô-los. Já com muita maestria escreveram Alípio Goulart, Mário Ypiranga Monteiro, Roberto Santos, Mary Alegretti, Mauro Almeida, Samuel Benchimol, Euclides da Cunha, Elder de Paula, Carlos Walter, Araújo Lima, Verônica Secreto, Leandro Tocantins, Bárbara Weinstein, Warren Dean, João Derickx, Marina Silva, o próprio Chico Mendes, e outros tantos a citar mais próximos entre eles David Avelino Leal, Frederico Alexandre de Oliveira Lima, Antônio Alexandre Isido Cardoso meus colegas e amigos de caminhada, seringueiros, agricultores, cientistas, e aprendizes desses todos.

O que teria, então, um pesquisador, tão pouco acadêmico, numa dissertação com tempo e recursos limitados, a contribuir nesse debate? A escolha foi a valorização do trabalho de campo, a ênfase no médio dos rios Juruá e Purus e a valorização do “microuniverso” cotidiano das atuais e antigas comunidades indígenas e seringueiros na região do Tarauacá e seus entornos. A opção foi escrever um trabalho que ajudasse a elucidar a questão das *Correrias*.

No entanto permanecer 93 dias em campo, não me saiu impune. Exigiu-me um pouco mais de tempo e um pouco menos reflexão teórica no texto. Essa escolha é consciente, e tem base na ideia de que não faria sentido repetir o que tantos autores já disseram, e de forma tão completa. Optei por fazer uma análise do tema baseado em efetivo trabalho de campo, compartilhando todo o tempo minhas reflexões, fruto das teorias que li, e das práticas e discursos com as quais convivía cotidianamente, com quem considerei protagonistas e coadjuvantes da história: Dona Francisca Fernandes da Silva, Benedita do Nascimento Galdino, Raimundo Silva e vários membros da família Galdino parentes de Pedro Biló, que com suas lembranças e história anedotas que me contaram

sobre índios mateiros seringueiros correrias e outras coisas que serviram para nortear meu rumo na elaboração deste trabalho. Também os depoimentos de indígenas idosos, os de seringueiros velhos, agricultores, regatões, e mesmo os antigos seringalistas de muito ajudaram. A busca era ir além do que, a primeira impressão, deixa transparecer, as ações e consequências das *Correrias*. O objetivo é somar-se como um pequeno volume na coleção das obras sobre o assunto, tendo como público principal àqueles que de alguma forma estão envolvidos com a região ou com o tema do comércio agroextrativista em comunidades isoladas e antigos seringais do Acre. Sendo assim, em muitas ocasiões buscamos uma linguagem simples, termos regionais, muitas citações de falas, “*cortando a gíria*” como diz aquele povo, registrado em mais de 60 horas de conversas gravadas em áudio e vídeo.



**CAPÍTULO 1:
O SERINGAL COMO MODELO DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL
E TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA E SOCIOECONÔMICA
DO ACRE**

CAPÍTULO 1: O SERINGAL COMO MODELO DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL E TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA E SOCIOECONÔMICA DO ACRE

1.1. CAUCHO, GOMA, BORRACHA, LÁTEX.

A evolução industrial que se desenvolveu na Inglaterra a meados do século XVIII, explode no final do século, passando a ser conhecida no início do século XIX como Revolução Industrial. Podemos afirmar que esta evolução industrial foi motivadora de várias transformações desde essa época até nossos dias, tanto nos setores urbanos com os usos e aperfeiçoamento de novas técnicas produtivas e nas periferias e setores rurais na busca de novas matérias-primas para o desenvolvimento da indústria.

Os mercados consumidores procuravam inovações nos produtos fornecidos e também outros novos, foi incentivada a pesquisa e a procura de novos itens para satisfazer e abastecer esta demanda comercial. Com essa finalidade, espalharam-se cientistas por várias partes do mundo em especial pela gigantesca e quase desconhecida floresta amazônica. Um produto em particular a borracha, produto nativo da região amazônica desencadearia um importante fluxo migratório e econômico para a bacia amazônica.

No século anterior, em 1743. Durante uma viagem pela Amazônia, o naturalista francês Charles-Marie de La Condamine descobriu que o látex das seringueiras podia ser transformado num material maleável.

O pesquisador francês Charles Marie de la Condamine, estudando nas selvas do Equador em 1736, teve conhecimento de uma árvore chamada pelos nativos equatorianos de *Hhevé*, reportou à Academia de Ciências de Paris, uma carta que detalhava particularidades da descoberta:

Com uma só incisão escorre dela uma resina branca como leite, que é aparada no pé da árvore sobre folhas aí estendidas especialmente para isso. Exposta em seguida ao sol, ela endurece, tornando-se obscura, primeiro interna, depois exteriormente. São feitas tochas de uma polegada e meia ou duas de diâmetro, sobre mais ou menos dois pés de comprimento. Embrulham-se lhes numa folha dupla de bananeira, para conte-las quando estão líquidas e inflamadas. As tochas assim preparadas acendem-se sem mechas, nada escorrendo dela quando guardadas. Possui um leve odor que não é absolutamente desagradável; sua luz é muito viva, e a metade de um facho preparado como descrevi dura cerca de 12 horas. Aprendi, desde que cheguei a Quito, que a árvore da qual se destila esta matéria cresce também às margens do rio Amazonas, e que os índios Maias a chamam de cautchuc. Eles enchem de resina moldes de terra na forma de uma garrafa, destroem o molde quando a resina está endurecida. As

garrafas assim preparadas são mais leves do que as de vidro, e não estão sujeitas em absoluto a fragmentação¹¹.

A história da borracha começa já no século XVI, autores europeus vagamente referiam-se sobre uma goma silvestre muito elástica que Cristóvão Colombo, observara sob a forma de uma bola que pulava de modo prodigioso, nas brincadeiras dos índios do Haiti, já o diplomata e historiador Pedro Martir de Angleria¹², em 1525, na sua obra *De Orb Nou*, falando sobre bolas elásticas preparadas com seiva branca de uma planta pelos indígenas mexicanos: “Quando elas tocam o chão lançadas mesmo com pouca força pulam no ar em saltos prodigiosos contínuos e repetidos”.

Gonzalo Fernandez de Oviedo¹³, em 1536 falando sobre os indígenas haitianos e de seu divertimento favorito, um jogo de mão o qual se jogava utilizando bolas elásticas feitas “com a seiva de uma árvore que os indígenas denominam de *gumana*”.

Bernardino de Sahagum¹⁴, em 1529 na sua *História geral das coisas de nova Espanha*, faz referência ao leite branco extraído de uma árvore chamada pelos nativos de *ulequahuítl*, e as bolas de brinquedo que dele faziam.

Tomás de Torquemada, autor da *Monarquia Indiana*, obra publicada em Espanha no ano de 1615, faz menção a existência no México de uma árvore de seiva branca, da qual os nativos do lugar elaboravam utensílios domésticos e bolas para seu divertimento.

Já em 1799 os portugueses paraenses enviaram a sua Majestade Dom José e ao seu ministro Marques do Pombal, roupas impermeabilizadas, sapatos de borracha, seringas em forma de pera, capas e sobretudos que apesar de quente, protegia inteiramente da chuva, entre outros utensílios que os nativos paraenses elaboravam. A corte de Lisboa admirou curiosa à engenhosidade dos índios e as propriedades da seiva branca. No mesmo ano o cirurgião português Francisco Xavier de Oliveira veio ao Amazonas para aprender a manusear a goma elástica com intenção de elaborar algálias e velinhas, a seu retorno a Lisboa em 1800, publicou na *Gazeta de Lisboa* suas pesquisas e experiências sendo aprovado pelos melhores profissionais da cirurgia¹⁵.

¹¹ BOUVIER, René. *Le Caoutchouc; Brillante et dramatique histoire de l'hevea*. Paris: Flammarion, 1949.

¹² Pedro Martir de Angleria (1457 - 1526), diplomata, escritor e historiador de Espanha.

¹³ Gonzalo Fernández de Oviedo Valdés (1478 - 1557) militar, escritor, cronista e colonizador espanhol. Capitão do exército do imperador Carlos V, governador geral da Fortaleza de Santo Domingo e La Espanhola.

¹⁴ Bernardino de Sahagún (1499 - 1590), frade franciscano espanhol. Autor de várias obras bilíngues em náuatle e espanhol, consideradas hoje entre os documentos mais valiosos para a reconstrução da história do México antigo, antes da chegada dos conquistadores espanhóis.

¹⁵ BARATA, Manoel de Mello Cardoso. *Apontamentos para as Efemérides Paraenses*. Em *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 1921, tomo 90 (vol. 144), pag. 224.

Informações também interessantes encontram-se no livro “*Viagem pelo Brasil 1817 - 1831*” de Spix e Martius¹⁶, ao descrever as prodigiosas características e o emprego da seiva da “maravilhosa árvore”, na expressão dos cientistas, o látex com que os índios e portugueses faziam bicos de seringas. Ficaram encantados como os portugueses, aplicando o látex sobre tecido fabricavam capas de chuvas que resguardavam inteiramente da chuva e do sereno: “*Tivemos ocasião de vê-los usados pelos soldados de polícia de Belém e também nos servimos dessas capas noutras viagens*”.

Os cientistas bávaros perceberam que na extração do látex, apenas se dedicavam fazendeiros isolados e trabalhadores que eles classificaram como a gente mais pobre de diversas origens, chamados de seringueiros. Uma incipiente indústria manufatureira se desenvolvia nos arredores da capital e da Ilha de Marajó, eles descrevem:

Esta seiva é então posta em inúmeras formas de barro, cuja escolha e modelagem oferecem grande campo ao gênio inventivo dos seringueiros. O formato mais comum é o de pera, do qual se originou a seringa; além dessa, porém recorrem a forma dos frutos nativos: caju, atas, ananases, mangas ou animais; peixes, onças, macacos o peixe-boi, até figuras de gente ou de coisas imaginárias, nem sempre decentes. Para que a seiva, reduzida a finas camadas, seque mais depressa e não apodreça, as formas revestidas de látex são penduradas por cima da fumaça, produzida pela queima lenta de cocos da palmeira babaçu. A fumaça dá a borracha, primitivamente de cor branca-suja, o tom pardo-escuro e maior espessura.

1.2. SAPATOS PARA BOSTON.... E PARA EUROPA TAMBÉM!

A borracha foi descoberta aos poucos como matéria-prima, numa lenta aceitação como produto comercial. Os índios já conheciam suas propriedades, a “hevé” como era chamada pelos Omáguas, do alto Solimões. O material era usado pelos índios para fazer seringas, que era uma espécie de bomba sem êmbolo em forma de pera oca, os portugueses batizaram aquela árvore de seringueira. Os índios não podiam imaginar o que aquela seiva iria causar a eles e ao mundo amazônico. Os objetos já correntemente usados pelos colonos portugueses deixaram de ser um produto apenas curioso. No início do século XIX, nos Estados Unidos amostras de produtos de borracha, sob a forma de garrafas e sapatos, exportados pelos colonos portugueses eram bem aceitos. Uma

¹⁶ SPIX, J.B. v. e MARTIUS, C.F. Ph. Von. *Viagem pelo Brasil 1817 - 1820*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo, EDUSP. 1981.

importação regular de sapatos de borracha teve início, em 1820, chegando ao porto de Boston, onde venderam um simples par pelo preço de cinco dólares¹⁷.

Os periódicos de Boston em 1823 anunciavam uma disposição para venda de 25000 pare de sapatos emborrachados, sete anos mais tarde os sapatos chegavam em grandes quantidades. De 1830 em diante, a importação de sapatos de borracha ou emborrachados principalmente entre outros produtos gomeiros dominou o comércio entre a América do Norte e a Amazônia, e também para Europa que entraria na disputa comercial concorrendo com América do Norte¹⁸.

Inicialmente esses envios comerciais eram remetidos para casas de comércio de derivados droguistas, porém logo em seguida vários grupos lojistas se interessaram pelo negócio, nesses primeiros anos de comércio da borracha, a exportação de manufaturados predominava em relação à matéria-prima. No entanto o crescente sucesso dos produtos de borracha, assim como o interesse de mercados internacionais pela goma elástica, fez crescer a procura do produto em estado puro. Com o rápido desenvolvimento tecnológico dos países industrializados logo o mercado internacional passaria a recusar os toscos produtos artesanais.

Thomas Hancock¹⁹ refere-se em seu livro algumas estatísticas interessantes sobre essa primeira fase do comércio internacional da borracha;

De 1836 a 1839, o Pará exportou 452.962 pares de sapatos, afora a borracha crua que começava a disputar o mercado de manufaturas indígenas. Nova Iorque, por exemplo, recebia nesse espaço de tempo 87.896 libras, Salem, porto do Estado de Massachussets, 57.499, Lisboa, 88.044 libras, Marselha, 34.837 libras, Londres 34.837 libras, seguidos de outros portos como Hamburgo, Antuérpia, Havre, importadores da borracha classificada tipo “fina” “entrefina” e sernambi.

Vemos por esta estatística que já desde as primeiras décadas do século XIX, o interesse por borracha crua, movimentava o comércio internacional vários países europeus formalizavam aquisições regulares do produto, para abastecer suas indústrias manufatureiras, produzindo artefatos de valor agregado que seriam comercializados dentro e fora de suas fronteiras.

¹⁷ TOCANTINS, Leandro. *Formação Histórica do Acre*. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1979.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ HANCOCK, Thomas. *Personal narrative of the origin and progress of de caoutchouc or India Rubbe manufacture in England*. Londres, 1857. Citado por TOCANTINS, Leandro. *Amazônia, natureza, homem e tempo*. Editora Conquista. Rio de Janeiro, 1963.

A pesquisa de Thomas Hancock sobre demanda e procura de artefatos de borracha e borracha in natura, aponta que entre os anos de 1836 a 1856, teve um considerável aumento de exportação: 4.721.275 pares de sapatos, 27.312.027 libras de borracha tipo “fina” e “entrefina”, 6.821.168 libras de sernambi. Respeitando-se o quadro organizado por Hancock, foi este o movimento de exportação do Pará, de 1836 a 1856:²⁰

Quadro 01

<i>Portos de destino</i>	<i>Pares de sapatos</i>	<i>Libras de borracha crua</i>
Antuérpia	8.416	95.234
Báltico	14.555	10.720
Boston	575.904	825.472
Bremen	18.193	2.048
Hamburgo	302.972	781.008
Havre	77.490	1.037.657
Lisboa	119.977	416.977
Liverpool	38.862	5.822.633
Londres	78.273	1.961.579
Nova Iorque	1.518.532	9.641.175
Salem	1.792.098	4.738.886

O efeito das importações da goma elástica seja em pequenas manufaturas seja na forma de matéria-prima (borracha crua não processada) foi vultosa, de boas perspectivas nos meios industriais. O prestígio da borracha já submetida ao princípio econômico da oferta e da procura, deixara de ser uma curiosidade da natureza, não era mais um brinquedo curioso, e sim um produto de alta procura pela indústria qual produção mal supria as necessidades da economia internacional. Nos primeiros tempos, o preço da borracha ganha altas cotações e se firma sua exportação a partir de 1839. Com a invenção da borracha vulcanizada e, sobretudo, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria de bicicletas, e posteriormente de veículos automotivos e da fabricação de pneumáticos, demandava maior quantidade de borracha, induzindo uma maior produção, que por sua vez exigia maior quantidade de mão-de-obra e de recursos financeiros, mais acima de tudo exigia uma procura constante de áreas onde encontrar ar árvores que produziam látex. A borracha nos anos vindouros se transformaria em um poderoso agente de fenômenos sociais, impregnado de vida e paixão, de dramática vontade e morte, donde milhares de índios e brancos se enfrentaram de lados opostos, em episódios muitas vezes sangrentos e desastrosos.

²⁰ *Ibid.*

1.3. O ACRE, ASPECTO HISTÓRICO E INTERESSE SOCIOECONÔMICO.

Nas décadas iniciais do século XIX, a região acreana era quase desconhecida tanto para os bolivianos como para os peruanos, dizem alguns autores, que nos mapas da Bolívia, estava assinalada esta região como “tierras no descubiertas”. Por parte do Brasil, também pouco se sabia sobre aquela imensa Região Amazônica quase que em sua totalidade inexplorada. O Acre adquire uma posição especial na história do Brasil, uma vez que o território pertence ao país pouco mais que um século (abril de 1904). Ele é a última das regiões incorporadas a nação. Segundo o Tratado de Madri de 1750; ratificado posteriormente pelo Tratado de Santo Ildefonso do ano de 1777, a região encontrava-se na parte da América Latina dominada pela Espanha e pertenceu, mais tarde, em parte aos territórios da Bolívia e do Peru. O Tratado de Ayacucho de 23 de março de 1867 do qual o Brasil era signatário, reconhece o Acre como terras de posse da Bolívia. No decorrer do século XIX, a região começou a ser explorada por vários aventureiros vindos de várias partes do Brasil, entrando pelos rios Madeira, Purus e Juruá alcançaram as cabeceiras dos rios Tarauacá, Acre, Murú, Iaco e outros afluentes. Inicialmente os rios e as florestas dessa região de fronteiras inexatas, foram explorados por coletores, e caçadores isolados.

A ocupação e exploração do rio Purus se inicia em 1852, pelo pernambucano Manoel Nicolau de Melo se instalando no lago Aiapuá. Ainda em 1852, o cearense João Gabriel de Carvalho acompanhado, por quarenta famílias do Ceará e do Maranhão, se estabeleceu em Itapá na foz do rio Purus, da qual em 1862 se deslocou rio acima para os rios Beruri e Tauari instalando um pouco acima da foz deste último, uma povoação extrativista de drogas nativas, borracha e de cultura de salsa²¹.

Presidente da Província do Amazonas, João Batista Tenreiro Aranha, em 1852 determinou a realização de duas expedições de exploração do rio Purus tendo como um dos seus objetivos descobrir uma ligação fluvial que constava existir entre este e o rio Madeira, por cuja via seria transportado gado boliviano importado da Bolívia para suprir o mercado de Manaus. A primeira chefiada por João Rodrigues Cametá subiu o rio em canoa, durante cinquenta e três dias regressando devido ao baixo nível de suas águas. A segunda chefiada por Serafim Salgado²², ainda no mesmo ano, percorreu a trilha de João

²¹ LIMA, Manuel Ferreira. *O Acre: seus aspectos físicos e geográficos, socioeconômicos, históricos e seus problemas*. Senado Federal, Centro Gráfico, segunda edição. Rio Branco, Acre, 1985.

²² Serafim da Silva Salgado, *Cópia roteiro resumido da viagem pelo abaixo assinado feita desta capital da província do Amazonas até onde é navegável o rio Purus, in Revista do Archivo do Amazonas, vol. II, nº 7, 1907. Apud Tocantins, 1979.*

Rodrigues Cameté, passou pela foz do rio Iaco e pela do rio Aquiri chegando até onde podiam remar, retornando em vista a estreiteza do rio e obstrução do seu canal não permitindo a navegação nem a pequenas canoas.

Em 1861 foi realizada uma terceira expedição chefiada por Manoel Urbano da Encarnação, determinada pelo então Presidente da província do Amazonas Manoel Clementino Carneiro da Cunha, com a finalidade das duas primeiras, encontrar uma via fluvial de junção entre o rio Purus e o Madeira com a intenção de chegar até a Bolívia. Já em 1864 enviado pela *Royal Geographical Society of London*, chegou a Amazônia o geografo Willians Chandless com a missão especifica de investigar a veracidade sobre a difundida crença de um liame aquático entre os rios Purus e Madeira. Este fez grandes penetrações pelos rios da Bacia do Purus. As explorações do geografo inglês resultaram no levantamento dos pontos astronômicos do Purus até as cabeceiras de seus afluentes, desautorizando de vez por todas as possibilidades de um liame aquático entre os dois rios, mesmo pela ocasião das enchentes anuais.

Essas expedições, além de marcar a presença inicial do homem civilizado nas terras acreanas serviram certamente, para informar sobre a existência de grande abundância de seringueiras, ao respeito Leandro Tocantins²³ se manifesta;

Essa primeira fase de devassamento do Purus e do Juruá é essencialmente geográfica, tendendo, contudo, para um sentimento mercantil, representado pelo comércio das drogas do sertão. A segunda fase vai ser a do predomínio do extrativismo industrial da borracha, à conta de que o povoamento tomara vulto surpreendente.

Mas, as expedições apontaram que as áreas mapeadas, eram habitadas apenas por índios. De acordo com estudos etnológicos da época se sabia que à proporção que se adentravam pelos rios da bacia amazônica em direção as cabeceiras, encontrava-se maior quantidade de índios, esta realidade foi constatada e informada pelos exploradores João Rodrigues Cameté, Serafim Salgado e Manoel Urbano da Conceição, em seus relatórios de viagem pela região Acreana, relataram que nas regiões do alto Purus e alto Juruá, habitavam grupos indígenas que falavam línguas diferentes, segundo essas informações, confirmadas posteriormente em pesquisas antropológicas, os indígenas pertenciam a duas famílias linguísticas diferentes Pano e Aruaque²⁴. Os Panos ocupavam a bacia do rio Juruá, que compreende os atuais municípios de Tarauacá, Cruzeiro do Sul e Feijó. Os

²³ Ibid.

²⁴ Arauk. É utilizada recentemente pela antropologia esta grafia para designar o grupo étnico/linguístico Arauaque, passaremos a partir de agora a utilizar quando necessário.

Aruaques se estendiam por toda a bacia do Purus, ocupando as áreas dos atuais municípios Xapuri, Serra Madureira, Brasiléia e Rio Branco.

A população indígena do Acre era e ainda é bastante diversificada, composta por etnias do tronco linguístico aruaque, tradicional da região amazônica, e do tronco linguístico Pano, originário da região andina. Estes últimos migraram para a bacia amazônica após sucessivos confrontos com os invasores espanhóis que invadiam suas terras a partir do Oceano Pacífico. Essas são etnias representadas pelos povos Kaxinawá, Yawanawá, Katukina, Jaminawa, Kulina, Ashaninka, Nukini, Poyanawa, Manchineri, Arara, Apurinã, Kaxarari, índios isolados e outros que vivem e transitam pela região de fronteira com o Peru e Bolívia²⁵.

Os Aruaque, se subdividiam em várias etnias e outros menores grupos sendo representados pelos Nuaruaques, Ipurinãs, Maneteris, Catianas, Canamaris, Tucunarés e Inhumaras.

O potencial produtor de goma da região acreana se despontava como muito promissor, as grandes concentrações de seringueiras, descritas nos relatórios de João Cameté, Serafim Salgado e Manoel Urbano, despertaram o interesse de comerciantes, paraenses e peruanos. O Acre estava aberto, suas riquezas expostas ao interesse de milhares de aventureiros que interessados em enriquecer rapidamente, se articulavam em expedições rios acima até suas cabeceiras, com uma única ideia em mente, procurar áreas “sem dono”.²⁶

A busca pela borracha fez gerar conflitos fronteiriços, visto que uma grande leva de retirantes do nordeste brasileiro, fugindo da seca²⁷, foram-se instalando ao longo dos rios Purus, Acre e Juruá, ocasionando o início do povoamento da região, e aos poucos foram desbravando as matas, seguindo o curso natural dos rios, que pela sua direção

²⁵ Portal do Governo do Acre. <http://www.ac.gov.br>. Visitado em 28 de janeiro de 2015.

²⁶ Terra sem dono. A formação de um seringal não obedecia a nenhum requisito legal. Se a zona oferecia quantidade de seringueiras que justificava abertura de várias estradas, se lançavam os fundamentos de posse, era simples, armava-se uma tosca barraca de pau coberta de palha não muito diferente do tapiri do índio, colocava-se o nome do requerente na frente do barraco e era suficiente, o barraco era uma condição da etapa final do desbravamento. Servia como marco de posse, cujo desrespeito causava reações violentas de consequências muitas vezes trágicas. Muitas mortes em conflitos armados entre grupos concorrentes da mesma área. (TOCANTINS, 2000).

²⁷ A primeira grande migração nordestina para a Amazônia e sustentada por muitos historiadores como uma consequência da grande seca que se instalou nos estados do nordeste brasileiro na década de 1880. Recentemente surgiram novos argumentos ao respeito, sustentado que tal evento não foi apenas pelas privações que o flagelo da seca infligia a estas populações e que existiam outras motivações por muitos dos emigrantes. Ver: Dissertação de Antônio Alexandre Isidório Cardoso “*Nem sina, nem acaso: As tessituras das migrações entre a província do Ceará e o território amazônico, 1847/1877*”. Dissertação de Mestrado, Fortaleza 2011.

natural geográfica entravam em terras brasileiras em busca do rio Amazonas. Nas pequenas clareiras desmatadas, beirando os barrancos as margens dos rios foram-se erguendo os barracões dos novos proprietários, de lá, para todas as direções, rio acima rio abaixo, floresta adentro, realizaram benfeitorias, nas pequenas clareiras, nas matas erguiam-se as barracas dos seringueiros, as aéreas ocupadas demarcava-se pela fumaça do defumador, cada um dava conta de uma determinada quantidade de “estradas”²⁸, três, quatro ou cinco estradas, dependendo da quantidade de seringueiras encontradas prontas para ser cortadas. Motivados pelo valor econômico da borracha, uma nova sociedade de indivíduos surgiu rapidamente nas terras acreanas, que se fixaram à terra; os seringueiros, principalmente os emigrantes nordestinos vieram para ocupar a área.

Mas de quem era o solo cortado pelas *estradas* nos seringais? Os estrangeiros, peruanos e brasileiros, nessa primeira fase de ocupação se adentraram no território acreano desbravando a floresta de forma desordenada, ignorando demarcações de soberania. Certo era que mesmo não havendo marcos definidos de fronteira entre Bolívia, Peru e Brasil. A região era reclamada pelos bolivianos como área soberana da Bolívia, e reconhecida pelo Brasil como tal.

A ocupação pelos brasileiros era vista com preocupação pelas autoridades bolivianas. Em 1886 o ministro-residente da Bolívia D. Juan Francisco Velarde em inflada conferencia no Rio de Janeiro, alertava principalmente para os governos brasileiro e peruano que A Bolívia era soberana sobre as terras do Acre, e que as riquezas da região tinham dono; os bolivianos.

Porém a realidade era outra do discurso proferido pelo ministro boliviano, no olhar dos naturais bolivianos, os vales e florestas do Acre eram vistas como pântanos insalubres, cortadas por rios desconhecidos, cheios de perigos e habitada por índios hostis. Viajar por terra dos altiplanos bolivianos aos vales do Acre não era nada fácil não existiam estradas nem caminhos, nada que pudesse referenciar uma rota conhecida, os

²⁸ A demarcação de uma estrada produtora de borracha era feito por uma equipe de dois ou três homens, composta por um “mateiro”, e um ou dois “toqueiros” cada um em sua função, o mateiro era um grande conhecedor das matas, sabe se orientar descobre a árvore de seringueira, encontrada a primeira seringueira, vate repetidamente nas abas de numa Sapopemba ou Sumaúma, o som ecoa, escuta-se de longe, é o sinal combinado. O toqueiro vá a seu encontro abrindo uma picada na mata a te se encontrar com o mateiro, a operação e repetida várias e várias vezes, numa caprichosa e variada geometria a estrada vá se desenhando, o mateiro sinaliza 150, 180 ou até mais seringueiras, o toqueiro derruba o mato entre elas uma largura de pouco mais de um metro, deixa a estrada pronta para o transito e uso do seringueiro. A estrada é esta ligada a existência do seringueiro, uma ida e volta que inicia e termina sempre no mesmo lugar, a barraca na boca da estrada. Um circuito fechado de uma geometria endiabrada, e sim todo dia em silenciosa solidão. BENCHIMOL, Samuel. *Romanceiro da batalha da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial Governo do Estado do Amazonas, 1992.

rios que vertiam suas águas em direção àquelas florestas eram estreitos, rápidos, pouco profundos e muitas vezes com quedas intransponíveis até para pequenas embarcações. Sabemos que a Bolívia tinha dificuldades de mandar expedições a essa região, pela própria carência de população disponível e pelo próprio desinteresse da população, não conseguia colonizá-la nem a explorar. Singrar os rios que nascem nos planaltos bolivianos, mesmo com pequenas embarcações também não era uma alternativa viável, pois este como já se mencionou vertem suas águas em direção aos rios brasileiros ou se adentram no território Brasileiro.

Se fizermos um planejamento de uma suposta viagem do altiplano boliviano a qualquer parte do Acre, para a interação de populações bolivianas na região, podemos verificar as dificuldades desta viagem²⁹ :

Figura 01



Mapa da Bacia do rio Madeira.

Fonte: Atlas Delta Universal. *Enciclopédia Delta*, 1980.

O rio Acre corre paralelamente ao rio Iaco em direção ao rio Purus, eixo principal de transporte e comunicações da bacia do rio Purus, que vai desembocar no Amazonas. Se pretendêssemos ir da bacia do Madeira, até os núcleos populacionais civilizados bolivianos naquela época, que se encontram as margens dos rios Orton, Beni, Madre de

²⁹ CUNHA, Euclides da. *Relatório da Comissão Mista Brasileira Peruana*. Rio de Janeiro, Itamarati, 1906.

Dios e Abunã, teríamos que descer o Madeira até sua foz, no rio Amazonas, e navegar Amazonas acima até chegar ao rio Purus. Neste, navegaríamos até atingir a foz do rio Acre e daí a Caquetá, antiga fronteira boliviana³⁰. Naquela época, para os bolivianos chegarem de La Paz, Cochabamba ou Sucre, ao vale do rio Madeira, que era para eles os pontos urbanos mais próximos viajando por terra, gastariam uma média de 15 a 20 dias, baseamos esta informação da viagem relatada pelo General Pando.³¹

Descendo pelo rio Madeira, de Santo Antônio do rio Madeira³², onde ele e navegável até o Amazonas se gastariam 6 dias de navegação em um navio tipo gaiola, subindo o Amazonas até atingir o Purus, gastava 3 dias, no Purus até chegar a foz do rio Acre uma média de 20 a 25 dias na época da vazante e 15 dias na época da enchente. Portanto, em média, para uma viagem dos altiplanos bolivianos até o rio Acre, levar-se-ia pelo menos entre 50 e 60 dias, na melhor das hipóteses, isto é, com disponibilidade de embarcações e portos de lenha abastecidos.

A viagem por terra também eram muito difícil e arriscada, além das dificuldades da decida do altiplano, a jornada na floresta era de uma caminhada penosa. A floresta é exuberante, nela crescem as mais altas arvores da América, emaranhada em grande variedade de cipós, imensas áreas compostas de igapós, pântanos e igarapés, onde se reproduzem os mais variados tipos de insetos nocivos, e infectada das mais terríveis doenças tropicais, bastante populosa de animais selvagens e índios hostis, onde forte calor húmido e colante castiga o homem branco. Esses vários elementos dificultavam a marcha do homem civilizado. Por estas e outras razões a região do Acre ficava desguarnecida e inexplorada pelos bolivianos. É bastante interessante a citação de Guillermo Francovich:

El contraste entre esta región y la andina es impresionante. Aquí se encuentran las llanuras cubiertas de vegetación, los bosques impenetrables los caudalosos ríos tropicales. En el sector Amazónico están las plantaciones de goma que a principios del siglo se convirtieron fantástica aunque efímera fuente de riqueza. En los sectores del centro y del sur se hallan los yacimientos petrolíferos que el país no consigue explotar debidamente, y por todas las partes se extienden

³⁰ *Carta do Território nacional do Acre a partir do Amazonas*. Organizada no Ministério das Relações Exteriores. Mapoteca do Itamarati. Rio de Janeiro, 1907.

³¹ PANDO, José Manuel. *El mayor General. D. José Manuel Pando: Su vida y sus Obras*. Tomo primero. Litografía e Imprenta Moderna. La Paz, 1978.

³² A localidade de Santo Antônio do Rio Madeira foi importante ponto de concentração de toda borracha extraída dos rios Beni, Mamoré Guaporé e região do alto madeira. Foi importante porto de atracação de navios do tipo gaiola. A história da localidade de Santo Antônio do rio Madeira e mais antiga do que a cidade de Porto Velho. O lugar hoje é apenas é um bairro anexado a Porto Velho capital de Rondônia. Fonte: Menezes, Erón Penha de. *Recortes de Jornal Alto Madeira História Antiga*, Porto Velho, 12/06/80; 12/06/83; 13/06/84.

los feroces campos propicios para el desarrollo de la agricultura y de la ganadería.³³

Esta citação de Francovich soa como justificativa de porque o desinteresse boliviano pelas “Tierras no descubiertas”, claro que si as facilidades de ocupação foram outras sem dúvida também seria outros os interesses. Embora a falta de almas para colonização é um elemento importantíssimo. No século XIX na América do sul, muitas nações se tornaram recentemente independentes do decadente Império Espanhol e suas fronteiras não eram totalmente definidas, precisando assegurar as tênues linhas fronteiriças através de tratados ou de acordos unilaterais reconhecidos pelos vizinhos. Muitas vezes, a contragosto e sujeitos à revisão e mudanças, segundo os interesses particulares dos assinantes (motivações econômicas, estratégicas, étnicas ou de outro tipo) tais fronteiras mudavam segundo a conveniências. Visto desta forma, deve-se perguntar se assim se asseguraria a terra? Um antigo dito espanhol (“*la tierra solo es tuya cuando la habitas con ganas y hombría*”³⁴), responde a meu ver esta pergunta: os bolivianos não estavam presentes no Acre!

Se para os bolivianos as viagens para o Acre era uma odisséia, tornava-se fácil para os brasileiros, poderiam alcançar as cabeceiras dos rios Juruá e Purus, entre 15 a 18 dias na época da cheia, saindo de Belém do Pará. Esta facilidade de viagem era garantida pelas rotas regulares de navios tipo *chatinha*, que eram pequenas embarcações, transportando entre 90 e 100 toneladas. De fundo chato permitiam a navegação mesmo nas vazantes até os altos cursos dos rios. Estas embarcações eram construídas com porões rasos divididos em setores estancos, que garantiam segurança de navegação nos rios mais secos, sujeitos a “tocos” enterrados nos leitos, se um setor furasse a chatinha continuaria navegando porque a água não invade os demais.

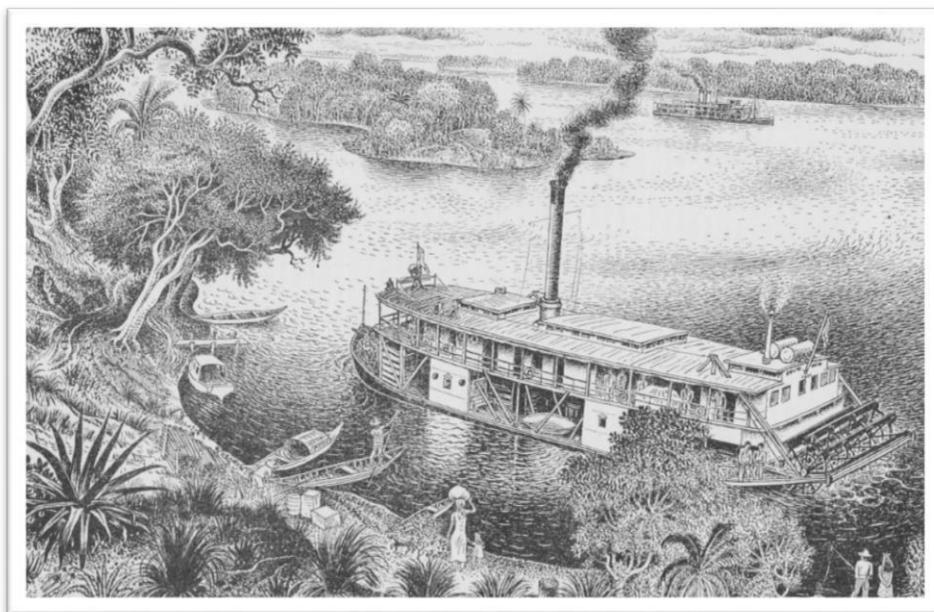
Os *gaiolas*³⁵, se tornaram uns dos barcos mais pitorescos da Amazônia e se incorporaram a tradição da navegação regional, de dois ou três conveses, camarotes ao centro, a borda era cercada entre os balaústres do segundo e terceiro, com uma grossa tela de arame sobre a qual correm resguardo de madeira servindo de proteção para os passageiros que costumavam se debruçar durante as viagens.

³³ FRANCOVICH, Guillermo. *El pensamiento boliviano no século XX*. México Fórum de Cultura Econômica, 1956, p. 22-30. *Apud*, Lima, p. 55-56.

³⁴ A terra só se possui quando é habitada com garra e coragem. Tradução livre do autor.

³⁵ Gaiola é um tipo de embarcação de construção inglesa ou holandesa, teve papel histórico importante no desbravamento da Amazônia. Sua missão ainda hoje é a de transportar carga e passageiros sobre as águas dos rios, de pouco calado, conseguem alcançar os pontos mais altos das cabeceiras dos rios.

Figura 02



Pequeno barco “gaiola” navegando num paraná a creano. ³⁶

A regularidade dos transportes garantia um fluxo cont uo migrat orio para a regi o, milhares de nordestinos se aventuraram e enfrentaram o desconhecido, nas matas acreanas. A Bol via, diante dos cont uos assentamentos desenvolvidos pelos brasileiros, demarcando mais e mais seringais, sempre avan aando para o interior seguindo os cursos de até e pequenos igarapé s, e cientes sobre o poder econ omico da regi o ³⁷ antes olvidada, mostrou grande preocupa o. Sua chancelaria uma vez mais foi enviada a tratar do assunto perante o Minist erio das Rela oes Exteriores do Brasil.

Em 1898, ocorreu a confirma o da Comiss o Demarcadora de Limites de que a regi o do Aquiri, ou Acre, ocupada por brasileiros, principalmente por “cearenses”, pertencia  Bol via ³⁸. Na tentativa de resgatar sua soberania, o governo boliviano instala,

³⁶ Fonte; <http://www.consciencia.org/gaiolas-e-vaticanos-transporte-na-regiao-amazonica>. Visitada em 05/02/2015.

³⁷ Em 1892 o Purus e o Juruá a exportaram mais da metade da borracha do Amazonas, cerca de 5.500 toneladas, cifra que aumentou em 1910 para 12.000 toneladas, ultrapassando a renda do long nquo e pequeno Territ orio do Acre a de todos os Estados da Federa o, exceto S o Paulo e Minas Gerais. Cf. TOCANTINS, 2000.

³⁸ O nome *Acre* origina-se de * quiri*, transcrita pelos exploradores desta regi o da palavra Uwakuru do dialeto dos  ndios Ipurin a), foi fundada em 28 de dezembro de 1882, pela Lei ou Resolu o Provincial n o 1, de 05-11-1855,  criado o distrito de Torres do Rio Bonito e anexado ao munic ipio de Rio Verde. Em 1904, ap s anexa o definitiva do Acre ao Brasil, foi elevada  categoria de Vila, tornando-se sede do departamento do Alto Acre. Fonte: IBGE. Quanto  denomina o de “cearenses”, conv em explicar que, quase sempre  utilizada de forma gen erica. Assim, o tratamento de *ceará a* ou *cearense* era frequentemente empregado para identificar um indiv duo de origem nordestina, escamoteando,

em 1898, um posto alfandegário na região. Em 23 de outubro do mesmo ano Don José Paravicini, representante da Bolívia no Brasil, foi instalar uma alfandega no rio Acre no lugar hoje denominado Porto Acre ou Porto Alonso, colocando como sentinela uma guarnição de soldados bolivianos para resguardar os interesses do país andino. A maneira de arrecadar tributos pela delegação de Paravicini e a intensa agilidade como trabalhava foi calcificada pelos comerciantes da região e pelos críticos amazonenses como abusiva e irregular, a cobrança dos impostos de todos os navios que zarpavam dos seringais com destino a Manaus e Belém variava de 15 a 40 %, de acordo com o tipo de freguês³⁹. Onerando e esmagando as economias regionais. Para fazer que os habitantes da região reconhecessem a soberania boliviana, foi estabelecida forte repressão, inclusive adotada a pena de morte que é válida na Bolívia. Embora não se tenha informações sobre a quantidade de suas forças, Paravicini se empenhou ao máximo em sua missão arrecadadora de impostos. Para maior êxito de sua missão, o representante boliviano baixou vários decretos referentes a finanças outro importantíssimo que era a abertura a navegação, que dizia: “Todas as nações que tivessem amizade com a Bolívia teriam acesso às vias fluviais dos rios Aquiri, Purus e Iaco, até onde fosse possível sua navegação”.⁴⁰

Todas as atividades de Paravicini tiveram aspectos negativos e tremendamente prejudiciais às populações locais⁴¹. Nesta abertura da navegação, o Brasil se posicionou a favor da Bolívia, alegando respeito recíproco de uma nação a outra na tomada de decisões dentro de seu espaço soberano e não deixou de aceitar a tomada de posição de ocupação por delegados bolivianos. Não tardaram em surgir reclamações por parte dos comerciantes de Puerto Alonso, o que desencadeou uma série de conflitos entre o governo boliviano e os seringueiros brasileiros. Os pioneiros acreanos se insurgiram contra as novas autoridades. Em todo canto as providências bolivianas de assegurar a soberania na região eram recebidas hostilmente, os brasileiros repudiavam o controle militar e

por vezes, a naturalidade de pernambucanos, baianos, sergipanos capixabas, maranhenses, piauienses, etc.

³⁹ LIMA, Manuel Ferreira. *O Acre: Seus aspectos físicos e geográficos, socioeconômicos, históricos e seus problemas*. 2ª ed. Rio Branco, Acre: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

⁴⁰ Idem. *Apud* RODOLFO, Luís. *Apreciação da Cotia*. Proposta do Ministério Boliviano sobre o valor das exportações do Acre. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Lata 203, pasta 10.

⁴¹ O historiador Leandro Tocantins se posiciona de forma diferente: [...] a política de Paravicini procurou agradar os produtores, evitando taxas excessivas ou mudanças radicais no sistema de trocas. [...] Paravicini, homem de larga visão ao assinar alguns de seus atos, teve aqui e ali, a intenção de reprimir muito despotismo da região praticado por certos seringalistas que exerciam e distribuíam justiça a seu talento, atos contra os quais nem sempre podiam agir as autoridades amazonenses de Floriano Peixoto. TOCANTINS, Leandro. *Formação Histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 220-221.

alfandegário imposto pelos bolivianos e demonstravam sua insatisfação diante da política brasileira que os tornava estrangeiros, em uma terra por eles desbravada. Os relatos de desobediência e rebeldia contra as novas imposições corriam de seringal em seringal. Os ânimos estavam muito exaltados, o descontento geral caminhava para a insurreição, não demorou muito em se tramar uma revolta, os bolivianos teriam que ser expulsos mesmo que os seringalistas tivessem que pegar em armas.

1.4. O ACRE É BRASILEIRO!

Em maio de 1899, os acreanos liderados por seringalista e advogado cearense José Carvalho, depuseram a delegação boliviana de Puerto Alonso. Dois meses depois o espanhol Luis Galvez Rodriguez de Aurias⁴², reunindo um grupo de seringueiros em Porto Alonso, que passou a se chamar de Cidade do Acre (Porto Acre). Liderou uma rebelião e chegou a proclamar a independência e instalou a República Independente do Acre em 14 de julho de 1899. Galvez, não perde tempo, contava com o apoio do governo do Amazonas, para o reconhecimento da República Independente do Acre, remeteu circulares a todas repúblicas interessadas em adquirir borracha, e uma correspondência especial ao Presidente do Brasil, nos seguintes termos:

[...] brasileiros na quase totalidade, os habitantes do Acre, o seu proceder lhes foi ditado pela condição triste em que ficaram de perder a sua pátria primitiva. Entre o Brasil e a Bolívia não podiam vacilar e já que não podiam ser brasileiros, resolveram não ser bolivianos [...].⁴³

Apesar de movido por interesses próprios de certo modo Galvez, chamava a atenção quando a não atendimento das reivindicações dos habitantes do Acre. Mesmo sendo importante para o Brasil a solução do problema do Acre, o presidente Campos Sales temia aventurar-se em uma dispendiosa questão para os cofres nacionais. O país vinha de um momento crítico época de deflação e crise geral, endurecimento dos regimes oligárquicos. O presidente estava partindo para a solução de graves problemas de ordem política, econômica e social que afligiam a Nação. A economia brasileira dependia de um

⁴² O historiador Boliviano Alfredo Z. Ayala, sobre a participação de Luis Galvez Rodriguez de Aurias, na questão acreana, conta que: El gobierno del Estado del Amazonas, Ramalho Junior (e no el Gobierno Brasileño), alimentaba el aventureiro español para que proclamara la rebelión del Acre (...). AYALA, Alfredo Z. *Historias da Bolívia em cuadros signoticos*. Editora Don Bosco. La Paz, Bolívia. 1980

⁴³ LIMA, 1995 apud BORIS, Fausto. *O Brasil Republicano. Estrutura do Poder e Economia (1889 – 1930)*. São Paulo, Difel, 975. Tomo SI, p. 378-390.

reduzido número de produtos agrícolas. O café na região Sudeste, era o mais importante, o açúcar, algodão e cacau no Nordeste. O ponto comum dessas culturas era que todas eram de exportação, e, portanto, os efeitos multiplicadores de uma expansão dessas culturas, para o Sistema Econômico Nacional estava sujeito ao crescimento da demanda externa.

A atividade extrativista da borracha nativa da Amazônia assemelhava-se as culturas acima apresentadas, somente no que se relaciona ao mercado demandante isto é produto básico para exportação, já que a manufatura da borracha era praticamente inexistente no Brasil, e se destinava para exportação em natura a totalidade da borracha produzida na Amazônia. A sua aplicação, não em tanto, diferenciava-se dos aqueles citados. O café e o açúcar eram produtos de consumo, seu preço sujeito a bruscas alterações de demanda e de oferta e o Brasil tinha muitos países competidores neste mercado.

A produção da borracha era diferente dependia da transformação de diferentes setores produtivos da indústria manufatureira. O seu emprego não apenas estava relacionado ao avanço tecnológico nas indústrias químicas, mais também a indústria automobilística. A importância por tanto da borracha tanto para o Brasil como para a Bolívia, tinha uma grande relevância na época quando ambas as nações lutavam por encontrar um equilíbrio de suas economias, embora se verificasse uma maior necessidade da Bolívia do que do Brasil.

Campos Sales determinou que as relações políticas entre o Brasil com a Bolívia fossem realizadas através do seu Ministro Olinto Magalhaes. As denúncias de Galvez sobre o possível arrendamento do Acre, por parte da Bolívia foram acolhidas com certo descrédito e grande desinteresse. O presidente não queria entrar em desentendimento com a Bolívia, pensando nos grandes gastos do dinheiro público, analisando vantagens e desvantagens se concluiu que qualquer intervenção no Acre seria prejudicial para as Finanças Nacionais.

Porém novas reclamações da Bolívia surgiram em relação às atividades de Galvez. Um comunicado oficial da Bolívia ao governo brasileiro requeria para que reprimisse energicamente toda a cumplicidade de cidadãos brasileiros com as pretensões do aventureiro espanhol e a dos rebeldes do Acre, solicitando, todavia, que os principais autores do Amazonas, sendo identificada sua participação no ato de rebeldia sejam punidos. Pedem permissão ainda para fazer o transito de forças de guerra nos rios Madeira, alto Amazonas, Purus e Juruá.

O governo brasileiro signatário do Tratado de Ayacucho de 23 de março de 1867 reconhecia o direito de posse da Bolívia e entendia da sua necessidade de navegação pelos rios, porém não permitiria que forças militares estrangeiras transitassem livremente em território ou em águas brasileiras. O Governo da Bolívia precisava fortalecer sua estrutura política e incrementar sua economia, decidiu resolver de modo definitivo essa questão e desenvolver o mais breve possível essa promissora região. Um forte exército foi organizado e enviado por terra, em longa e difícil caminhada, porém o objetivo estava traçado, firmar de vez a soberania na região do Acre, custe o que custar.

Essa tomada de posição boliviana preocupou o governo brasileiro, temia por uma guerra sangrenta e duradoura. No sentido de evitar graves problemas que abalariam o relacionamento com a Bolívia, o governo brasileiro enviou tropas militares para a região com o objetivo de pôr fim à crise, prendeu Luis Galvez Rodriguez de Aurias e devolveu o Acre ao governo boliviano, com isso provava a solidariedade e o respeito do Brasil por seu vizinho.

O fracasso de Galvez não trouxe sossego nem aplinou os ânimos dos amazonenses. Ao contrário, Manaus foi tomada de agitação e fervor patriótico. Cismaram que o Acre tinha que lhes pertencer e a mais ninguém. Também o governo amazonense que não deseja perder as vultosas rendas da borracha Acreana, em meio aos discursos inflamados e caminhadas cívicas, contando com a simpatia do governador Silvério Néri, decidiram organizar a "Expedição Floriano Peixoto". Batizaram-na de "Expedição dos Poetas" devido ao elevado número de jornalistas, boêmios e versejadores que dela fizeram parte, tais como Dom Epaminondas Jacome, Vitor Francisco Gonçalves e Trajano Chacon, todos empolgados pelo jornalista Orlando Correa Lopes, que ambicionava proclamar a Segunda República do Acre. Nenhum deles tinha qualquer tipo de experiência que os qualificasse para a missão, muito menos para ir lutar nas veredas da selva remota. Logo, não causou surpresa o total malogro deles quando, recém-chegados ao Acre a bordo do vapor "Solimões", em 29 de dezembro de 1900, foram rapidamente batidos pela guarnição boliviana de Puerto Alonso. Os minguados integrantes da expedição foram facilmente dispersados a tiros de canhão, retornando pouco depois à Manaus. Nem Galvez nem os poetas da capital haviam conseguido reverter o quadro: o Acre continuava nas mãos da Bolívia a contragosto dos "cearenses" e amazonenses.

O governo de La Paz se viu acuado mesmo tendo repellido militarmente as aspirações de conquista manauaras, reconhecia a sua incapacidade para assegurar seu domínio numa terra cuja população era quase totalmente brasileira. Tenta arrendar as

terras a um sindicato anglo-americano interessado na indústria da borracha, o *Bolivian Syndicate*, que seria beneficiado com isenção de impostos para a exploração e exportação de borracha. A suspeita denunciada por Galvez estava prestes a ser realizado, um acordo comercial com o sindicato anglo-americano abriria espaço para que os Estados Unidos e a Inglaterra interferissem na região, inclusive militarmente, com a escusa de estar garantindo seus investimentos e interesses comerciais.

A transação exaltou os ânimos regionais, com o apoio dos governos do Pará e Amazonas e financiado por seringalistas brasileiros. O jovem agrimensor gaúcho Plácido de Castro liderou uma rebelião em agosto de 1902, conhecida como Revolta do Acre.

Veio-me a mente [declarou ele em documento escrito] a ideia de que a Pátria brasileira ia se desmembrar, pois ao que a meu ver aquilo não era mais do que um caminho que os Estados Unidos abriam para futuros planos, forçando desde então a lhes franquear a navegação dos nossos rios, inclusive o Acre. Qualquer resistência por parte por parte do Brasil ensejaria aos poderosos Estados Unidos o emprego da força e a nossa desgraça em breve estaria consumada. Guardei apressadamente a bussola de Casela de que estava me servindo, abandonei as balizas e demais utensílios e sai no mesmo dia para as margens do Acre.⁴⁴

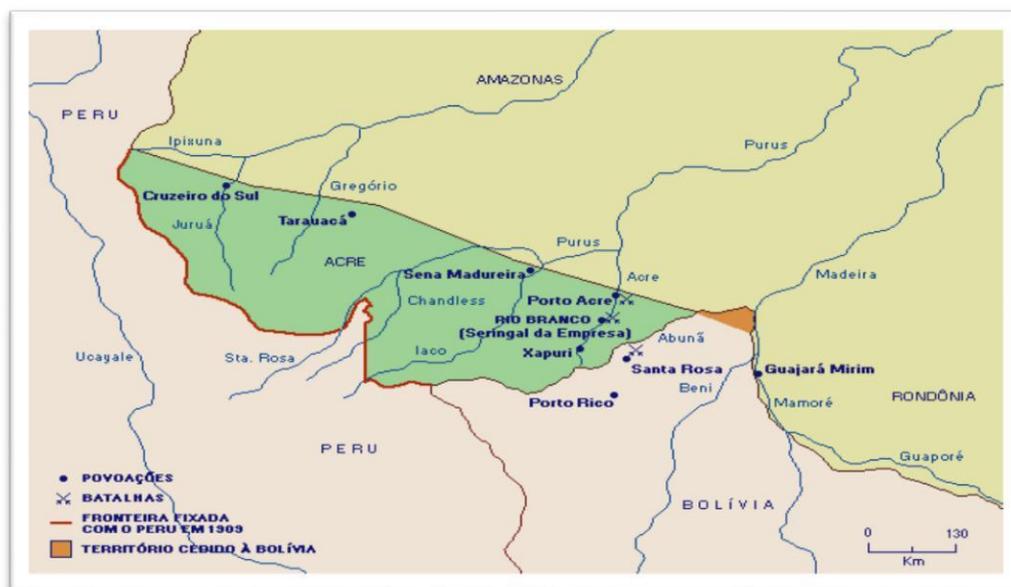
No Brasil a população que acompanhava o conflito, aflita, em ardente patriotismo, não deixava de manifestar seu apoio aos seringueiros, entusiasmada com a bravura dos infantes de Plácido. Assim sendo, quando o governo da Bolívia na presidência do general José Maria Pando (1899-1904) empenhou-se numa mobilização de tropas, acenando com uma grande marcha para o Acre para ir recuperar o terreno perdido e dar fim nos "flibusteiros brasileiros", a habilidade do Barão do Rio Branco entrou em ação.

O intento do chanceler era encontrar um caminho alternativo que evitasse o confronto sangrento entre os dois países. O resultado bem-sucedido disso foi o Tratado de Petrópolis, firmado em 17 de novembro de 1903, o Brasil e a Bolívia assinam o Tratado de Petrópolis. Por esse Tratado, a área do atual Estado do Acre foi anexada ao território brasileiro, mediante pagamento de 2.000.000 de libras esterlinas e ainda o Brasil se comprometeu a construir uma ferrovia, margeando os rios Madeira e Mamoré, no trecho encachoeirado, entre as atuais cidades de Porto Velho e Guajará Mirim. E a área entre os rios Madeira, Abunã e a linha geodésica Cunha Gomes, que pertencia ao Brasil, foi anexada ao território boliviano. A assinatura deste tratado punha fim ao processo de descobrimento e colonização do Acre e as causas históricas, no episódio de fronteiras

⁴⁴ Cf. TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia*. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.

mais sensacional vivido pelo Brasil, este processo de colonização iniciado por os corajosos nordestinos, concluído pela estratégia guerreira de Plácido de Castro e consumado pela habilidade diplomática do Barão Rio Branco, garantiu os mais de 150 mil km² que formavam o Acre pertenceriam definitivamente ao Brasil.

Figura 03



Mapa da região do Acre segundo o tratado de Petrópolis. Em verde área anexada ao Brasil em marrom, área anexada à Bolívia. Fonte; História do Acre, Biblioteca da Floresta Rio branco AC.

A ocupação do Acre, não esbarrava apenas nos problemas fronteiriços com a Bolívia, Brasil e Peru e seus acontecimentos históricos, a ocupação desordenada por um grande contingente de homens, a demarcação de áreas de seringais, as notícias de fácil enriquecimento, a chegada indivíduos que pouco ou nada tinham a perder, originou uma série de problemas sociais, econômicos e políticos graves, que envolvem violência e morte de seringueiros e seringalistas, massacres e genocídios de índios. O Acre agora brasileiro pelo direito da compra se tornou verdadeiro faroeste. Uma terra em constante movimento humano a procura de espaço e riquezas.



CAPITULO 2
O CONTEXTO DAS CORRERIAS

CAPITULO 2 O CONTEXTO DAS CORRERIAS

No desearás la casa de tu prójimo, ni su mujer, ni su siervo, ni su sierva, ni su buey, ni su asno; nada de lo que le pertenezca.

Êxodo 20, 17

2.1 CORRERIAS ONTEM E AINDA HOJE

Muitos e diferentes povos indígenas já habitavam as terras do Acre, antes mesmo da chegada dos europeus ao Brasil. No século XIX existia no Acre mais de 40 grupos indígenas. Independentes e autossuficientes tinham sua própria história, seus modos de vida, sua cultura e tradições, sua religiosidade e sabedoria e também suas intrigas e guerras. Os povos indígenas em questão que apresentamos como sendo Povos Indígenas do Acre, divididos ainda em dois troncos diferentes de família linguística: Pano, que habitavam a região do rio Juruá e Aruák⁴⁵ que dominavam a bacia do rio Purus são os seguintes; Pano: Poyanawa, Nukini, Jaminawa, Kaxinawá, Katukina, Shanenawa, Yawanawa, Arara, Jaminawa Arara, Nawa, Kontanawa, Kaxarari; Aruák: Kulima, Arawa, Ashaninka, Apurinã, Măxineri.

Muitos destes povos desapareceram, subjugados pela violência e doenças trazidas pelo branco⁴⁶, graças a sua força e coragem, alguns desses povos sobreviveram e até hoje lutam pela sua sobrevivência social e cultural.

Os primeiros rios acreanos a serem colonizados foram o Purus e Juruá, no Purus havia predomínio, mais não exclusivo, de grupos que falavam as línguas Aruák (Aruaque). Estes grupos pouco aguerridos eram comumente atacados e submetidos por outros mais fortes, estas hostilidades, faziam que habitassem a terra firme espalhando-se por diversos afluentes de ambas as margens do Purus.

Já nas cabeceiras do rio Juruá bem como na maior parte de seus afluentes, predominavam diversos e numerosos grupos da língua Pano. De caráter guerreiro, os panos conquistaram seu território através da guerra não só contra tribos de outras línguas,

⁴⁵ Aruák ou Aruaque, duas denominações diferentes utilizadas pelos pesquisadores para identificar os indígenas falantes deste tronco linguístico; Kulima, Arawa, Ashaninka, Apurinã, Măxineri, e outros

⁴⁶ As conotações; branco e não índio, serão utilizadas nesta pesquisa para definir indivíduos que não pertencem a nenhuma etnia indígena, sejam estes; brancos negros mulatos, peruanos, bolivianos, nordestinos, brasileiros, estrangeiros etc.

mas também contra grupos de mesmo tronco inclusive parentes próximos. Isso explica, em parte, a fragmentação que muitas tribos Pano apresentavam quando, na metade do século XIX, os brancos começaram a chegar à região.

Durante alguns milhares de anos as aldeias eram compostas por grandes malocas coletivas, os indígenas viviam da caça, pesca e do que lhes dava a floresta, estabelecendo um sutil equilíbrio ecológico e social na região. “*Eram milhares*” segundo afirmação de Castelo Branco⁴⁷. “O Gentio Acreano” introduz dizendo que, em 1892, “as tribos nuaruaques enchiam o vasto território entre o Madeira e o Ucayali, até as encostas dos Andes, residindo a massa principal entre os rios Purus, Coari e Juruá”. Esta afirmação quer provar que no final do século XIX, de fato as populações indígenas do acre eram muito numerosas e que os diversos grupos étnicos - Poyanawa, Nukini, Jaminawa, Kaxinawá, Katukina, Shanenawa, Kaxinawá, Yawanawa, Arara, Jaminawa Arara, Nawa, Kontanawa, Kaxarari, Kulima, Arawa, Ashaninka, Apurinã, Mãxineri, e outros – procediam de duas famílias dois troncos: ou de origem Pano ou Aruák. O mesmo autor, pesquisando manuscritos antigos, afirma que somente no vale do Juruá existiram, pelo menos, 50 tribos diferentes, ultrapassando o número de 150.000 indivíduos.

Com a implantação dos seringais, os índios tiveram suas terras invadidas e seu povo perseguido, expulso ou exterminado. No caso do Acre os primeiros exploradores chegaram a partir de 1840, primeiro aos poucos, desbravando e demarcando se apossando de áreas enormes, se identificando como donos dos lugares que se assentaram. Vieram por conta própria para demarcar seu próprio seringal, como seringalistas estes desbravadores “*empresários da borracha*”, tinham importante função a desempenhar no sistema produtivo do extrativismo da borracha, ele era o elo entre o seringal e as casas aviadoras de Belém e Manaus, financiadoras dos implementos necessários para montagem das safras, e aquisição das mercadorias para fornecimento dos “*machadinhas*” que viviam internados nas colocações e estradas.⁴⁸

As migrações se intensificaram nas décadas posteriores de 70 e 80 a “invasão do branco” vinda de três frentes: do lado brasileiro, peruano e boliviano. Milhares de

⁴⁷ CASTELO BRANCO, J. M. Brandão. “*O Gentio Acreano*”. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Vol. 27, Abril-junho. 1950, p. 3-77.

⁴⁸ Machadinha era uma denominação um tanto pejorativa utilizada pelos donos de seringais quando se referiam aos peões seringueiros encarregados de cortar as árvores de seringa para extração do látex. Esta denominação a encontramos com frequência em artigos sobre seringais, anúncios de renda e de venda de seringais e outros assuntos relacionados com borracha, espalhados nas páginas do Jornal Pátria. Este jornal feito por cearenses e dirigido principalmente a comunidade cearense de Manaus, circulou na capital apenas no ano de 1899.

trabalhadores vieram contratados e recrutados como mão-de-obra “livre” nos campos flagelados das secas, nas vilas e povoados do sertão nordestino, homens vindos de toda parte do Brasil e do mundo, iniciaram a subir os rios, embarcados em porões de navios, amontoados nas improvisadas e precárias hospedarias de emigrantes e depois mandados nos porões das *gaiolas*, *vaticanos*, e *chatas*, para trabalhar nos imensos seringais em suas margens. O ideário destes homens era fazer fortuna nas matas amazônicas, num ambiente totalmente desconhecido para muitos deles. Para não fugir da lógica de todas as “conquistas” esta também era motivada por um móvel econômico, as seringueiras e o caucho atrás da borracha, o “*ouro negro*”, corriam nordestinos, peruanos e bolivianos.

Muitos foram os sonhos de fortuna, poucos a conseguiram. Os seringueiros começavam a trabalhar já endividados, em um ambiente hostil, tinham que aprender o ofício do corte, sangria, coleta e defumação do látex. Expostos aos abusos e violência do barracão, sua liberdade estava comprometida ao desempenho de seu trabalho, Euclides da Cunha⁴⁹ denuncia; “*o seringueiro trabalha para se escravizar*”. O sucesso do seringueiro era medido pelo seu saldo final da safra, o do seringalista pela quantidade de pelotas de borracha fina, entre fina, sernambi e caucho, que era enviado aos seus aviadores da Praça de Manaus e Belém.

Administrar um seringal era uma tarefa difícil e complexa que envolvia desde funções administrativas a controles produtivos, recursos humanos, passando por venda da produção, logística, segurança e aquisição de implementos, gêneros alimentícios, querosene, armas, cartuchos de munição, tijelinas, baldes, machadinhas, terçados. A manutenção e abertura de novas estradas eram preocupações de primeira ordem para o seringalista, pois incidia diretamente na produção e esta na rentabilidade do seringal. As novas estradas precisavam de novos braços para o trabalho, isto não era fácil de conseguir. A logística de coleta da produção precisava de varadouros que dessem acesso às colocações, além de burros e animais de carga, também de selas para transporte. A vigilância dos rios e seringais era contínua, primeiro para não ter desvio de produção e venda indevida a outros coletores alheios ao seringal e para evitar que seringueiros endividados fugissem sem saldar as dívidas. Porém para aumentar a produção de borracha era necessário o assentamento de novas colocações. A abertura do traçado de novas estradas implicava adentrar o interior da mata fechada aumentando a distância da sede do seringal.

⁴⁹ CUNHA Euclides da. *À Margem da História*. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. São Paulo, 2015.

No meio dessa “corrida”, estavam os índios que, em dificultando o avanço destas frentes pioneiras, eram simplesmente massacrados.

Em poucos anos, os povos nativos da região se viram cercados e quando cansados de lutar ou vencidos pela força das espingardas refugiavam-se nos lugares mais inacessíveis, para além das nascentes do rio. Vistos como obstáculos da exploração, os povos indígenas começaram a ser dizimados. Expedições armadas às chamadas *Correrias*, feitas com o objetivo de matar as lideranças das aldeias, matar os idosos, e aniquilar as crianças. As *Correrias* num senso comum entre os carius visavam apenas se librar de índios “incômodos” aprisionarem homens jovens de fácil dominação para serem utilizados nos trabalhos no seringal, obter mulheres para vender ou trocar como esposas e abastecer os prostíbulo de Iquitos, ou quando muitos jovens, aquelas que ainda não tiveram a primeira menarca, utilizá-las como empregadas domesticas na sede do barracão. Com tudo as *Correrias* eram muito mais que isto como se abordará mais adiante.

Entre 1880 e 1910, a demanda internacional de borracha crescia a cada ano. A cotação da tonelada de borracha bruta alcançara valores crescentes altamente atrativos para investidores, o ritmo de exploração da região só aumentou, levando ao extermínio inúmeros grupos indígenas, que por vezes eram exterminados por colaborarem com os não indígenas, se submetendo ao risco de doenças a qual não tinham imunidade, por outras resistindo à invasão de seus territórios; o que também só aumentava a perseguição.

Narram os primeiros desbravadores que em alguns lugares os exploradores dos seringais foram bem recebidos, como no baixo Acre entre os Apurinã⁵⁰, grupo indígena pacífico, de belo e elaborado artesanato, conhecedores da manipulação de cerâmica e cestaria. Nas décadas de 50 e 60 do século XIX houve várias expedições para reconhecer e mapear o rio Purus: nessa época segundo os relatórios, alguns Apurinãs já trabalhavam para os brancos. Na década de 1870 e, em 1880, o Purus já estava todo povoado de não índios, os Apurinãs tiveram inserções diferentes nos seringais: grupos inteiros foram mortos, alguns vendiam seus produtos, outros trabalharam como seringueiros, outros tiveram contato com não índios somente na época dos “soldados da borracha”. As histórias dos Apurinãs falam de doenças, mortes por sarampo e gripe, de massacres e torturas, da experiência de terem sido escravos, das relações pessoais, do compadrio, das batalhas e guerras pela terra.

⁵⁰ Fonte: *Povos Indígenas do Brasil*: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/apurinã>. Visitada em 12/10/2015.

Colonizadores peruanos relatam também, ter sido auxiliado pelos índios Katukina⁵¹. A região que habitavam rica em caucho⁵² (*Castilloa elástica*) e seringueira (*Hevea brasiliensis*) foi imediatamente invadida por peruanos e brasileiros, que chegavam de lados opostos. Os primeiros tiveram uma presença passageira, pois iam à busca da goma do caucho, obtida a partir do abate da árvore (*arrocho*), que, por isso, esgotou-se rapidamente. Já os seringueiros brasileiros estabeleceram-se sedentariamente, pois os cortes superficiais e regulares no tronco da *Hevea brasiliensis*, permitem a extração da borracha por tempo indeterminado. Nos primeiros anos do contato com os brasileiros, os Katukina viveram um período de deslocamentos constantes, tentando escapar vivos das "Correrias". Sem condição de se manterem reunidos, passaram a se deslocar pela floresta, vivendo da caça, coleta e de assaltos aos roçados que encontravam pelo caminho, tanto de índios como de não índios, pois não mais podiam fazer os seus, uma vez que seriam uma pista fácil que inevitavelmente, levaria os brancos de volta até eles.

Se no princípio os Katukina mostraram ser pacíficos, posteriormente, tiveram que ser vencidos ou batidos a força. Nos vales do Tarauacá e Juruá, escreve Brandão Castelo Branco “*só tivemos notícias de sua braveza, tendo havido reencontros em que ficaram bem demonstrados seu arrojo e bravura*” e novamente se multiplicaram as lutas entre índios e carius, das quais sempre saía vitoriosa o sarampo, a gripe ou a espingarda.

Chegam-nos relatos dos primeiros viajantes na área do Alto Juruá sobre os Kaxinawá, grupo indígena bem numeroso talvez o povo indígena de maior população do Acre que habita o vale do Tarauacá e a região de fronteira do Ucayali no Peru. Os primeiros relatos de viajantes na área do Alto Juruá consideram o rio Iboiçu principalmente, o rio Muru e Humaitá, os três afluentes do Envira e este afluente do Juruá como habitat tradicional do povo Kaxinawá antes da chegada dos seringueiros⁵³. Embora não se tenham registro ao que parece já no século XVIII colonizadores espanhóis vindos

⁵¹ Fonte: Povos Indígenas do Brasil: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/katukina>. Visitada em 12/10/2015.

⁵² É importante salientar que a fonte de produção do caucho é a *Castilloa elástica* e não a seringa (*Hevea brasiliensis*). De qualidade inferior a seringa, o caucho distingue-se pelo caráter itinerante de sua produção, que necessita de uma mobilidade permanente da força de trabalho à procura das árvores fornecedoras.

Contrariamente ao seringueiro, assentado no seringal e percorrendo diariamente as estradas de sua colocação para recolher o látex da hévea, a extração do caucho exige a derrubada da árvore e conduz a uma expansão territorial permanente da força de trabalho, à medida que a produção de cada área é esgotada. Os métodos de extração são diferentes e o impacto ambiental mais destruidor no caso do caucho.

⁵³ MACCALLUM, 1989; TOCANTINS, Leandro. *Formação Histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

do Vice-Reino do Peru, organizaram excursões à procura de escravos indígenas nesta região.

Na última década do século XIX, os Kaxinawá sofreram uma série de ataques e invasões de caucheiros peruanos em busca de árvores de caucho, essa onda invasora embora durada pouco mais de 20 anos foi gravemente predadora e violenta. Os exploradores trouxeram dentre outras coisas doenças e morte. A função dos mateiros não era apenas abrir varadouros para localizar pés de *Castilloa elástica* era também mapear a localização de *kupixavas* e roçados indígenas, com uma única intenção desbaratarem a pequena tribo e limpar a área de índios brabos, a violência era organizada, no relato do padre francês Constant Tastevin⁵⁴, testemunha ocular de uma *Correria* em 1925, atesta a selvageria que os índios “incômodos” eram expostos:

*Nada más fácil que querer acabar con una tribu incomoda: por la noche, mientras todos dormían en paz, se reunieron 30 hombres armados cerca de una maloca en forma de una colmena. Cada uno llevaba carabinas de repetición y un centenar de balas. Al nacer el sol, a la hora que los indios se levantan para hacer la primera comida y los preparativos para la caza, un grito ordenó a los asaltantes abrir fuego todos al mismo tiempo. Muy pocos de los indígenas sitiados consiguieron escapar: mujeres y niños que podían ser capturados vivos fueron atrapados; pero no se les perdonó la vida a quienes se mostraban indomables y sin miedo. Los más guerridos ejecutores de esas correrías resultaron ser peruanos semicivilizados de la región de Ucayali, interesados en la riqueza de los árboles de goma *Castilloa elástica*). Para ellos, un indio no era más que un ser irracional que podía ser muerto como un mono.*

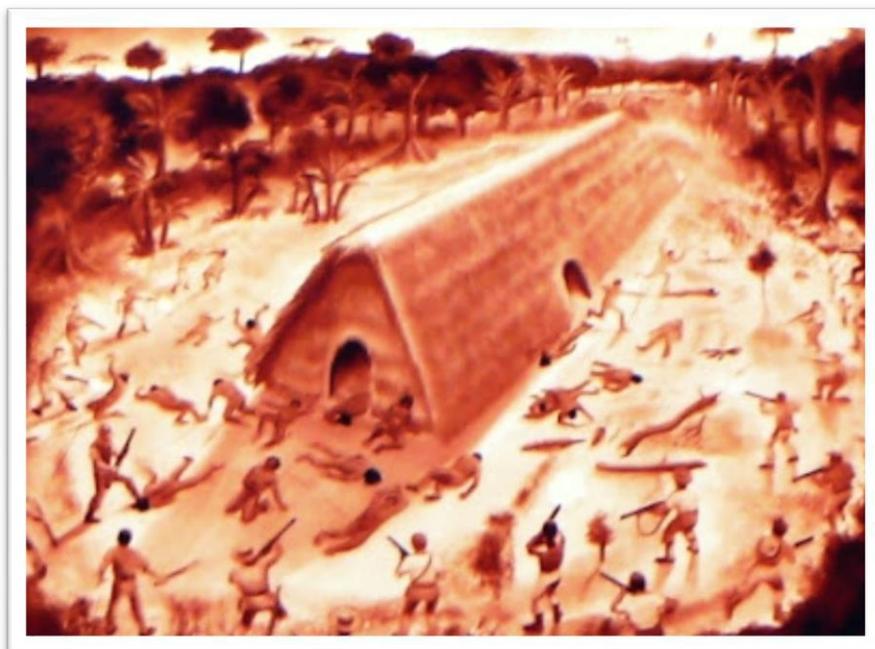
A reação dos Kaxinawá era recíproca, roubar assaltar incendiar as colocações e também matar os seringueiros que topavam em seus constantes deslocamentos. Porém alguns grupos cansados e acuados deixaram-se “amansar” pelos seringalistas. Foi o que aconteceu com o grupo Kaxinawá do rio Ibouçu, que aceitou trabalhar para o pacificador de índios Felizardo Cerqueira⁵⁵. Praticando o escambo, Felizardo os levou para a cabeceira do Envira e de lá, em 1919, para Tarauacá, onde foram usados como “pistoleiros” no massacre dos Papavó⁵⁶. Em 1924 foram levados por Felizardo até o rio Jordão, onde estão até hoje.

⁵⁴ FAULHABER Priscila & MONSERRAT, Ruth (Org). 2008. Tastevin e a Etnografia Indígena. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI. Série Monografias. CARNEIRO. Manuela Da Cunha (Org.). 2009. Tastevin, Parrissier. *Fonte sobre Índios e Seringueiros do Alto Juruá*. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI. Série Monografias.

⁵⁵ Felizardo Cerqueira atuava na região de vale do Tarauacá como comerciante, seringalista e pacificador de índios foi responsável pela pacificação de vários grupos de Kaxinawá. No capítulo III faremos um abordagem mais detalhada sobre sua atuação com este grupo indígena.

⁵⁶ Por o nome Papavo são identificadas comunidades indígenas isoladas que pertencem a quatro grupos distintos (Mashco, Kulima Amahuaca e Yawanahua. As lutas fazem parte das suas tradições. Contatos hostis e recíprocos com os Kampa, sendo que os Papavo costumam praticar saques nas aldeias dos Kampa.

Figura 04

Cena de uma *Correria* segundo o testemunho do padre francês Constant Tastevin (1925)

Os Kaxinawá do Ucayali ficaram na mata virgem, longe dos rios navegados pelos comerciantes. Eles preferiam o isolamento que o contato com o não índios, embora isso implicasse menor acesso a utensílios de metal e eventuais armas. Através dos Yaminawa⁵⁷ eles conseguiam algumas ferramentas, terçados machados e outras coisas, mais ao que parece em meados dos anos 1940, sentiram a necessidade de maior quantidade de ferramentas e armas, decidiram procurar uma aproximação com comerciantes brancos e mandaram um grupo de seis homens para o rio Tamaya⁵⁸ para negociações direitas.

Em 1946 um comerciante brasileiro visitou o Kaxinawá, eles adquiriram mercadorias industrializadas, machados de aço e espingardas em troca de madeira e caucho, mas também levou alguns jovens para trabalhar com ele.⁵⁹

Com os Kulina, os Papavo mantêm uma relação pacífica. Os Papavo também costumam realizar pilhagens em acampamentos de madeireiros. Fonte: Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour; CIMI. *Povos do Acre: História indígena da Amazônia Ocidental*. Rio Branco: CIMI/FEM, 2002.

⁵⁷ Os Yaminawa pequeno grupo indígena pertencente também à família linguística Pano, vivem no Alto Juruá, no município de Marechal Thaumaturgo. Sua economia é baseada na agricultura de subsistência e toda família é envolvida no processo produtivo. Os homens fazem a derrubada das matas e as mulheres plantam e cuidam do roçado. Atualmente vivem um processo de retomada de sua organização sócio-cultural. Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yaminawa>

⁵⁸ Rio Tamaya afluente do rio Ucayali na região do mesmo nome no Peru. Localização geográfica; Latitude - 8° 59' 04" S. Longitude - 73° 11' 53" W.

⁵⁹ KENSINGER, K. M. *Cashinahua*. Oxford University. London, 1973.

Estas duas narrativas que envolvem a etnia Apurinã e Kaxinawá, apresentam comportamentos muito semelhantes entre os dos dois grupos indígenas no que se refere a sua aproximação com o colonizador não índio, podendo também ser espelhados nas leituras realizadas de outros grupos indígenas da região de Tarauacá e entre os vales do Purus e Juruá. Sem dúvida que o contato entre as duas raças foi violento, máximo quando a raça “civilizada” partiu para cima dos índios com intenção de subjugá-la, através da força das armas, das doenças e do trabalho compulsório, as *Correrias* utilizadas como forma violenta de obter o controle sobre determinadas áreas de interesse econômico para a indústria da borracha, madeireira e implantação agropecuária no Acre. As correrias foram um genocídio humano, cultural e social de várias etnias na região de Tarauacá entre as cabeceiras dos rios Purus e Juruá e seus tributários; Muru, Envira, Jordao, Gregório, Liberdade.

Nesta pesquisa partimos do pressuposto que as correrias eram represarias armadas contra indígenas realizadas por patrões seringalistas para proteger os trabalhadores (seringueiros) alocados nas “estradas” traçadas dentro dos seringais que serviam para se deslocar diariamente no corte das árvores gomíferas.

O seringueiro normalmente morava com a família em lugar afastado, podendo chegar a três ou quatro dias de caminhada a distância entre sua colocação e o centro de colheita da borracha produzida, que era o barracão do seringalista. Sozinho, apenas contando com a família⁶⁰ a sua volta. Esta condição de isolamento tornava-o foco da curiosidade e ações de indígenas, que aproveitando a sua ausência por motivo do trabalho onde diariamente deveria percorrer vários quilômetros, seus pertences, farinha, conservas, ferramentas, roupas e outros objetos da casa eram roubados e frequentemente a casa incendiada. Às vezes era estabelecido contato visual próximo, onde o seringueiro disparava sua espingarda, por outra o seringueiro era emboscado podendo ser ferido ou morto pelos índios.

Esta atitude carecia de uma represaria ou punição, para isso existia grupos especializados, capitaneados por matadores que conheciam a região e poderiam rastrear os indígenas até suas habitações. Logo eram chamados e enviados atrás dos índios

⁶⁰ No primeiro *boom* da borracha entre 1870 / 1920, entre os emigrantes nordestinos que compunham os trabalhadores das colocações na produção gomífera - poucos vieram com família, alguns constituíram família, casando-se com mulheres indígenas procedentes de trocas ou raptos das aldeias próximas as colocações. Já situação diferente foi verificada durante os anos de 1942/1945 e posteriores, onde muitos nordestinos foram enviados como soldados da borracha e chegaram nos assentamento trazendo família; esposa e filhos principalmente. BENCHIMOL, Samuel. *Romanceiro da batalha da borracha*. Imprensa Oficial Governo do Estado do Amazonas. Manaus, 1992.

transgressores para dar-lhes uma lição, um escarmento, que geralmente consistia na aniquilação daquele grupo e a destruição dos roçados e queima das malocas. Os poucos indígenas que escapavam de morrer, índias jovens e meninos úteis para o trabalho eram levados, para o centro de coleta (sede do seringal) onde eram amansados e integrados ao convívio do grupo de seringueiros.

Figura 05



Fotos tiradas na expedição de Euclides da Cunha ao Acre entre os anos de 1904 e 1905.

Figura 06



Grupo brasileiro organizado e armado para realizar correrias (1945)
Fonte: Biblioteca da Floresta. Rio Branco Acre.

Figura 07



Grupo de índios peruanos comandado por um capataz de Barbados a serviço da Casa Arana (1905).
 Fonte: Biblioteca da Universidade Jorge Tadeo Lozano. Bogotá Colômbia.

Na ocasião já perfilamos que as *Correrias* como ato de guerra ou punição não se limitava apenas a estes episódios de repressão paramilitar, e que envolvia além da ganância dos empresários estabelecidos na região, outros enfoques menos claros que precisavam de uma investigação mais depurada, e questionamentos novos foram surgindo.

Uma das primeiras certezas, que trouxe à tona está investigação, é que as correrias não eram apenas um episódio regional, longe disso, abrangendo aqui na Amazônia Ocidental desde o Equador até a Bolívia, incluindo Colômbia, Peru e Brasil.

Por citar alguns destes episódios iniciaremos mencionando na fronteira do Equador com o Peru e Colômbia, o extermínio sistemático dos índios da etnia Shuar Chamados também de Jibaro, pesquisados pelo antropólogo francês Phelippe Descola⁶¹. Conhecidos como uma aguerrida etnia amazônica, notáveis pela sua tradição de reduzir as cabeças de seus inimigos ao tamanho de uma laranja, seu território se estendia pelo norte do Peru e o sul do Equador. Os Jibaros sofreram com as invasões de seu território a procura de ouro, posteriormente sua terra foi devassada pelos caucheiros peruanos, o que originou contínuos e sangrentos enfrentamentos, principalmente, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Os Shuar resistiram com bravura e êxito às

⁶¹ DESCOLA, Felipe. *As lanças do crepúsculo*. Cosac Naify, São Paulo SP. 2006.

incurções dos guerreiros Incas e o ímpeto dos colonizadores espanhóis, porém não resistiram os winchesters papo amarelo.

No norte do Peru, concretamente ao leste do rio Caguán, entre os rios Caquetá e Putumayo, alguns caucheiros peruanos verificaram a existência de uma verdadeira “*tierra de promisión*”. Ali não apenas existia grande quantidade de árvores de vários tipos de caucho, (até o momento a área estava inexplorada), mas também grande número de comunidades indígenas com um mínimo de laço com a “civilização” e que poderiam ser utilizadas como braços na extração do látex.

De tal forma que diversos caucheiros penetraram através dos rios Caráparaná, Cahuinarí e Igaráparaná, fundando barracas e acampamentos para a exploração do caucho com ajuda de trabalhadores indígenas.

Em geral, os indígenas viviam em casas coletivas, praticavam a agricultura de roça caçavam e pescavam praticando estas atividades de forma itinerante, falavam-se várias línguas (uitoto, andoque, bora, nonuya) desconheciam o espanhol.⁶²

Em 1901 o comerciante peruano Júlio César Arana que anos atrás tinha percorrido a região do Putumayo mapeando seu potencial econômico em relação à exploração do caucho, instalou um centro de recolhida no local fundando a Casa Arana y Hermanos, embora alguns peruanos, estrangeiros, colombianos e brasileiros se aproximaram da empresa como trabalhadores e capatazes, não eram suficientes para a demanda da produção que o mercado exigia. Os Arana utilizando da força com a anuência do governo peruano, usando como justificativa a necessidade da presença nacional peruana como forma de reafirmar direitos de soberania sobre a região, que era também disputada pela Colômbia, partiram para a “caça” dos indígenas que habitavam a região.

Em entrevista realizada a Mr. Brown⁶³ capataz dos “*verdugos*” da Casa Arana por Joaquin Molano Campuzano⁶⁴ pesquisador da Universidade de Bogotá Jorge Tadeo Lozano; Mr. Brown comenta que a Casa Arana organizava *Correrias* com mais de 200 capatazes, que saíam com a encomenda da captura de índios para as diferentes caucheras. A companhia contava com 50 capatazes vindos das ilhas Barbados, com tudo a maior

⁶²Theodoro Konrad Preuss, etnólogo alemã que esteve numa comunidade Uitoto em 1914.

⁶³ John Brown, negro Brown ou Mr Brown, Americano nascido em Chicago no ano de 1873 neto de escravos migrou para o Peru, em 1903 foi contratado na cidade de Iquitos para trabalhar como capataz na organização comercial Casa Arana até 1911.

⁶⁴CAMPUZANO, Joaquim Molano. *Amazonia, mentira y esperanza*. Universidad de Bogotá, Jorge Tadeo Lozano. 1972.

parte dos capatazes encarregados das correrias eram os mesmos indígenas. Reproduzimos a seguir parte da entrevista:

(...) ¿Conoció a los dueños de la Casa Arana?

- Los conocí a todos, hasta los fundadores. Y nos explica que la casa Arana fue fundada por unos colombianos, los Calderón y el pastuso Benjamín Larrañaga. Estos se asociaron a los peruanos Julio, Lisandro y Abel Arana y Carlos Seminario, para constituir la firma “Larrañaga, Arana y Cía.”, que más tarde se convirtió en “Arana Hermanos” y después en “The Peruvian Amazon Co.”, con sede en Londres.

- ¿En qué año comenzó a trabajar en esa Casa?

- Me contrataron en Iquitos en 1903 y trabajé con ellos por todo el Amazonas, principalmente en los ríos colombianos, hasta 1911.

- ¿Cuántos indios trabajaban en la Casa Arana?

- Alrededor de sesenta mil indígenas.

- ¿Y cómo era la cacería de indios?

- La Casa Arana organizaba con unos 200 capataces partidas de caza para capturar indios con destino a las caucheras.

- ¿Y por orden de quién se hacían?

- Pues por orden de los altos empleados de la Casa.

- ¿Y quiénes eran los capataces de la Casa?

- Los mismos indios servían de capataces.

Seguí yo interrogándole y pregunté quienes flagelaban a los indios.

Se quedó pensativo y contestó:

- Como le dije, los mismos indios tenían sus capataces que eran los flageladores.

-¿y usted de quién dependía?

- Mi jefe era el peruano Abel Agüero. Pero los había de otras nacionalidades.

- ¿Cómo trataban los blancos al indio y qué salario le pagaban?

Por todo salario el indio recibía un pantalón y una camisa cada tres meses después de haber entregado su cuota de trabajo que consistía en muchos kilos de caucho. La comida tenía que procurársela el indio, pescando y cultivando la yuca para hacer la “fariña” en sus horas libres que, por ciento, eran muy escasas.

- Se dice que cuando el indio no cumplía con su cuota de trabajo lo azotaban con látigo. ¿Es cierto?

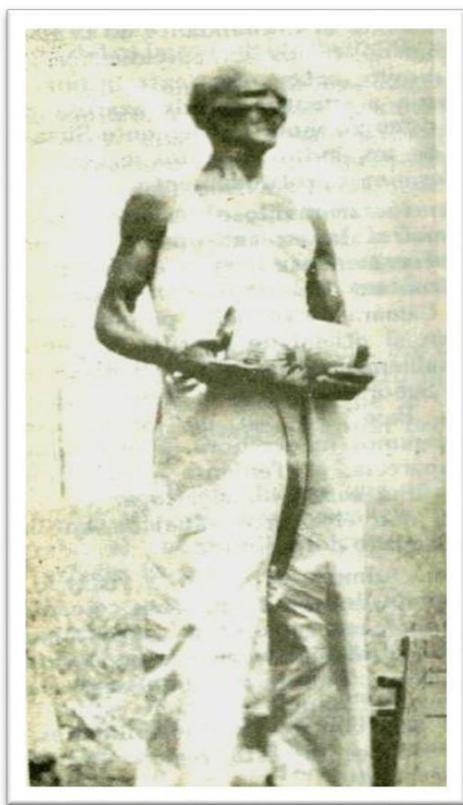
- Si no cumplía con sus obligaciones al indio lo azotaban sus mismos capataces con un látigo, hecho de cuero de danta, con cuatro chicotes en sus extremidades. Había muchos que no resistían el castigo y morían.

- ¿Cómo supieron en el mundo las atrocidades de la Casa Arana?

- Cuando la Casa Arana se transformó en la Peruvian Amazon Co vinieron Mr. W.E. Hardenburg y otro periodistas a quienes yo les denuncié los crímenes que estaban cometiendo los peruanos y les di todos los datos que sirvieron para publicar el Libro Rojo del Putumayo, publicado por el Gobierno Inglés, para relatar al mundo las atrocidades de la Casa Arana, en donde se afirma que en 10 años el número de los indios se redujo de 50.000 a 10.000, lo que dio un promedio de 4.000 asesinatos por año. Yo tenía un manuscrito con valiosos apuntes que me lo hicieron desaparecer los peruanos. Y también me quisieron asesinar. Pero un amigo me avisó a tiempo y me salvé milagrosamente. Mr. Brown cree que está viviendo en esa época y finaliza el párrafo: “Los peruanos me mascan pero no me pasan” (...).⁶⁵

⁶⁵ CAMPUZANO, Molano Joaquín. *La Amazonia Mentira y Esperanza*. Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, 1972.

Figura 08



Mister Brown

Figura 09

Júlio Cesar Arana⁶⁶

Os empregados da Casa Arana ou *Peruvian Amazon Company*. Como quiséramos denominar, assassinaram, dominaram e controlaram os aguerridos índios Shuar. Dizimaram várias etnias indígenas da região do Putumayo, por meio das *Correrias* os índios eram arregimentados a força, fugir era penalizado com a morte. Os capatazes contavam com um grupo de jovens indígenas a seu serviço que, ajudavam na supervisão do trabalho e participavam de forma ativa na captura de fugitivos, escravizaram em pleno século XX, até a década de 1930, os índios Uitotos entre a fronteira do Peru e Colômbia.⁶⁷

⁶⁶ Mister Brown e Júlio César Arana; figuras 08/09. Fotos Facilitadas por www.lorito.com.pe, visitada em 25 de setembro de 2015.

⁶⁷ O governo britânico comissionou a Sir Roger Casement, cônsul inglês em Rio de Janeiro, para que investigara no local dos fatos. Casement viajou ao Putumayo em 1910, percorreu em grande parte a área de La Chorrera. Entrevistou diretamente os capatazes negros provenientes de Barbados e constatou a situação dos indígenas e o funcionamento *Peruvian Amazon Company*. Apresentou ante o seu governo um detalhado informe no qual corroborava com as afirmações de Handeburg. Os índios, segundo seu testemunho, eram forçados a extrair o látex; se não entregavam as cotas exigidas pelos capatazes, eram amarrados no cepo, chicoteados e torturados.

Figura 10

Índios carregadores Uitotos em uma colônia da Casa Arana⁶⁸

No início do século XX a população Kaxarari⁶⁹ foi estimada em cerca de 2 mil índios⁷⁰. Desta época até o início da década de oitenta, os Kaxirary, mortos a tiros por caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros e vítimas de epidemias viróticas, ficaram reduzidos a pouco mais de 300 indivíduos⁷¹. Eles associam o início do contato com ações das *Correrias*, no qual a maioria de sua população foi exterminada. Marcam a sua história do contato em três períodos distintos: o “tempo das correrias”, o “tempo do cativo” e mais recentemente, o “tempo dos direitos”. As *Correrias* e o surgimento das doenças viróticas são lembrados pelos índios como um marco deste período:

Antigamente só vivia Kaxarari no Curequeté, Macurenem, Ituxy e Aquiry. Primeiro que veio foi peruano tirando caucho. Entrava nas malocas e matava muita gente na bala. Matava os homens tudim pra tomar a nossa terra, as mulher e as criança. No tempo dos peruano eles não livrava a cara de homem nenhum. Matava tudo na bala, no terçado e no porrete. O chefe dos peruano era um tal de Missael.

Depois apareceu os cearense trabalhando na seringa e metia bala também pra tomar as nossa terra. No tempo das correrias os branco tangia nós na bala. Aqui no Macurenem, no Curequeté tinha muito caboclo brabo. Aonde era mais gente que tinha. Não tinha outro. Só puro Kaxarari. Também morreram muito com sarampo, tosse-braba, malária, catapora, gripe e tuberculose. Não tinha remédio, não tinha nada. O resto morreu na bala mesmo. Bala doído. O resto que escapou, correu.

⁶⁸ Índios Uitotos. Fotos Facilitadas por www.lorito.com.pe, visitada em 25 de setembro de 2015.

⁶⁹ <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxarari/2085>.

⁷⁰ MASO, João Alberto. Os Índios Cachararys”. In: *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Tomo XXII e XXIV, pp. 98-10 (1909-1911).

⁷¹ A FUNASA contabilizou 318 indivíduos em 2010.

O Otávio Reis onde ele encontrou seringa e castanha, ele botou bala nos caboclo que já vivia ali, né? Um empregado do Capitão Valdivino matou esses caboclo mais velho tudim que ele encontrou pela frente. Amarrava os caboclo e metia bala. Ele era malvadeza. Os empregado do Capitão Valdivino que mais matava era o Anísio e um tal de Joaquim (...). Depois acabou esse negócio de correria, mas doença continuou ainda”.

(Depoimento de Antônio Caibú, no início dos anos 80).

Os Kaxarari rapidamente foram dizimados, os remanescentes, amansados e catequizados, foram incorporados como seringueiros. Era o tempo do “cativeiro” marcado pelo árduo trabalho do corte das seringueiras, obrigados a pagar a renda estradas de seringa que eles ocupavam, o baixo preço de suas produções de borracha e castanha, o alto preço das mercadorias, a ausência de saldo nas contas do barracão, a manipulação das contas de ajuste dos índios seringueiros, de forma a ficarem sempre em dívida com seus “patrões” de seringal.

Depois que acabou as correria, nós encontremo o patrão Matias Quaresma. Com o Matias não tinha que mexesse com nós. Nós fomos trabalhar pra ele. Foi ele que acabou de amansar a gente, os mais novo, né? Os mais velhos morreram tudo na bala mesmo.

Ele amansou nós pra botar no cativeiro. Fazer todo tipo de serviço pesado. Carregar borracha nas costas, tirar caucho nas costas, fazer varador, achar as madeira pra fazer estrada de seringa, varejar de ubá pra levar borracha e trazer as mercadoria dele da cidade, fazer canoa pra ele, apanhar castanha pra ele, botar roçado pra ele, pro Matias Quaresma.

Os mais novo foram aprendendo a cortar seringa pra ele. Trabalhava, trabalhava pra ele pra ganhar uma mudinha de roupa e mercadoriazinha. Nunca ganhemo nada, só doença e muitos morria à mingua.

Esse é o cativeiro que a gente chama. No tempo do cativeiro nós nunca recebia saldo e ainda era obrigado a pagar renda das estradas de seringa. Patrão não dava talão de mercadoria nem conta corrente. A gente trabalhava e só ficava devendo”.

(Depoimento de Artur César, no início dos anos 80)

Este período se estende até a década de 1970, quando foi instalada uma *Ajudancia* da FUNAI no Acre, e pela delimitação de sua área indígena por uma equipe de técnicos do órgão oficial (FUNAI) em 1978. Desta época em diante os Kaxarari passaram a tomar consciência de seus direitos, inclusive àqueles relacionados à posse efetiva de suas terras e aos meios suficientes e necessários para sua sobrevivência coletiva⁷².

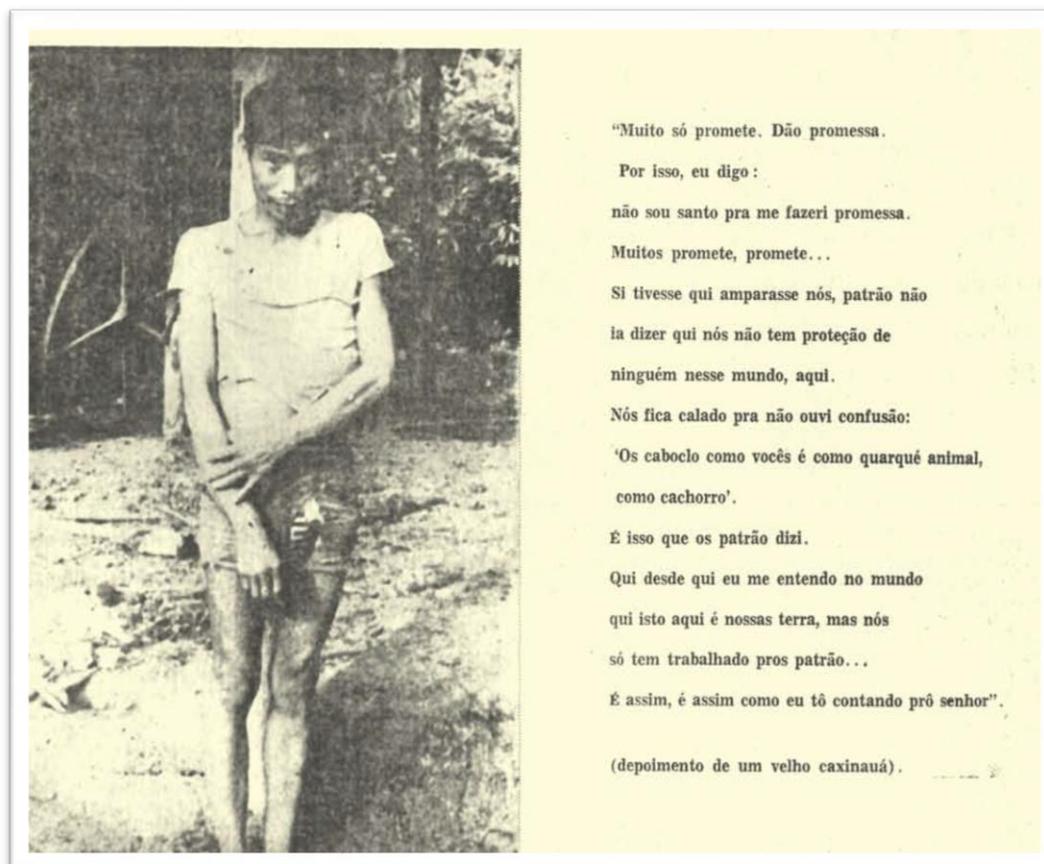
No Brasil na linha fronteira com Peru, no atual Estado do Acre, concretamente na região de Tarauacá (recorte geográfico da pesquisa de nossa dissertação) foram aniquiladas, dizimadas ou no mínimo desbaratadas várias etnias indígenas de população menor. Os índios Kaxinawá (comentados nas paginas anteriores), sobreviveram ao genocídio por serem uma população numerosa, porém tiveram que abrir mão de sua

⁷² AQUINO, Txai Terri V. de. *Os kaxarari*. Relatório de avaliação. CPI-Acre, 1985.

cultura. “Catequizados” foram integrados nos seringais, utilizados como trabalhadores seringueiros ou mateiros.

Vejamos o depoimento de um velho Kaxinawá impresso no recorte jornalístico:

Figura 11



Fonte: Recorte do jornal *O Varadouro*. Ano I – Número 1 – Rio Branco, Maio de 1977.

Leremos a continuação à dramatização de uma *Correria* relatada por índios Kaxinawá, no mesmo jornal.

Todo ficava agitado no seringal, a arrumação levava vários dias, o patrão vivia resmungando e ameaçando. Não era sem motivos a expectativa era grande e isso o deixava furioso, passava um tempão no armazém, revisando as fichas de produção, revisava, conferia e fazia números e mais contas e contas, sobre folhas de papel, só ele entendia aquelas contas. Notícias corriam que o preço da borracha tinha aumentado em Manaus, a procura era grande. Embora os preços já estivessem acertados e fixados pelo governo, sempre seria possível apresentando uma boa carga barganhar melhores preços.

A guerra consumia muita borracha, sempre estava faltando, quem tivesse para

ofertar seria o dono do mercado. Um novo contingente de arigós tinham chegado à sede, prontos para trabalhar e com débito a ser liquidado. Isso não poderia demorar, quanto mais demora mais débito e mais difícil de liquidar, embora isso não fosse nenhum problema.

Problema mesmo era essa peste de cabocos preguiçosos, sempre atrapalhando, escondidos no meio das matas, assustando os *arigós*⁷³, tinha que acabar com esse fuxico do centro que assustava os infelizes que chegavam para o fabrico da borracha. Que diabo, bando de cabras frouxos!

Que merda a borracha alcançara preços nunca vistos, eram os americanos que compravam metidos em uma guerra medonha. Ruim pra uns, bons pra os outros, ao diabo que se danem, para o inferno aquele bando de inúteis preguiçosos, bala neles, eu quero borracha, muita! muita! E que ninguém me atrapalhe!

Era visível a irritação do patrão, gritando e praguejando, não escapava ninguém nem as crianças pequenas que estavam brincando na varanda da casa do seringalista, menino vai, vai.... Vai pra tua casa, vá ajudar tua mãe, vá trabalhar! Depois gritava pelo caixeiro do armazém, dando ordens, reúne a moçada, todos os bons, quero aqui Adonias, Virgílio, Pipeta, Ananias, Zé, Felipe, Ambrósio e os outros cabras machos. Podiam ser 20 ou 30 homens, já tinha decidido, iria dar um susto, umas carreiras nesses cabocos desaforados que insistem em ficar com abusada rebeldia, pior pra eles, chumbo grosso, que se danem. Já chega de atrapalhar a expansão das estradas.

O patrão tinha elaborado um plano, entre contas e riscos tinha desenhado em forma de mapa e números sua trama. Assim seria feito, nos dias seguintes, homens afoitos preparavam-se para partir, no terreno limpo enfrente a morada do seringalista os homes se apinhavam todos juntos. A conversa que tinham, era conversa de desgraça e morte, a danação estava sendo tramada. O seringalista com uma vara desenha no chão riscando na terra batida o plano de ataque, o traçado fácil das casas arredondadas dos cabocos, apenas com duas portas, já era conhecido pois se repetia nos anos desde o começo do século com os mesmos personagens. Bastava apostar uns quatro aqui, seis acolá, dois na senda da roça, seis em cada porta e uns 10 rodeando a maloca, por se acaso alguns saíssem pelas laterais. O plano era simples; todos conheciam como executá-lo pois não era a primeira vez para muitos do grupo, os novatos apreenderiam, para estes são dadas ordens e instruções complementares; sem piedade índio é bicho do mato e é brabo têm que saber

⁷³ Os nordestinos já fossem cearenses, pernambucanos capixabas ou de outros estados, eram conhecidos no Acre como arigós pelos não índios e cariús pelos índios.

amansar, sem piedade. Na hora e só atirar com vontade não deixar escapar nenhum, mulher jovem e criança se quiser pode agarrar amarar e amansar ou criar, sabe Deus se vão prestar. Homem não, pois são perigosos, melhor não confiar, mete bala neles, somente os mais quietos e medrosos se moços e sadios, deviam-se amarrar e por no cabresto, o patrão queria uns poucos para trabalhar na engenhoca, e umas moças jovens e bonitas, para ser ama dele e fazer de um tudo na casa, era para levar pelo menos três para ele escolher.

A saída era marcada para o amanhecer, ao raiar o dia já teria que estar remando rio à cima, umas seis horas de “remadeira” até chegar à prainha, lá ficariam as canoas e o rancho, esperariam até a madrugada seguinte, se o dia fosse bom para caminhar sairiam sem afobamento, todos sabiam o que tinham para fazer. Facão afiado 222, oito braças de corda pra amarrar, rifle winchester papo amarelo, muita bala na alforja, faro e macheza, nada mais era tudo que precisavam. Cheios de moral comentavam numa arrogância só: “Nós vamos amansar esses danados, ou ficam civilizados ou morrem”.

O dia amanheceu claro, sem ameaça de chuva, bom para caminhar. O grupo caminhava com passos largos sem presa, porém sem demora, primeiro pelos varadouros, depois penetrou na mata fechada, a atenção foi redobrada, vadearam igarapés e caminharam até próximo do escurecer, rastros de cabocos foram achados, galhos quebrados, tapirís de espera de caça nos cipoais denunciava que eles estiveram ali, examinaram bem e traçaram a rota que lhes levaria a aldeia, pouco já se enxergava, quando decidiram acampar, aí deram mais uma examinada em volta do acampamento e em silêncio total foram dormir. Mais as duas da madrugada, com a noite negra da lua nova, seguiram o caminho que lhes levaria a aldeia, tinham que chegar antes que amanhecesse e aceleraram o passo, as trilhas abertas pelos cabocos rumavam para a aldeia, não tinham como se enganar, já estavam pertos.

Os índios moravam em uma *kupixava*⁷⁴ grade, cumprida, coberta de palha até o chão, apenas tinha duas portas fechadas nas extremidades, as laterais eram totalmente cobertas com palha de palmeira até o solo, ninguém poderia sair nem entrar por esses

⁷⁴ Denominação dada às malocas pelos índios que habitavam a região. Abrigava várias famílias, podendo alojar 60 ou mais indivíduos. Eram construídas normalmente perto dos roçados e da água (igarapé), o chão era de terra batida, a armação era de pau roliço cortados no fogo ou com pequenos machados de pedra e amarrados com envira, o teto era alto, coberto de palha de palmeira. Nas narrativas dos povos que sobreviveram ao contato com o branco, e ainda hoje habitam no Estado do Acre, o tempo das “*kupixavas*” e lembrado como o tempo dos antepassados, da paz sem medo, aquele que conta o começo de suas histórias, tradições, crenças e costumes. É o tempo mais antigo para os índios, quando a língua materna era falada livremente e os rituais, festas danças e pinturas corporais eram praticadas no dia-a-dia.

lados, um de nós ficou tomando conta das bagagens, os outros nos dispusemos conforme o plano elaborado pelo patrão. Os novatos foram distribuídos nos quatro grupos que se formaram, tal como foi ordenado, o silêncio era total, nada incomodava a gente, não tinha nem carapanã nem muriçoca nem miruim, tudo se harmonizava com aquilo que estava por vir, só esperar os raios da alvorada, nas primeiras luzes do dia as portas da oca se abririam e aos poucos os cabocos iriam saindo. Os homens iriam logo cedo a tomar banho num igarapé perto, era costume deles, os jagunços sabiam disso, era esperar que todos saíssem para se cumprimentar e se dirigir ao rio em grupo, deste modo eram presa fácil, fora da casa, sem proteção, sem arcos, sem defesa, só esperar mais uns metros e o grupo estaria distante o suficiente da casa, era o momento certo. Ao som de um apito 25 winchester abriram fogo repetidas vezes, ninguém ficou em pé, muitos gritavam de dor atingidos pelas balas calibre 44, Ananias, Ângelo, Pedro, Ambrósio e Pipeta, não hesitaram, correram com facão na mão e arremeteram contra o grupo caído no chão, foi uma carnificina uma selvageria de homes “civilizados” braços foram amputados cabeças cortadas, gargantas degolas, em breves minutos nem um grito dos homens era ouvido.

As crianças curiosas pelos estampidos dos rifles e pelos gritos dos homens saíram correndo pelas portas e uma a uma foram abatidas, os gritos das mães vendo seus filhos estendidos no chão, gritando por elas era desesperador, não entendiam o que estava acontecendo, que barulho era esse que matava seus filhos, muitas saíram da maloca gritando e puxando os cabelos, abandonaram a segurança da casa para acolher nos braços os curumins moribundos, ninguém teve piedade delas, foram também abatidas diante das portas.

Não demorou muito e um silêncio total tomou conta do cenário de guerra, ninguém emitia um som, nem choros nem gritos, o silêncio sepulcral indicava que tudo tinha terminado, porém os jagunços sabiam que não, apenas a matança tinha começado muitas crianças e as índias jovens ainda estavam na maloca em silêncio, esperavam ajuda que não viria, um milagre que não aconteceria. O tiroteio ainda poderia durar muitas horas, e o pior estava por vir. Às vezes os matadores não se continham e quando invadiam a maloca, praticavam crueldades desmedidas, lançavam crianças de peito para o alto e as aparavam no facão diante do olhar estarecido e suplicante da mãe. Ninguém podia ser deixado com vida, à matança continuava com os velhos e as grávidas. Os cadáveres eram deixados no solo, sem escrúpulo, os índios eram bichos e serviriam de comida para outros bichos. Era hora de retornar o “trabalho” foi feito; apenas restava botar fogo na maloca e retornar com as presas vivas.

As crianças tinham as mãos amarradas nas costas, se mordiam levavam coronhadas de rifle ou golpe de facão, se morriam pelos golpes, eram jogadas fora descartadas como se descarta a carcaça de um bicho imprestável. Os jovens moços e moças eram amarrados com as mãos nas costas e entre si pelo pescoço com corda e uma vara de pau formando uma fileira. Na mínima reclamação levavam coronhadas de rifle e se insistissem eram furados com facão mortos e descartados como as crianças. As moças já durante a viagem de retorno ao barracão eram na sua totalidade abusadas e esturpadas, se mordiam eram castigadas até se “amansar” e ceder às exigências dos jagunços.

Naqueles comboios ensanguentados que marchavam de retorno ao barracão, somente a brutalidade e intolerância prevalecia. Deus, no momento, não existia e o amor era uma sutileza que não chegava aos brutos.⁷⁵

A historiografia sobre o tema, principalmente no Amazonas, estava não só ligada ao velho modelo analítico do “ciclo econômico da borracha”, mais reproduzia um discurso de parcialidade com respeito à atuação dos seringalistas, nas relações da segurança dos seringais, tomando os índios como “agressores” que justificavam tais ações diante de um processo histórico. O ciclo, porém não estava completo. Encima do móvel econômico da indústria da borracha era necessário forjar estereótipos para facilitar e justificar tais ações. Afinal a empresa seringalista precisava de segurança e mão-de-obra barata e abundante para desenvolver-se. O indígena enquanto “selvagem” só atrapalhava e não “produzia”. Era necessário por tanto, tomar providencias: “Tinha-se o índio como um animal prejudicial e maléfico, incapaz de ser civilizado; pensamento, aliás, de pessoas influentes que dirigiam a colonização (...) principalmente por encontrarem resistência à ocupação da terra”.⁷⁶

Afirma Brandão Castelo Branco, nada mais prático, então que instituir um prêmio para motivar essa “caçada”. Neste sentido o relatório do CIMI sobre a situação dos índios do Alto Purus, é esclarecedor:

Os soldados da borracha, de origem nordestina, foram instrumentados pelos “coronéis da borracha” ou “coronéis de barranco”, não apenas para estabelecimento das fronteiras e exploração da borracha, caucho ou madeira de lei, senão também para “amansar” os índios. Pobres aqui chegaram e mais miseráveis são hoje, trazendo apenas em nossos dias a “gloria”⁷⁷ de não terem

⁷⁵ Jornal *O Varadouro*, ano I, número 1. Maio 1977.

⁷⁶ Jornal *O Varadouro*, ano I, número 1. Maio 1977.

⁷⁷ Meu grifo. Acredito que este desabafo do antropólogo Terri do vale Aquino, está se referindo a que os soldados da borracha muitos não foram reconhecidos como soldados brasileiros combatentes na Segunda Guerra Mundial até hoje reivindicando os mesmos direitos que tiveram os soldados que estiveram no front. Estima-se que, durante o conflito, cerca de 50 mil trabalhadores tenham sido arrematados pelo Estado

vido vencidos pelos indígenas, devido à superioridade das armas fornecida pelos patrões⁷⁸.

Qual era o “prêmio” Afinal? Um grande estímulo, que o seringalista poderia dar aos seus seringueiros que se internavam sozinhos nas matas; era uma mulher, mesmo que ela fosse indígena, com tudo não era de graça tinham que “merecer” e pagar por ela.

E novamente neste particular, se sucederam os episódios narrados com detalhes anteriormente, as *Correrias* também eram realizadas atrás de cunhãs e cunhantãs do que resultou em alguns lugares verdadeiras caçadas contra os índios. Em 1906 o prefeito do departamento do Alto Purus (hoje Sena Madureira) num de seus relatórios escrevia:

Organizaram-se verdadeiras caçadas humanas, reunindo grupos de brancos para os montarem e não raro, após sangrentos combates, sempre com desvantagem dos índios, os pretendidos civilizados e conquistadores regressavam às suas barracas, trazendo à guisa de troféus, os índios menores e moças, deixando estendidos no solo, mortos ou feridos, os indivíduos de sexo masculino da tribo, vítimas de sua cobiça e libidinagem⁷⁹.

As lembranças são bem vivas, nos relatos recolhido de indivíduos mais idosos de diferentes etnias indígenas sobreviventes de tais selvagerias identificam quem foram, os “respeitáveis” seringalistas que contratavam e incentivavam as *Correrias* e celebres “caçadores” ou “amansadores” de índios.

Para os indígenas, o seringal e toda a empresa extrativista representava a morte pela negação de tudo que era fundamental para sua sobrevivência. Em primeiro lugar o mais fundamental, ocupação da terra.

Muitos dos atuais indígenas que ocupam as terras de seus antepassados no Acre vivem como intrusos em suas próprias terras. Terras que custaram à vida de grande parte da população, atacada que foram tanto pelos peruanos como seringueiros brasileiros que dispunham de armas modernas de fogo contra arcos e flechas artesanais.

Em segundo lugar, destruiu a unidade tribal, sujeitando-as ao domínio de um estranho que nada conhecia de sua cultura, desintegrando assim todas as suas lideranças tribais, o sistema de chefia e os cerimoniais.

Em terceiro lugar, integrando-os de forma abrupta em atividades extrativistas, separando-os de seus familiares, dispersando os homens em colocações afastadas do

brasileiro com esse fim. Quase a metade – aproximadamente 20 mil – foi dizimada nos seringais durante o conflito, devido a doenças e péssimas condições de trabalho. Setenta anos depois do fim da guerra, apenas um décimo ainda está vivo e luta para equiparar seus direitos aos dos ex-combatentes que foram enviados para o front. Neste aspecto podemos consultar a Dissertação de Mestrado e obra; Soldados Da Borracha: Das Vivências do Passado, às Lutas Contemporâneas, de Frederico Alexandre de Oliveira Lima.

⁷⁸ Jornal *O Varadouro*, ano I, número 1. Maio 1977.

⁷⁹ Jornal *O Varadouro*, ano I, número 1. Maio 1977.

centro do seringal, e tomando-lhes as mulheres. Essas ações afetou por todos os lados a organização social dos grupos indígenas.

Sem dúvida a empresa seringalista submeteu os indígenas a um regime feroz de exploração ao qual nenhum povo poderia sobreviver, a combinação massacre, cativo e escravidão, que também atingiu a mão-de-obra de nordestinos arregimentados como trabalhadores ou como soldados da borracha, tornara possível a riqueza de uns poucos privilegiados, que também mantinham uma forte repressão sobre esta mão-de-obra que inicialmente fugia da seca e depois deu sua vida nos diferentes fronts das batalhas da borracha. O extrativismo da borracha durante os primeiros 70 anos (1850/1920) foi uma das economias mais destrutivas e exigentes em vidas humanas, em sofrimento e em miséria que jamais se conheceu. Foi tão custoso para o índio como para o branco engajado nesta atividade. A massa de nordestinos que fluía para a Amazônia como trabalhadores, em busca de novos meios de vida, e que tornou possível o devassamento das matas, primeiro para exploração de seringa, exportada para o mundo a fora, depois para derrubada das árvores de madeira de lei, beneficiando as toras em planchas, nas centenas de precárias serrarias que se instalaram por todo Acre, sendo a maioria contrabandeada pela fronteira do Peru até os mercados de América do Norte.

A alta cotação da borracha permitia pagar qualquer preço pela subsistência dos seringueiros, levava ao abandono da lavoura e da economia pastoril através do vale. Toda população se dedicava ao trabalho dos seringais e importava tudo de que carecia, desde os cereais que vinham do Sul do País, até a carne enlatada e outras conservas trazidas por navios ingleses.⁸⁰

É dentro dessas colocações de Darcy Ribeiro que compreendemos os inúmeros depoimentos dos velhos seringueiros índios e não índios dos rios Purus e Juruá, quando ele se refere ao “tempo de cativo” e modernamente, a “escravidão por dívida”.

Nas palavras de Euclides da Cunha quando descreve a organização de trabalho a que estavam sujeitos esses emigrantes nordestinos:

É que, realmente, nas paragens exuberantes das héveas e castilhoas, o guarda a mais criminoso organização de trabalho que ainda engenhou o mais desacamado egoísmo. De efeito, o seringueiro e não designamos o patrão opulento, se não o frágil jungido, à gleba das estradas, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem ter trabalho para escravizar-se.⁸¹

⁸⁰ RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização; A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1979.

⁸¹ CUNHA, Euclides da, 1866-1909. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 393p.

Se a situação do seringueiro “cariu” é esse quadro desesperador, narrado por Euclides da Cunha, testemunhando a realidade dos seringais de 1905. Que podemos argumentar dos seringueiros de origem indígena os chamados de “caboclos”, índios “amansados” ou “catequizados”. Um ser ambíguo não considerado nem “índio bravo” e nem “civilizado”. Este índio estigmatizado só restava como alternativa a sua sobre-exploração. A eles eram e ainda são atribuídos um sem número de estereótipos e o que a civilização do branco lhes oferecia em troca da tomada de suas terras era o engajamento nos seguimentos mais baixos dessa rude estratificação social da região. E assim vivem hoje os Kaxinawá, Katukina, Kulima, Ashaninka, Poyanawa e demais grupos indígenas em terras acreanas.

Se em termos de relações de trabalho o “caboclo” e o “cariu” (índio e não índio) pouco ou quase nada diferem já que ambos são explorados, só tem a oferecer seus próprios trabalhos, no plano da ideologia étnica o “caboclo” é segregado, estereotipado e estigmatizado só porque é considerado descentemente e remanescente indígena. É essa a ideologia engendrada no contato interétnico pela frente de expansão da indústria da borracha que contribuiu em grande parte para a alienação ainda maior de grupos indígenas da região. É esse etnocentrismo discriminatório e pernicioso que deve ser negado, exposto e denunciado que, todavia é percebido nos centros urbanos brasileiros. Apesar disso, é impressionante constatar como as pessoas indígenas brasileiras, tornaram-se invisíveis para uma grande parte do povo brasileiro. E esse fenômeno contribuiu para sua desumanização.

Estranha-se o fato deles viverem coletivamente e terem um modo de vida tão despojado, pois vivem com muito pouco e sem a ostentação material a que nós não índios estamos acostumados. Não tem dinheiro suficiente, tem dificuldade em falar português⁸², vestem roupas simples. Em sua grande maioria esses povos quando não vivem nas florestas, no sertão ou no litoral, vivem humildemente nas regiões periféricas das grandes cidades, longe dos rios que tanto amam. Muitas vezes os índios, embora adultos, até hoje são tratados socialmente como se fossem seres infantis, sem capacidade de entendimento ou pior ainda como marginal e ladrões. Ademais disso, permanece no imaginário do povo brasileiro, isto sim de maneira bastante infantil, o estereotipo do indígena nu com o corpo pintado, usando cocar e adereços.

⁸²<http://www.brasil.gov.br/governo/2012/08/brasil-tem-quase-900-mil-indios-de-305-etnias-e-274-idiomas>. Pagina visitada em 30/11/2015.

Que o depoimento abaixo transcrito de um velho Kaxinawá do rio Envira seja testemunho das lamentações que ainda atribulam os grupos indígenas do Acre, massacrados e retirados de suas terras lutam todavia pelo direito a terra que lhes pertence desde tempos imemoriáveis:

(...) tenho trabalhado muito, muito em seringal, nunca botei nada de valor na minha casa. Os caboclos todo vive nú e cru nesse seringal dos alto. Nós vive é na pindaíba. Nós trabaia bem dizer de graça pos patrão. Quando nós adocece aqui, patrão não dá valor. Patrão só dá valor na produção, no trabalho de seringa. Agora comigo eu fico imaginando sim: queria qui soubessi do movimento qui os patrões fazi com nós aqui, queria qui soubessi (...) A causa nossa é trabaia pro patrão, é sofrer. Os patrão diz assim: “Vocês não tem proteção aqui”. Não tem governo pra vocês. Não são brasileiro. Falou a gíria. Vive em terra nossa. Vive em terra emprestada.

É assim que os patrão dizi (...)

Nos tem dada muito lucro pros patrão daqui e com muito sofrimento.

Só num vamo simhora que issos aqui é o lugar em qui a gente nasceu. Eu nasci no Seringal Porto Rubim.

Eu alcancei a alagação de 1910, eu era menino nesse tempo. Sou velho. Já não posso butar roçado.

Eu queria me aposentar pelo Funrural também como os cariu velhos. Muito só promete. Dão promessa.

Por isso eu digo, não sou santo pra me fazeri promessa. Muitos promete, promete.

Veja minhas roupinhas, meus trapos (...)

Si tivesse que amparasse nós, patrão não ia dizer qui num tem proteção de ninguém, nesse mundo, aqui nos fica calado pra não ouvir confusão: “os caboclos como vocês é como qualqué animal, como cachorro”. É isso qui os patrão dizi. Qui desde que eu me entendo no mundo qui isto aqui é nossa terras, mas nós só tem é trabalhado pros patrão (...)

É assim, é assim como eu to contando pro senhor.⁸³

Neste sensível depoimento e longe de adotar nesta pesquisa uma postura paternalista ou pensar que os indígenas foram e são indivíduos coitadinhos, tomamos posicionamento a favor dessas queixas. Esse imaginário folclórico do indígena que não mais condiz com a de todos os indígenas da atualidade. Muitos já estão integrados à sociedade brasileira, frequentam Universidades, são lideranças importantes, professores e escritores exitosos, usam telefone celular, dirigem veículos motorizados, assistem TV, tem computador etc., como qualquer pessoa comum. Eles são brasileiros, mas também são indígenas de origem, pertencem as suas etnias. Essa origem, tal qual a nossa de não-indígenas, nunca se apaga, nem se deve apagá-la pois faz parte da identificação cultural da pessoa.

⁸³ Depoimento dado por um idoso Kaxinawá (não identificado) do Seringal Bares, do rio Envira ao jornalista Elson Martins da Silveira. Publicado no jornal O Varadouro. Número 1, maio 1977.

2.2. MAIS BORRACHA, MAIS MADEIRA, MAIS PASTOS... MENOS INDÍGENAS!

Os relatos, depoimentos, periódicos, jornais, e relatórios vinham identificando que as *Correrias*, não eram atos do passado, de conquistas coloniais, continuaram bem nítidas na memória de muitos indígenas e não indígenas ainda nas décadas finais do século XX, uns sobreviventes outros espectadores, atores ambos de algo que parece ser um passado presente. Histórias entrelaçadas em territórios sobrepostos de interesses mútuos, para os índios e brancos que com tudo a ocupação de fato destes territórios não foi uma entrada triunfal para ninguém. Muitas foram às vidas que sucumbiram neste avanço. Neste aspecto quando analisarmos as agressões entre índios e não índios que envolvem as *Correrias* precisávamos jogar mais luz, como falamos anteriormente o estereótipo clássico que fundamentava estes atos não comporta mais nem as questões nem as perguntas.

Avanços a respeito vinham da historiografia acreana, que desde meados dos anos 1980 procurou, através de um novo instrumental teórico-metodológico, renovar os estudos sobre índios e seringueiros.⁸⁴

O desenvolvimento da pesquisa acabou por nos levar para lugares não imaginados; primeiro, tinha como certo que analisaríamos as *Correrias* não apenas pela relação de expulsar os indígenas de uma região de interesse produtivo para a indústria da borracha ou madeira, mas algo mais amplo, investigar que os seringais eram tidos como de uso comum, os índios pelo seu habitat tradicional, pela caça e pesca e ainda por suas plantações; os seringalistas e madeireiros na exploração comercial, ambos se tocando e originando conflitos e escaramuças. Era necessário, contextualizar as *Correrias*, identificar suas variáveis, o belho modelo que identifica as *Correrias* como um grupo armado a serviço de patrões seringalista não comporta mais as variáveis identificadas nos relatos selecionados e apresentados até agora.

⁸⁴ ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Seringueiros, Caçadores e Agricultores: trabalhadores do rio Murú (1970-1990)*. São Paulo: PUC-Dissertação de Mestrado, 1995 e *Espaço, Cultura, Trabalho e Violência no Vale do Juruá- Acre*. São Paulo: PUC - Tese de Doutorado, 2001; ANTONACCI, Maria Antonieta. "Cultura, Trabalho, Meio Ambiente: estratégias de empate no Acre. In: *Espaço Plural: revista brasileira de história*, vol. 15, no. 28. São Paulo: ANHPUH- Marco Zero, 1995, pp247-267; PANTOJA, Mariana. *Os Milton: Cem anos de História nos Seringais*. Recife: Massagana, 2004; SOUZA, Carlos Alberto Alves de. "*Varadouros da Liberdade*": *Empates no Modo de Vida dos Seringueiros de Brasília - Acre*. PUC-SP, 1996. (Tese de Doutorado); WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história do Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

Índios contra índios, índios amansados e brancos contra índios brabos, também será necessário identificar e investigar alguns de seus principais atores (quem era o que) “catequizadores, pacificadores, amansadores ou matadores”. Segundo, surgem outros questionamentos no análise das fronteiras nacionais Peru / Acre (Brasil) em relação às fronteiras étnicas e estas com relação às *Correrias*. Se as *Correrias* aconteceram por vingança, por uso do espaço para caça, pesca, plantio, ou ainda por contrato (fornecimento de indivíduos para trabalho, mulheres para casamento ou prostituição) e outras situações que poderão surgir.

Terceiro, por qual razão os indígenas conotados como inconvenientes, que atrapalhavam o desenvolvimento produtivo dos seringais, que foram amplamente dizimados, passaram a partir das décadas de 1940/50 a ser tolerados e incorporados como trabalhadores úteis nos seringais, muitos em processo transformação em fazendas de conotação agropecuária. Nesta análise sugere outra questão; afinal as *Correrias* continuam após a Segunda Guerra Mundial?⁸⁵ O qual nos leva a outra questão; confrontar a situação indígena com a política indigenista das décadas finais do século XX.

Quarto, pelo que lemos e assistimos nas notícias da mídia atualmente, na fronteira do Peru com o Brasil foram encontradas reservas petrolíferas que interessam ao Governo do Peru, justo no momento, nessa mesma área que acharam petróleo autoridades indigenistas brasileiras anuncia o contato visual de índios isolados não contatados. Os peruanos negam, os brasileiros afirmam. Sem contar as atuações no narcotráfico perante a algumas comunidades indígenas isto nos leva a crer que as correrias atravessaram todo o século XX e continuam até hoje.

Os povos indígenas, manifestam indignação contra o preconceito que enfrentam, sendo suas terras invadidas sentem-se estranhos em sua própria terra, em carta circular das Organizações e Povos Indígenas do Estado do Acre, Sudoeste do Amazonas e Noroeste de Rondônia, reunidos na reunião de regularização fundiárias em terras indígenas realizada em Rio Branco (AC), entre os dias 14 a 16 de maio de 2013, mostram

⁸⁵ Ao que parece é senso comum para a maioria dos pesquisadores relacionados direta ou indiretamente com as *Correrias*, acreditarem que estas são (como mencionamos anteriormente) fatos do passado, como máximo se estendendo para alguns até 1945 /46. Com o fim da II Guerra Mundial, muitos seringais foram abandonados, isso trouxe o fim dos conflitos. Porém não é o que estamos levantamos em nossa pesquisa, claro que ainda não está conclusa e muito teremos a pesquisar, contudo as investigações apontam que as *Correrias* continuaram sistematicamente de forma mais leve ou disfarçada, por todas as décadas seguintes chegando até a atualidade.

esta indignação que chamam de preconceito do Governo Dilma, com os povos indígenas⁸⁶.

Reproduzimos a seguir na íntegra a referida carta:

Rio Branco-AC, 16 de maio de 2013.

Nós lideranças indígenas representantes de 14 povos e organizações do estado do Acre, sul do Amazonas e noroeste de Rondônia, reunidos entre os dias 14, 15 e 16 de maio, vimos expressar a nossa grande preocupação e indignação com as recentes medidas adotadas pelo Governo Dilma Rousseff e a bancada ruralista do Congresso Nacional. A mais recente delas diz respeito à tentativa de acabar de vez com os processos de demarcação de terras indígenas e quilombolas, a partir da instalação da CPI da FUNAI e do INCRA. Esta CPI visa paralisar as demarcações das terras indígenas e revisar as já homologadas. Nós perguntamos a todos: o que irá acontecer conosco, os povos indígenas?

Estamos preocupados com o projeto de exploração de petróleo e gás natural no Vale do Juruá, com as hidrelétricas que atingiram os Kaxarari – que estão sendo ameaçados pelos fazendeiros, com os projetos de ligação do Acre ao Peru por meio de rodovias que irão sangrar a floresta, onde há parentes em isolamento voluntário, com as ameaças à liderança Francisco Saldanha e Antônio José, respectivamente da TI São Paulino e TI Valparaíso.

Nossas terras e culturas estão sendo destruídas e com isso todo o nosso conhecimento milenar. Somos parte da natureza e ela faz parte de nós, mas a cada dia surgem novas ameaças que põe em risco a nossa integridade física e os nossos territórios. Exemplifica isto as PECs 215 e 237, além do Projeto de Lei de Mineração, que se aprovadas, vão retalhar o nosso território de ponta a ponta.

Por isso exigimos a imediata demarcação das terras indígenas do Acre, Sul do Amazonas e noroeste de Rondônia, queremos também ressaltar a grande importância do fortalecimento da FUNAI com as implantações das CTI, para que possamos agilizar os estudos das demarcações e revisões de limites das TI, para nos esta fundação continua sendo muito importante portanto pedimos ao governo Dilma que trate com respeito e atenção o trabalho que vem sendo feito pela FUNAI e dando mais condições e ampliando os servidores para dar conta desta demanda o qual nos povos indígenas lutamos e esperamos a muitos anos pelas demarcações de nossos território.

Queremos deixar bem claro que nunca fomos inimigos do governo somos contra e desaprovamos a forma que somos tratados sem o mínimo de respeito, vendo a cada dia mais os nossos direitos sendo violado, estamos a cada vez mais sendo ignorando e massacrados, essa bancada de ruralistas, nos tratando como se fôssemos de outra espécie, animais e não humanos, portanto pedimos as partes mundiais que faça uma interferência ao governo brasileiro o qual acusamos de omissão aos direitos de nossos povos, pedimos ainda que a organização das nações unidas por parte da secretaria de direitos humanos cobre esclarecimentos imediato e coloque o governo sobre alerta por maltratar o seu povo.

Por fim queremos dizer que a floresta é a nossa vida e o mundo precisa dela pra viver a força da humanidade está nas raízes das grandes arvores a essência da vida está nas nascentes das águas, a cura da humanidade está nas pequenas ervas de poderes que nos conhecemos e podemos ajudar o mundo a se curar, queremos viver em paz ver nossos filhos nascer e crescer vivendo dignamente para isso necessitamos ter nossos territórios devolvidos através das demarcações e protegidos pelas seguranças deste país e queremos transmitir o nosso conhecimento ao mundo para que passamos ter paz nesta terra.

Assinam:

⁸⁶ Fonte: Ninawa Huni Kui – FEPHAC.

Povos e organizações indígenas do Estado do Acre, Nordeste de Rondônia e Sul do Amazonas.

Organizações:

01 - Organização dos Povos Indígenas do Rio Juruá (OPIRJ), 02 - Organização dos Povos Indígenas de Tarauacá (OPITA), 03 - Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira (OPIRE), 04 - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), 05 - Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC), 06 - Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAIAC), 07 - Associação Sociocultural e Ambiental Kuntamanã (ASCAK), 08 - Associação Sociocultural Yawanawa (ASCY), 09 - Federação do Povo Huni Kui do Acre (FEPHAC), 10 - Organização do Povo Indígena Apurinã e Jamamadi de Boca do Acre - Amazonas (OPIAJABAM).

Povos Indígenas:

01 – Yawanawa, 02 – Kuntanawa, 03 – Huni Kui (Kaxinawá), 04 – Nukini, 05 – Jaminawa, 06 – Apolima Arara, 07 – Puyanawa, 08 – Ayshaninka, 09 – Naw, 10 – Aurinã, 11 – Jamandi, 12 – Manchineri, 13 – Shawãdawa, 14 – Kaxarari, 15 – Shanenawa 16 – Madká 17 - Jaminawa Arara, 18 – Katukina.

CAPITULO 3:
PATRONES, PACIFICADORES, CATEQUIZADORES
E MATADORES DE ÍNDIOS

CAPITULO 3: PATRONES, PACIFICADORES, CATEQUIZADORES E MATADORES DE ÍNDIOS

*El Indio Es La Caña,
Los Patrones Son El Trapiche
Y El Jugo De La Cana
Son Los Aviadores.*

Augusto Martínez
Subprefecto de la provincia del alto Ucayali

3.1. “PATRONES”

Casi todos los habitantes civilizados del Ucayali viven, directa o indirectamente, del trabajo del indio, i parece que sin ellos la vida se haría imposible, porque son los únicos que cazan, pescan i labran la tierra, i son también los únicos que conducen las embarcaciones por los diferentes afluentes del Ucayali. Y como aquí hai [sic] escasez absoluta de brazos, todos quieren tener siquiera un indio para su servicio, i este lo consiguen de mil modos diferentes, ya por medio de las correrías, ya por compra que de él hacen, por seducción o por algún otro medio que para este caso siempre se presenta.⁸⁷

O vice-prefeito da província do alto Ucayali, Augusto Martinez, iniciava com estas palavras sua resposta ao prefeito do departamento de Loreto, no qual teria aberto uma investigação sobre as extremas condições de vida dos indígenas do Ucayali denunciadas pelo publicista A. J. Bardales e outras que foram feitas pela *Asociación Pro-indígena*.⁸⁸

Incoado pelo prefeito de Loreto a longo de 1911, me serve como pretexto para fazer algumas reflexões que apresentou a exploração gomífera não apenas na região de Ucayali e seus afluentes, mas também na área da cabeceira do rio Juruá e seus tributários. E bem conhecido de todos os estudiosos da Amazônia que o boom caucheiro que se desenvolveu na região, fundamentalmente entre 1870 e 1920, trouxe o esgotamento das

⁸⁷ O sinalado em itálico aparece sublinhado no original. “Informe del subprefecto de la provincia del alto Ucayali”, Augusto Martínez, fechado en Contamana, 3/10/1911, texto manuscrito del *Expediente seguido por la Asociación Pro Indígena sobre abusos que se cometen contra los indígenas de esta región*, en Archivo Prefectura Departamento de Loreto. Secretaría... Mesa de Partes y Archivo. Libro FG. Letra V. número 44. Expediente sin foliación.

⁸⁸ La Asociación Pro Indígena (1909-17) foi fundada por Dora Mayer, Joaquín Capelo y Pedro Zulen na Universidad de San Marcos (Lima), com objetivo de denunciar ante a opinião pública e os grupos dirigentes, os abusos cometidos contra os indígenas, tentando dar uma solução aos mesmos; seu braço periodístico foi El *Deber Pro-Indígena* (1912-1 5). Reflexões sobre a entidade, seus objetivos, pensamento de sus dirigentes, etc., ver: KAPSOLI W. *El pensamiento de la Asociación Pro-Indígena*. Cuzco, Centro de Estudios Rurales Andinos Bartolomé de las Casas, 1980.

zonas gomíferas mais ricas e o desaparecimento de milhares de indígenas que foram mortos ou incorporados à produção de látex. Diversos trabalhos nacionais e internacionais pesquisaram as características da exploração caucheira na selva como consequência do interesse que despertou no início do século XX o escândalo do Putumayo⁸⁹.

O Putumayo, uma região em litígio entre Peru e Colômbia, se localiza na fronteira do Peru, Colômbia e Brasil. A partir de 1907 começaram a aparecer denúncias de exploração de comunidades indígenas locais pelos empregados da *Peruvian Amazon Company*. Esta empresa capturou e escravizou povos selváticos da região utilizando seu trabalho de forma gratuita e compulsória. As autoridades colombianas denunciaram a exploração da população indígena a cargo dos caucheiros peruanos. Os indígenas da região capturados pelos capatazes da Peruvian, eram marcados nos braços com as letras PAC iniciais da companhia para ser reconhecidos e reclamados como propriedade, porém as atrocidades não paravam por aí, em aquele ano chegaram a “La Chorrera”⁹⁰ mais de 800 índios de Ocaima, para entregar a borracha que teriam produzido. Depois de pesar e entregar a goma, Fidel Velarde⁹¹, sob o pretexto de que eram preguiçosos no trabalho, escolheu 25 indígenas e deu a ordem para que cada índio fosse envolto em sacos empapados de petróleo e ateou fogo imediatamente. As desventuradas vítimas em chamas saíram correndo e se atiraram no rio com intensão de salvar-se, nada adiantou, com os braços amarrados ao corpo não puderam nadar e todos 25 morreram afogados.

Miguel Flores, empregado da Casa Arana (nome antigo da *Peruvian Amazon Company*) castigava os indígenas quando não atingiam a produção de caucho estipulada causando-lhes mutilações de orelhas, nariz, mãos e pés, deixando-lhes à mingua para morrer. Os capatazes Abelardo Agüero e Augusto Jimenez praticavam tiro ao alvo com os indígenas acorrentados cativos. Os capatazes negros originários de Barbados, Stanley e Lewis, azotavam as mulheres até descarnar as cochas, rindo entre os lamentos das índias as fuzilavam quando se cansavam de escutar as lamentações. Os empregados da Casa

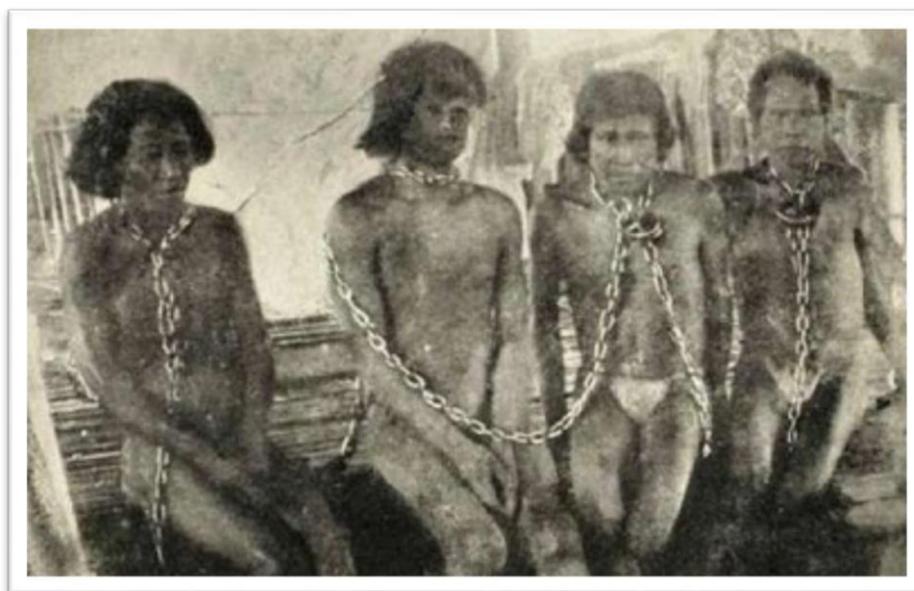
⁸⁹ Na região do Putumayo a indústria gomífera era dominada com mão de ferro pela Peruvian Amazon Company. Em 1912 se fez público uns dos maiores genocídios da História do Peru e Colômbia, este episódio conhecido como “*Los escândalos del Putumayo*”. Para maiores informações consultar: THOMSON, “*El Libro Rojo del Putumayo*”. London, 1912; HARDENBURG, W. E. *The Putumayo, The Devil’s Paradise*. London: Fisher Unwin. 1912.

⁹⁰ La Chorrera era um importante centro de coleta de caucho da Peruvian Amazon Company. La Chorrera, tinha jurisdição sobre todos os barracões dos rios Igarapará e Cahuinarí e seus principais afluentes.

⁹¹ Fidel Velarde peruano chefe do setor de Occidente foi apontado por Roger Casement como uns dos piores criminais no Putumayo em ações contra indígenas. *Libro Azul Británico*. Informes de Roger Casement y otras cartas sobre las atrocidades en el Putumayo. Copyright: Los autores, El Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica. (CAAAP) y el Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas (IWGIA).

Arana ou *Peruvian Amazon Company* como queiram identificar, iam à captura dos índios nas malocas para escraviza-os, os que fugiam eram fuzilados se se escondiam nas malocas a rodeavam e prendiam fogo não deixando sair ninguém, crianças, mulheres idosos ninguém.

Figura 12



Índigenas Witotos (Uitotos) acorrentados e a espera de castigo por não terem atingido a cota de produção de borracha. Fonte: *El Proceso del Putumayo*.

A região do Putumayo abrange uma área aproximada de 200.000 milhas quadradas (517.997 Km²) e uma estimativa de 100.000 habitantes indígenas de diferentes etnias. Desta área era ocupada pela *Peruvian Amazon Company*, 12.000 milhas quadradas (31.079 Km²), mantinha no regime de escravidão um terço da população indígena segundo os cálculos do governo Colombiano mais de 35.000 indígenas. Para controlar tamanha extensão territorial e tão grande número de “trabalhadores” indígenas arregimentados pela Peruvian, um sistema industrial organizado foi implantado que consistia em controlar as áreas “conquistadas” aos indígenas com chefias responsáveis baseadas no terror, massacrando, castigando e cobrado mensalmente pela produção, obrigando compulsoriamente a trabalhar os indígenas capturados sem salário sem benefícios sem direitos, estabelecendo metas produtivas, quando não alcançadas os trabalhadores eram severamente castigados, muitos sumariamente executados outros mortos com requinte para satisfazer o gosto doentio dos capatazes.

A estrutura de repressão de forma simples estava organizada da seguinte forma; uma área de exploração gomífera era confiada a um administrador, para o administrador era entregue 25 ou 30 indivíduos de “confiança” que agiriam como capatazes(peruanos, colombianos barbadenses e ainda mestiços), cada um destes organizava seu grupo de homes de confiança com 40 ou 50 homes chamados “muchachos” que eram jovens indígenas das regiões conquistadas e usados em outros distritos para aterrorizar a gente que não era parentes imediatos. Não se necessitava nenhum requisito especial para ser um “muchacho”. Assim como a maioria dos homens adultos índios em uma região “conquistada” pelo caucheiros deveriam entregar quantidades fixas de caucho cada certo tempo, alguns destes índios subjugados eram obrigados a ir na casa do homem branco e servi-lo na capacidade especial de “muchacho”. Alguns “muchachos” podiam ascender no serviço começando por ser “coletos” (crianças índia), provavelmente órfãos criados entre os brancos e treinados para executar suas ordens. Pelo geral os “muchachos” eram maus, de temperamento violento em alguns casos pior que aqueles que serviam, sua extrema tendência a obedecer sem questionar nenhuma ordem dada pelo branco, os crimes que cometiam eram de uma atrocidade em extremo. Porém para ser justos sobre o caráter dos índios temos que admitir que os piores crimes dos que se acusam os “muchachos”, foram cometidos pelas ordens diretas de seus senhores brancos. É mais, um “muchacho”, assim como um coletor de caucho índio, não poderia recusar a obedecer o homem branco. Se não maltratava seu irmão seguindo as ordens do branco, ele mesmo poderia ser assassinado. Ser um "muchacho" era uma espécie de promoção, uma seleção de aprovação, dado que rapidamente tinha como resultado a posse de um rifle com cartuchos para aterrorizar os índios coletores de borracha. Os "muchachos" davam expressão aos seus próprios instintos predatórios contra seus semelhantes desarmados e indefesos. Enquanto lograssem tyrannizar com resultado positivo aqueles que lhes tinham sido confiados de oprimir, eles poderiam roubar alimentos, enfeites, lanças ou qualquer outra coisa que o coletor de borracha chamasse de seu, incluindo esposas e filhas, sem ser cobrado pela sua conduta.

92

⁹² CASEMENT, Roger. *Libro Azul Británico*. Informes de Roger Casement y otras cartas sobre las atrocidades en el Putumayo. Copyright: *Los autores, El Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica*. (CAAAP) y el *Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas (IWGIA)*. Lima, Peru 1912.

A remuneração dos chefes de secção não era um salário, mas uma percentagem do montante de borracha que pode ser obtido em sua secção e enviado para La Chorrera. Todos estes homens estavam armados com Winchester e nunca se moviam de suas estações sem seus rifles. Além disso, muitos tinham revólveres, mas estes não foram fornecidas pela empresa, enquanto os rifles eram parte do salário. Muitos destes chefes foram identificados e acusados por Roger Casement, como mandantes de crimes terríveis. Nas palavras de Casement:

Los crímenes atribuidos a estos hombres, actualmente empleados en la Peruvian Amazon Co., son de los más atroces, incluyendo asesinato, violación y flagelaciones constantes.

La situación revelada es absolutamente lamentable y justifica por completo las peores acusaciones contra los agentes de la Peruvian Amazon Co. y sus métodos de administración del Putumayo.

Coloco en apéndice a mi informe la lista de los agentes de la compañía contra quienes se han hecho las peores acusaciones y contra quienes las evidencias que tengo en mi posesión son avasalladoramente fuertes. El prefecto de Loreto me aseguró una y otra vez que su Gobierno estaba determinado a lidiar contra los criminales y proteger a los indios.

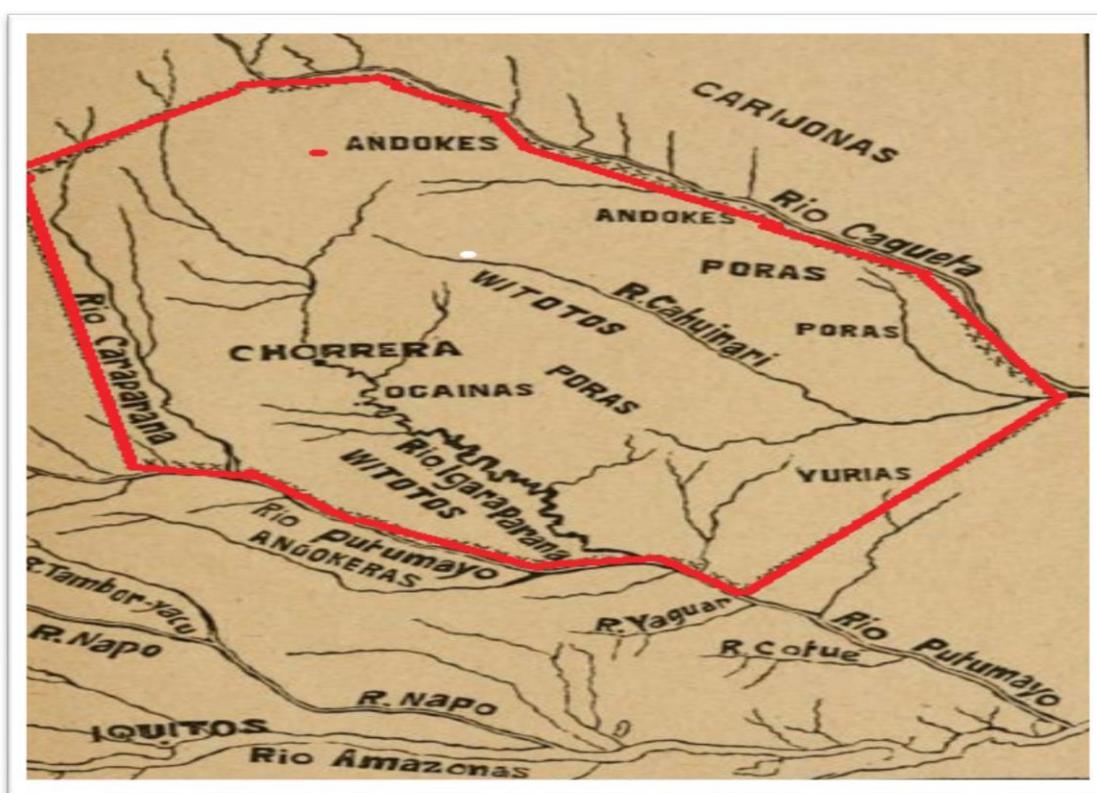
O conhecimento dos crimes denunciados por Casement foram desacreditados pelo governo peruano, postos em dúvida por muitos peruanos, foi questionada a veracidade do seu informe, porém confirmados pelo governo colombiano, A óbvia análise destes fatos faz surgir pensamentos sinistros. Não era de interesse peruano acreditar nas denúncias.

A extensa região do Putumayo estava em litígio entre Colômbia e Peru, sua neutralidade foi declarada por vários convênios e acordos assinados por ambos países a espera do arbitragem internacional que definira os direitos respectivos de ambas nações. A área explorada pela Casa Arana, onde praticavam infames operações comerciais, se estende por cerca de 35.000 Km² (aproximadamente 8% do total da área do Putumayo), porém em prospectos da *Peruvian Amazon Company* com relação a negócios internacionais, se afirma, mesmo que ambigualmente, que a companhia teria direitos de exploração a toda área conhecida como Putumayo. O governo peruano se aproveitou habilmente de que essa zona estivesse baixo o controle da Casa Arana e posteriormente da *Peruvian Amazon Company*, para reclamar e exercer jurisdição sobre toda a região do Putumayo.

Para acalmar a opinião pública e as fortes pressões internacionais, foram iniciadas investigações a cargo do juiz da Corte de Iquitos, Carlos A. Valcarcel em 1910. As investigações sobre o caso se confirmaram e a pesar das promessas do governo de intervir no assunto, a situação do Putumayo a princípio da segunda década do século XX parecia

O grupo empresarial formado pelos irmãos Arana, apesar das denúncias subsistiu até o início da década de 1940. Pouco antes do conflito colombo-peruano (1932), a companhia peruana deslocou compulsivamente a população indígena sobrevivente da hecatombe caucheiro para o peru deixando praticamente desabitado o grande território que é o atual Departamento del Amazonas (Peru). Nos mapas apresentados a continuação podemos posicionar a área de atuação da Cia. Peruvian (Casa Arana) e as diferentes etnias que habitavam a extensa área dominada pela *Peruvian Amazon Company*.

Figura 14



Em destaque a área explorada pela Peruvian Amazon Co.

Fonte: *El Libro Rojo del Putumayo*.

Os acontecimentos no Putumayo e a imagem espelhada dos fatos que narraremos à continuação. De menor interesse para os investigadores despertaram outras zonas de exploração de borracha, como a área objeto de nossa pesquisa, o nosso recorte geográfico, a região dos municípios de Tarauacá e seus entornos, a cabeceira do rio Juruá e seus afluentes rios Muru, Gregório, Envira Tarauacá e Liberdade no antigo Território do Acre, em cujas margens se desenvolveu importante movimentação de homes e petrechos envolta da indústria da borracha.

utilizados na Segunda Guerra Mundial. Foram “despejados” mais de 60.000 indivíduos nos seringais, iludidos por mil promessas de honra e fortuna, mas que foram esquecidos, e a muitos foi negado sua condição de combatentes, soldados esquecidos e abandonados a sua sorte nas mãos de expertos seringalistas⁹⁴. Eram muitos brancos na terra de muitos índios, os atritos eram constantes, as escaramuças continuas, os brancos consideravam os índios como uma ameaça em potencial para sua segurança precisando ser afastados ou eliminados, tal visão não impediu que os brancos se aliassem a determinadas grupos indígenas que em troca de favorecimento participavam de algumas *Correrias* contra índios não contatados às vezes da mesma etnia; jogar índios contra índios era uma tática de guerra muito usada e eficiente em tempos de *Correrias*. Entretanto, nem todas as *Correrias* eram organizadas para matar ou expulsar totalmente os índios “hostis”, muitas delas foram organizadas para arregimentar e incorporar braços escravos aos interesses das empresas seringalistas.

Um inegável aspecto das *Correrias* é na verdade, o fato de que constituíram genocídio aos povos indígenas que habitavam as áreas de interesse para a indústria da borracha e serrarias. Foram sometidos a violência extrema, física, moral e cultural, resultando o desaparecimento de várias etnias de povos tradicionais.⁹⁵

A ocupação de fato do território acreano não foi, contudo, uma entrada triunfal para um futuro promissor. Muitas foram às vidas que sucumbiram nesse avanço. Em certas regiões privilegiadas pela abundância de árvores gomíferas, como a do Purus, por exemplo, a ocupação foi feita de modo intenso e contínuo, embora o silvícola não houvesse oposto grande resistência, ainda assim o desbravamento se deu à custa de muitas vidas. Em outras regiões acreanas, como a bacia do Vale do Juruá, a resistência dos nativos foi árdua e penosa e só foram cedendo o campo aos carius⁹⁶ por meio do tropejar das balas contra o zumbido das flechas envenenadas.⁹⁷

Neste aspecto quando analisarmos as agressões entre índios e não índio, na região dos rios Tarauacá, Murú, Jordan, Envira, Juruá e outros no Estado do Acre, não têm dúvida em identificar quem primeiro agrediu a quem. Os proprietários tradicionais das

⁹⁴ Para maiores de talhes sobre o assunto consultar: CARDOSO, Antônio Alexandre Isidoro. *Nem Sina, Nem Acaso: A tessitura das migrações entre a província do Ceará e território amazônico (1847/1877)*. Dissertação de Mestrado; LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha. Das Vivências Do Passado As Lutas Contemporâneas*. Dissertação de Mestrado. Manaus, UFAM, 2013.

⁹⁵ Consultar: Aquino & Iglesias, 1994, p. 9; Erkson, 1992; e Ribeiro, 1979.

⁹⁶ Os nordestinos já fossem cearenses, pernambucanos capixabas ou de outros estados, eram conhecidos no Acre como arigós pelos não índios e carius pelos índios.

⁹⁷ REIS, Artur c. Ferreira. *A conquista do Acre. Anais do VI Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1940.

terras acreanas onde se organizaram os seringais desde finais do século XVIII, eram sem rastro de dúvida os indígenas. Contra povos tradicionais; Kaxinawá, Araras, Arauaques, Kulimas, (apenas para citar alguns entre mais de 50 etnias identificadas no Acre) o homem branco utilizou de todos os meios disponíveis para expulsar-lhes das áreas de interesse econômico principalmente para a indústria da borracha e posteriormente para a indústria madeira e finalmente na transformação dos seringais em grandes fazendas de gado e agrícolas. Os não indígenas foram os responsáveis da diminuição demográfica indígena. Para isso o homem branco praticou assassinatos inicialmente pelos coletores de droga do sertão, pelos seringalistas brasileiros através das correrias, doenças transmitidas pelos brancos, assassinatos cometidos por caucheiros peruanos e soldados bolivianos e assassinatos cometidos por capangas de fazendeiros a partir da segunda metade do século XIX. Os índios nunca abriram mão de suas terras sem colocarem em prática várias formas de resistências, dentre as quais o confronto com o homem branco. Não entanto no contexto das *Correrias*, não podemos colocar o indígena, “o *bosquesino brabo*”⁹⁸ apenas como vítima passiva de genocídio. Eles lutaram e muito contra o avanço do homem branco, os índios sempre com inferioridade tecnológica, arcos e flechas contra balas de winchester. Porém as correrias trouxeram ao conhecimento deste pesquisador, outras facetas de conflitos, a guerra entre indígenas, que longe de se unirem para combater o “branco usurpador” e o extermínio completo (de etnias indígenas menos populosas), expunha a continua luta interétnicas, motivadas por vinganças ou por limitar o crescimento demográfico, a superexploração da caça e outros recursos naturais ofertados pela região habitada. Permitindo maximizar as condições de sobrevivência e bem-estar material. Hostilidades entre aldeias seria o produto da disputa por mulheres ou mais exatamente, por recursos reprodutivos, ou ainda pela consequência da introdução de ferramentas de metal, que alterava substantivamente a economia e política nativa.

Estabelecendo a guerra parâmetros comportamentais das relações entre comunidades, quanto mais guerra houver, menos unificação haverá. A guerra aparece como expressão de troca não importa as “coisas trocadas”; se corpos mortos ou vivos, se mulheres dadas ou raptadas, se objeto ofertados ou tomados, se palavras de amizade ou inimizade⁹⁹. A guerra envolve no caso de nossa pesquisa os confrontos entre; 1) índios e brancos; 2) índios brabos contra brancos e índios; 3) índios contra índios, e ainda outras variáveis que

⁹⁸ Denominação utilizada por pesquisadores peruanos para identificar o indígena que não tinha tido contato.

⁹⁹ PANTOJA, Mariana. *Os Milton: Cem anos de História nos Seringais*. Recife: Massagana, 2004.

já foram identificadas; militares peruanos/brasileiros contra índios arredios brabos e/ou “semicontactados”¹⁰⁰ como os classificam pesquisadores peruanos.

3.2. “PACIFICADORES, CATEQUIZADORES E MATADORES”

“*Proteger e civilizar*” era a política indigenista do Brasil no começo do século XX no Território Federal do Acre, as primeiras iniciativas oficiais para a proteção dos povos indígenas das correrias surgiram na segunda metade dos anos 1900, por iniciativa do prefeito do Departamento do Alto Juruá, Coronel Gregório Thaumaturgo de Azevedo. A garantia de direitos territoriais aos grupos indígenas esteve dentre as medidas defendidas por Thaumaturgo, que também era contra as correrias – ele chegou a usar força policial e ações judiciais para coibir essa prática. No entanto, o prefeito do Departamento do Alto Juruá acreditava que os índios precisavam ser “civilizados” e por isso procurou meios para “catequizar” as populações indígenas da região, uma política que não escondia a esperança de que esses povos se incorporassem às atividades produtivas do seringal. Foi também com a ideia de proteger os grupos indígenas que o governo federal criou, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPIILTN). Para resguardar a integridade física e as culturas dos diferentes povos o novo órgão, chefiado pelo então Tenente- Coronel Cândido Rondon, tinha dentre as suas diretrizes a “pacificação” dos índios (considerados “selvagens” ou “arredios”), agrupando-os em postos e povoações indígenas, no intuito, por outro lado, de facilitar a implantação das atividades econômicas então em expansão nas diferentes regiões do território nacional, inclusive na Amazônia.

A instalação da empresa seringalista no Acre e a exploração do caucho pelos peruanos representaram profundas mudanças no modo de vida e na história dos povos indígenas. Depois da violência das primeiras correrias, responsáveis pelo desaparecimento de tribos inteiras, muitos grupos indígenas foram incorporados como trabalhadores nos seringais. Aqueles que se mantiveram afastados dos seringais, chamados de “brabos”, tiveram reduzidos seus territórios nas cabeceiras dos rios. Alguns passaram inclusive a ter suas malocas no lado peruano da fronteira. Os conflitos entre

¹⁰⁰ Denominação utilizada por pesquisadores de fala espanhola, para grupos indígenas que já tiveram um leve contato com antropólogos, sociólogos, historiadores e outros pesquisadores, mantendo um tênue relacionamento pacífico.

seringueiros, os grupos indígenas que trabalhavam para os patrões e os “brabos” continuaram, todavia, a ocorrer com frequência, por conta de roubos e de mortes de ambos os lados. Este panorama fez surgir personagens como os “catequistas”, os “amansadores” e os “matadores” de índios, bem como a instituição da “polícia de fronteira”. Apesar de métodos diferentes, todos buscavam eliminar a resistência dos grupos indígenas em relação à presença dos brancos e, quando possível, incorporar os índios ao trabalho na produção de borracha e em outras atividades necessárias ao funcionamento dos seringais. O mais conhecido catequista no Acre foi Felizardo Avelino de Cerqueira, cearense que chegou ao Rio Tarauacá em 1904 e foi responsável pelo contato de um grande número de famílias Kaxinawá no alto Rio Envira. Com Felizardo Cerqueira, os Kaxinawá atuaram como “polícia de fronteira” nos altos rios Jordão, Tarauacá e Breu na década de 1920. Os Ashaninka, a mando de seringalistas como o peruano Júlio Perez e Ribamar Coelho de Moura também fizeram muitas rondas pela fronteira, nos rios Breu e Tarauacá, nas décadas de 1940 a 1960, impedindo que os “brabos” roubassem casas e matassem seringueiros. Além dessa polícia de fronteira feita por grupos indígenas, os patrões também tinham homens para “garantir a segurança” nas colocações de seringa, sob a justificativa de que era preciso proteger os seringueiros e não prejudicar a produção da borracha. Alguns desses homens ganharam fama como “matadores de índios”: o mais conhecido deles foi o mateiro Pedro Biló. Pedro Biló começou a trabalhar nos seringais do alto rio Envira em 1940, em substituição ao seu pai, Pedro Galdino. Por quase três décadas, atuou a mando de vários seringalistas em serviços que tinham como principal objetivo impedir ou punir os ataques de índios “brabos”.¹⁰¹

3.3. CORONEL MÂNCIO LIMA, O “PACIFICADOR”

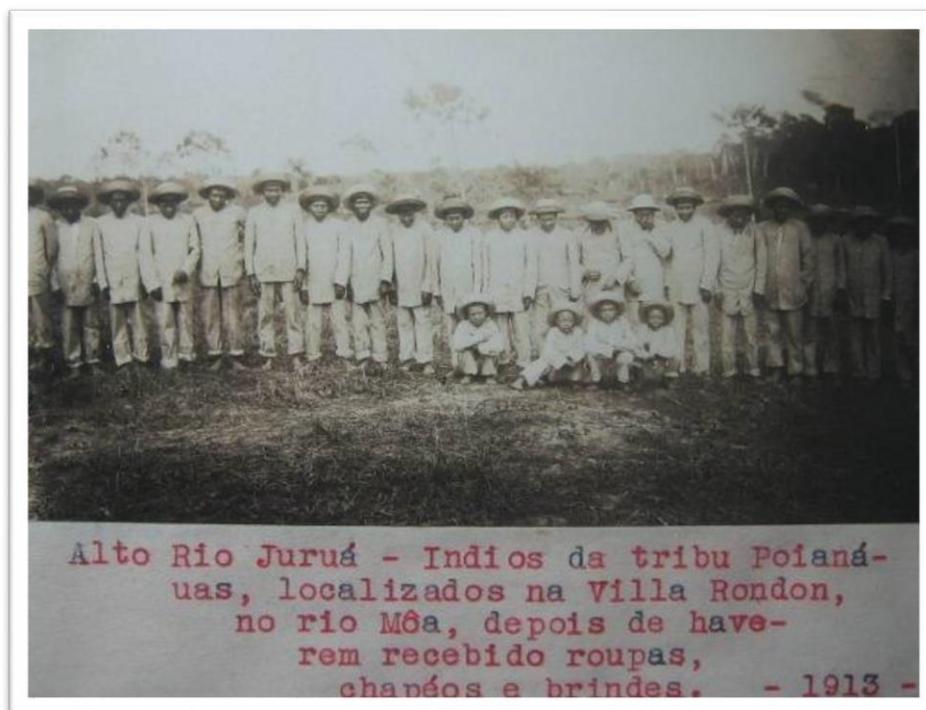
O velho índio poyanáwa Alberto Itxubãe jamais esqueceu aquela madrugada de 1913, quando assistiu sua tribo acordar em pânico, sob o fogo cruzado de aproximadamente 50 rifles de repetição, acionados pelos homens do coronel de barranco Mâncio Agostinho Lima. Os assaltantes, cada um munido de uma centena de balas, atiraram todos juntos e à vontade. O curumim Itxubãe, que tinha cinco anos de idade, foi um dos poucos a conseguir escapar com vida daquele genocídio em moda na época pela ocupação do Acre e da Amazônia. Aqueles atiradores cumpriram fielmente as ordens do coronel, para que fossem poupadas mulheres e crianças.¹⁰²

¹⁰¹ *Revista Índios Isolados do Acre*. Biblioteca da Floresta. Rio Branco, Acre. Maio 2010.

¹⁰² SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *História do Acre*. Rio Branco, AC: Editora M. M. Paim, 1992.

No ano de 1888 foi iniciada a exploração por não-índios do rio Moa, afluente do Juruá, terra dos Puyanawa. Os territórios indígenas ricos em caucho e seringa, situados na região banhada pelos rios Juruá e Purus, foram violentamente invadidos por grupos de caucheiros, seringueiros e patrões seringalistas. Quatro anos depois, todo o rio, inclusive seu braço principal, chamado Azul, encontrava-se povoado pelos exploradores da região. O rápido avanço das atividades de exploração da borracha nesta região levou à eliminação de grande parte da população nativa. Alguns grupos, à medida que tinham seus territórios ocupados, abandonavam suas casas e roçados e procuravam refúgio nas cabeceiras dos rios ou em áreas ainda inexploradas. É o que se percebe a partir da leitura da carta do Coronel Mâncio Lima, na qual afirma que desde 1900, quando iniciou a exploração de suas propriedades, vinha tentando estabelecer contato com os índios que habitavam as terras entre o Paraná dos Moura (ou da Viúva) e o rio Moa, sem no entanto, obter resultados satisfatórios. Em carta enviada ao SPI (Serviço de proteção aos índios), informou que seu intuito era catequizá-los.

Figura 16



Índios Poianawá, 1913.

Fonte: Acervo do antropólogo Terri Valle de Aquino.

O Coronel Mâncio Lima organizou, então, uma expedição que contou com a participação de três indígenas. Durante onze dias percorreram a mata à procura dos índios. Não conseguiram achá-los, embora tenham percebido vestígios recentes todos os dias. Encontraram treze grandes roçados e cinco barracões onde deixaram presentes.

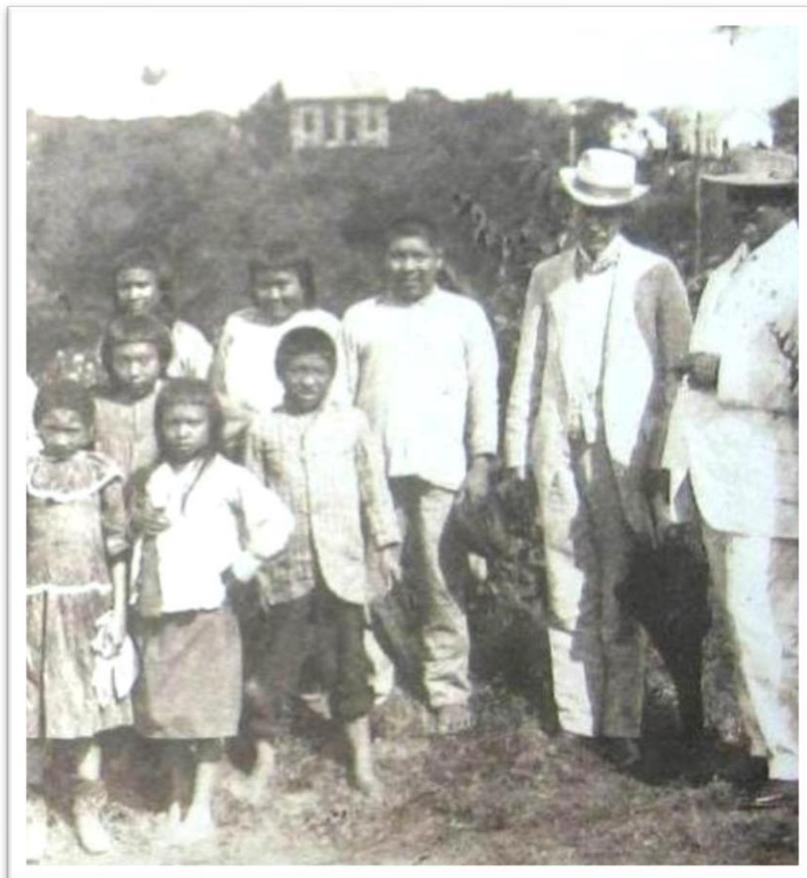
No final do mesmo ano, foi organizada uma nova expedição, desta vez bem sucedida, em que passaram a noite entre os Puyanawa. Após isso, o Coronel Mâncio Lima solicitou apoio governamental para catequizar os índios que há dez anos estavam no centro de seu seringal.

Segundo indígenas idosos, um pouco antes de serem contatados, os Puyanawa haviam se dividido porque o número de pessoas tinha aumentado. Um grupo permaneceu na cabeceira do igarapé Preto afluente do Paraná dos Moura e o outro, chefiado pelo *tuxaua* Napoleão, dirigiu-se para o Riozinho, afluente do rio Moa. Aqueles que ficaram no Igarapé Preto foram localizados pela equipe de atração dirigida por Antônio Bastos. Os índios contam que estavam dentro da maloca quando foram surpreendidos com gritos na sua língua, para não correrem. As duas portas da maloca foram cercadas, mas as mulheres, assustadas, conseguiram fugir levando quase todas as crianças. Os homens, no outro dia, foram buscá-las na mata. Algum tempo depois foram todos conduzidos para o Igarapé Bom Jardim, afluente do Moa, onde fizeram dois roçados. Ficaram neste lugar apenas um ano, sendo em seguida transferidos para o igarapé da Maloca, na Fazenda Barão do Rio Branco.

No ano de 1913, o Coronel Mâncio Lima foi informado por intermédio de um seringalista do Riozinho sobre a presença de índios na região. Foi enviada uma expedição que desta vez contou com a participação dos Puyanawa. Conseguiram atrair o grupo de Napoleão, que também foi levado para o igarapé da Maloca. Sobre a "pacificação" dos índios no Departamento do Juruá, o Prefeito Rego Barros, informou em seu relatório de 1914 que Antônio Bastos:

[...] trouxe mais de oitocentos silvícolas a relação amistosa com os seringueiros, permitindo o alargamento do campo de ação da indústria extrativa e o terceiro [Mâncio Lima] que tinha o trabalho dos seus seringais perturbados por indígenas vizinhos, conseguiu após um esforço de mais de 12 anos, com vultoso dispêndio de numerário, aproximá-los com o auxílio de Antônio Bastos, localizando na sua fazenda Barão do Rio Branco, no rio Moa, 150 indivíduos da tribo Poyanawa, apresentando alguns belos tipos físicos, vários deles com estatura fora do comum entre os indígenas.

Figura 17



Alto Rio Juruá - índios das tribos arara e poianáwa, reunidos em Cruzeiro do Sul - 1913. Acervo do antropólogo Terri Valle de Aquino.¹⁰³

Os índios permanecem na fazenda Barão do Rio Branco por pouco tempo, pois não se adaptaram ao novo local por diversos motivos, um dos quais o trabalho forçado, o que ocasionou a fuga do grupo. Apenas um homem não conseguiu fugir por estar no igarapé Bom Jardim. Este índio foi obrigado a seguir o rastro do grupo que se dividiu em três, mas mesmo assim, foram localizados novamente. Nesta captura o tuxaua Napoleão foi assassinado a tiros friamente pelo capanga de Mâncio Lima. Após a morte do líder, o grupo dispersou-se, atravessando o rio Azul.

Os outros dois grupos foram encontrados e levados de volta para o seringal. Finalmente o grupo disperso foi localizado por acaso, pois os Puyanawa utilizaram vários artifícios para confundir o rastreador. Depois de capturados os homens foram açoitados e reconduzidos para o igarapé da Maloca. Logo que chegaram, uma epidemia de sarampo

¹⁰³ À direita, veem-se, os coronéis Manoel Absolon Moreira e Mâncio Agostinho Rodrigues de Lima, respectivamente, "delegados de índios" dos rios Amoacas e Moa.

dizimou grande número de índios. Aqueles que sobreviveram, foram transferidos para a Colocação Ipiranga¹⁰⁴.

De 1915 a 1950 foi o período que os índios denominaram de "cativeiro". Os homens foram separados de suas mulheres e enviados para as colocações de seringa onde trabalhavam durante todo o ano: no verão cortavam seringa nas margens do rio Moa e no inverno, nos "centros" do seringal. As mulheres e os velhos ficavam encarregados das atividades agrícolas. Plantavam grandes roçados de milho, mandioca, arroz, cana-de-açúcar e feijão. Eram obrigados também a fazer longas caminhadas transportando paneiros de farinha e de açúcar e as pélas de borracha.

Figura 18



Alto Rio Juruá - índios das tribos jamináwa e amuáca, no rio Amoáca – 1913.
Fonte: Acervo do antropólogo Terri Valle de Aquino.

Somente no final da década de 1930 as mulheres foram dispensadas dos trabalhos na lavoura e receberam permissão para morarem com os homens nas colocações espalhadas no seringal. Esse período é muito vivo na memória dos velhos puyanawa. Viveram como verdadeiros escravos do Coronel Mâncio Lima, proprietário do seringal Barão do Rio Branco. Não tinham direito a nada, nem sequer a uma parte ínfima do seu

¹⁰⁴ Fontes; Povos Indígenas no Brasil. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa/2218>; AQUINO, Terri Valle de. *A imemorialidade da área e a situação atual do povo Poianawa*. Rio Branco, AC: s.ed., 1985. CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão. "Caminhos do Acre". In: *Revista do IHGB*, vol.196, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.

antigo território. Foram completamente expropriados de suas terras. Passaram a fazer todos os tipos de trabalho braçal e pesado no seringal Barão e em troca recebiam a alimentação diária e umas poucas mudas de roupas.

De fato foram os Puyanawa que desenvolveram o seringal Barão, construindo estradas carroçáveis, ligando a sede deste seringal à Vila Japiim e daí à cidade de Cruzeiro do Sul. Movimentaram os engenhos de cana-de-açúcar e as casas de farinha, derrubaram as matas para abrir roçados, canaviais e pastos para o gado, abriram as estradas de seringa na mata e fabricaram muitas pélas de borracha.

A decadência do Seringal Barão do Rio Branco, após a morte do Coronel Mâncio Lima em 1950, os Puyanawa foram liberados, finalmente, do regime de servidão a que foram submetidos.

Somente depois disso os Puyanawa fizeram roçados para as suas famílias, algo que até então eram impedidos de fazer. Continuaram produzindo borracha, apesar da crise desta economia da região, mas ainda eram obrigados a pagar pelo uso das estradas de seringa aos herdeiros de antigo dono do seringal. O pagamento da “renda das estradas de seringa” significava que os Puyanawa não tinham direito a nenhuma parte de seus antigos territórios e assim continuavam a viver em suas terras como intrusos. Apenas em 1977 a Funai realizou os primeiros estudos para identificação da Terra Indígena Poyanawa, que foi homologada em 2001.¹⁰⁵

O Coronel Mâncio Agostinho Rodrigues de Lima foi reconhecido como herói cultural acreano pelo seu trabalho como “pacificador” de índios. O antigo povoado denominado Vila Japiim, numa imensa região banhada pelo Rio Moa e afluentes, cortada por paranás, igarapés e igapós, foi Elevado à categoria de município com a denominação Mâncio de Lima, pela Constituição Estadual de 01/03/1963, nele tinha-se fixou-se um grande número de nordestinos predominando entre eles os cearenses, se fixaram como seringueiros ou agricultores. Foram eles os “heroicos e anônimos pioneiros que com o sacrifício da própria vida”, desbravaram e conquistaram a região, ligando-a as gerações futuras com todo o seu imenso potencial de riquezas naturais.

A página da Prefeitura Municipal consultada como fonte¹⁰⁶, não faz alusão na história do município, a nenhuma referência histórica indígena já seja de indígenas

105 Fontes: *Povos Indígenas no Brasil*. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa/2218>; AQUINO, Terri Valle de. *A imemorialidade da área e a situação atual do povo Poianaua*. Rio Branco-AC: s.ed., 1985. CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão. “Caminhos do Acre”. In: *Revista do IHGB*, vol.196, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.

106 www.manciolima.ac.gov.br

Poyanawa ou de outra etnia ou suas lideranças, apenas como limos nas linhas acima cita o Coronel Mâncio Lima e os “brancos” como heróis desbravadores, esquecendo totalmente as lutas dos heróis anônimos que perderam tudo terra, tradições, cultura até a vida.

Figura 19



Mapa da localização do município de Mâncio Lima. ¹⁰⁷

Fonte: www.weather-forecast.com

3.4. FELIZARDO CERQUEIRA O “CATEQUIZADOR”

Ângelo Ferreira e Felizardo Avelino Cerqueira trabalharam juntos como “catequizadores” dos índios Kaxinawá no alto rio Envira, para integra-los como

¹⁰⁷ Formação Administrativa do município de Mâncio Lima: Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Juruá o distrito de Mâncio Lima. Pelo Decreto Territorial n.º 43, de 29-03-1938, transfere o distrito de Mâncio Lima do município de Juruá para o de Cruzeiro do Sul. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Japiim, figura no município de Cruzeiro do Sul. Em divisão territorial datada de I-VII-1950, o distrito de Japiim, figura no município de Cruzeiro do Sul. Assim permanecendo em divisão territorial datada de I-VII-1960. Elevado à categoria de município com a denominação Mâncio de Lima, pela Constituição Estadual de 01-03-1963, desmembrado de Cruzeiro do Sul. Sede no atual distrito de Japiim (antigo Mâncio Lima). Constituído do distrito sede. Instalado em 30-05-1977. Em divisão territorial datada de 31-XII-1968, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. Fonte: Prefeitura Municipal. www.manciolima.ac.gov.br.

trabalhadores nos seringais. Poucas informações encontramos sobre a chegada de Ângelo Ferreira ao Território do Acre e ao rio Tarauacá. Em meados da primeira década do século passado, o "sítio" onde estava situado o seu barracão, na foz do rio Lupuna, na margem esquerda do rio Tarauacá, constituía "um pequeno povoado", com duas dezenas de casas. Era o local a partir do qual Ângelo controlava os seringais que abria nos rios Apuanã e Lupuna. O reconhecimento de Ângelo Ferreira da Silva como desbravador e patrão de seringais no médio rio Tarauacá e pioneiro "catequizador" de índios, bem como os serviços por ele prestados à Prefeitura do Alto Juruá e à Comissão de Obras Federais, são destacados em relatórios oficiais, em matérias de imprensa (O Município, Villa Seabra, 28/4/1912). Em romance ficcional com trama passada no rio Tarauacá e Villa Seabra, no qual Ângelo Ferreira é personagem, este "narra" ter trabalhado, nas últimas décadas do século XIX, como regatão nos rios Juruá e Tarauacá, trocando mercadorias aviadas no comércio de Manaus, por diversos produtos florestais; e, com o aumento nos preços da borracha e a intensificação do movimento migratório para as cabeceiras dos rios, teria decidido se estabelecer no médio rio Tarauacá para explorar seringais. Em sua tese, o antropólogo Oscar Calavia Saez,¹⁰⁸ faz referência à transcrição de diários do padre Tastevin, relativos aos anos de 1919-1922, feita pelo Padre Teodoro, também da Congregação do Espírito Santo. Em um desses diários, Tastevin faz referência a 1900 como o ano do início das atividades de Ângelo Ferreira no médio rio Tarauacá, comenta fatos de sua vida pessoal e relaciona atividades nas quais teria mobilizado a mão de obra de vários grupos indígenas:

Sacava montanhas de caucho com os índios; tinha uma peruana poliglota como companheira; a cana crescia no meio do caucho... Começou em Cocamera onde residiu de 1900 a 1909; obrigava os índios ... a trabalhar no caucho... nas plantações: Kolina, Kasinaua, Capanaua, Catukina e Canamari. Falava vários dialetos...¹⁰⁹

Tinha uma freguesia de cerca de 200 homens, engajados na extração do caucho e na produção de borracha, tanto brasileiros como peruanos. Já estabelecido no rio Tarauacá, Ângelo Ferreira, por meio da abertura do varadouro até as cabeceiras do rio Acuraua e as margens do rio Gregório, visara expandir seus domínios sobre novas zonas ricas em seringa e aproveitar as últimas regiões de cauchais¹¹⁰.

¹⁰⁸ Oscar Calavia Saez. *O nome e o tempo dos Yaminawa*. Tese de doutorado em antropologia. USP, 1994.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. *Os Kaxinawá de Felizardo: Correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá*. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

Ao contrário das escassas informações disponíveis sobre a chegada e o início das atividades de Ângelo Ferreira nos seringais do Território do Acre, o relatório biográfico de Felizardo Avelino de Cerqueira¹¹¹ esclarece uma série de eventos que ele próprio considera fundadores de sua trajetória profissional como “catequizador de “índios”, inicialmente por meio de atividades realizadas para o seu patrão Ângelo Ferreira da Silva”.

Felizardo nasceu a 29 de outubro de 1886, em Vila Pedra Branca, no município de mesmo nome, no Estado do Ceará. Com pouco mais de 17 anos, em março de 1904, acompanhado de uma turma de conterrâneos, deixou a cidade natal com destino ao Amazonas, passou por Belém e Manaus e desembarcou na confluência dos rios Envira e Tarauacá. Naquele ano, trabalhou como seringueiro no rio Acuraua e na safra seguinte, de 1905, já como freguês de Ângelo Ferreira da Silva, cortaria seringa numa colocação de margem próxima ao sítio Lupuna. De 1905 a 1909, trabalhou para a Prefeitura do Alto Juruá e a Comissão de Obras Federais no Território do Acre. Em 1910 estabeleceu-se entre os Kaxinawá, no Alto Rio Envira. Lá, a serviço dos patrões, procurou evitar que os brabos atacassem caucheiros, e que novas correrias fossem realizadas. Foi reconhecido pelo SPILTN como “Delegado de Índios” no Rio Envira em 1914, ainda que não tenha sido posteriormente remunerado por esse trabalho. Acompanhado por 350 Kaxinawá, mudou-se para o Alto Rio Jordão em 1917. Ali, com os Kaxinawá, realizou a “polícia de fronteira”, mediante contrato com diferentes patrões. Trabalhou como mateiro da Comissão Mista Demarcadora de Limites nos anos de 1920-27, como guia da Comissão Nacional do Petróleo em 1934-35 e como arrendatário do seringal Busnã, no Alto Rio Breu, até meados da década de 1950. Mediante projeto apresentado pelo deputado José Guiomard dos Santos no Congresso Nacional, e lei sancionada pelo presidente Juscelino Kubistchek, foi agraciado em 1959 com pensão especial pelos serviços como “catequista de índios” e “guia” da Comissão de Limites.¹¹²

LEI Nº 3.588, DE 18 DE JULHO DE 1959

O Presidente da República, Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

¹¹¹ Felizardo Avelino de Cerqueira. *Relatório e Biografia de Felizardo A. Cerqueira*. Manuscrito, Belém 1958.

¹¹² *Revista Índios Isolados do Acre*. Biblioteca da Floresta. Rio Branco, Acre. Maio 2010.

Art. 1º É concedida a pensão especial de Cr\$ 3.00,00 (três mil cruzeiros) mensais a Felizardo Avelino de Cerqueira, catequista de índio, guia da Comissão Demarcadora de Limites Brasil-Peru Art. 2º A pensão, a que se refere esta lei será paga pela dotação orçamentária do Ministério da Fazenda, destinada aos pensionistas da União.

Art. 3º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 1959, 138º da independência e 71º da República.

JUSCELINO KUBITSCHEK

S. Paes de Almeida.

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 21/07/1959.¹¹³

Felizardo tinha por hábito marcar suas iniciais, FC, no braço de homens, mulheres e crianças por ele “amansados”. Assim aconteceu com parte dos Kaxinawá e com outros índios que, enquanto Felizardo esteve no seringal Revisão, ali chegaram, “pegos” em rondas da “polícia de fronteira” ou por circunstâncias de suas trajetórias pessoais. Uma única menção a essa prática é feita por Felizardo em seu Relatório Autobiográfico, de 1958: “*Eu tinha o hábito de marcar todos os índios com as letras FC e o número de ordem que fosse amansando*”.

Figura 20



Braço de Regino Pereira, com a marca de Felizardo Cerqueira (FC), em 1981, Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão. Fotos: Txai Terri Valle de Aquino. Acervo: CDPI - Comissão Pró-Índio do Acre).

¹¹³ *Diário Oficial da União* - Seção 1 - 21/7/1959, p. 16153; Coleção de Leis do Brasil - 1959, Página 10 Vol. 5 (Publicação Original).

Em mais de uma ocasião, o chefe Sueiro Cerqueira Sales Kaxinawá comentou que Felizardo tinha por hábito registrar, num caderno, “grande, de capa dura”, os nomes e as datas de nascimento dos índios que marcara. “Felizardo amansava caboclo e depois botava a marca dele para saber que era dele, que foi ele que amansou”. O Nicolau Costa, o Regino, Romão Sales, o Valdemar Damião, esses caboclos mais velhos tudo, ainda carrega essa marca no braço. Picava o braço com quatro agulhas e passava a tinta, que é jenipapo misturado com pólvora e tisna preta de sernambi¹¹⁴.

Para os Kaxinawá, o reconhecimento de Felizardo Cerqueira como “catequizador” adviria da “proteção” prestada inicialmente contra as “correrias”, mas também de iniciativas para gradualmente incorporá-los aos trabalhos nos seringais, marcando uma linha de continuidade com as práticas de outro famoso “catequista”, Ângelo Ferreira da Silva, patrão de Felizardo quando ele chegou ao Acre:

Os que matavam eram os outros, mas o Ângelo Ferreira mais o Felizardo faziam era amansar pra trabalhar. No que ficaram lá, com Ângelo Ferreira e depois com Felizardo, ficou trabalhando todo mundo ali junto, tudo Kaxi. Ficou conhecido como catequizador, que amansou. Não deixou ninguém matar mais, maltratar. Tiveram muito tempo com ele, com Felizardo Sueiro Cerqueira Sales Kaxinawá.

Numa entrevista posterior, Sueiro se referiu ao que acreditava ser o objetivo principal da “marcação” feita por Felizardo no braço dos Kaxinawá:

Tinham ele como um pai, o Felizardo. E ele marcava, marcava com FC, como que fosse tudo dele, pra todo mundo saber. Todo Kaxi tinha a marca dele, porque foi ele que amansou. Felizardo era muito bom para nós. Era bom demais. Como o índio é danado para ir trabalhar com o outro, foi por isso que marcou, como tatuagem, marcava. Quando um índio saía para um canto, Felizardo dizia que era dele, que trabalhava com ele, com a marca dele. Os índios sofriam muito na mão dos outros patrões. Quando índio aparecia por lá, Felizardo ia buscar, levava de volta.¹¹⁵

O pesquisador Alberto Alves de Souza identifica a Felizardo Cerqueira como pai de mais de oitenta índios, filhos de diversas etnias, capturadas por ele, ainda junto a Pedro Biló, e os denuncia como os mais cruéis assassinos de índios na região do Juruá.¹¹⁶

¹¹⁴ Informação extraída de “*Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá*”, tese apresentada por Marcelo Piedrafita Iglesias ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional/UFRJ. 2008.

¹¹⁵ Entrevista com Sueiro Cerqueira Sales, seringal Minas 1994. Fonte: *Revista Índios Isolados do Acre*. Biblioteca da Floresta. Rio Branco, Acre. Maio 2010.

¹¹⁶ SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *História do Acre*. Rio Branco, AC: Editora M. M. Paim, 1992.

Figura 21



Álbum Fotográfico da Comissão de Limites do Brasil com o Peru. Arquivo Histórico do Itamaraty. ¹¹⁷

Figura 22



Felizardo Avelino de Cerqueira, Álbum de família. ¹¹⁸

3.5. PEDRO BILÓ, O “MATADOR”

Na história contemporânea do Acre há um personagem que desperta uma atenção redobrada quando se analisa seus feitos no coração das matas mais afastadas nos seringais das cabeceiras dos rios Tarauacá, Envira, Murú, Purus e outros pequenos rios e igarapés que percorrem os municípios de Tarauacá, Feijó e Santa Rosa do Purus no Estado do Acre próximo da fronteira com o Peru. Este indivíduo é Pedro Galdino Filho, o “lendário” Pedro Biló. Lendário para os moradores da região, Pedro Biló “amansador” ou “catequizador” de índios brabos, frequentemente também conhecido na região do seringal Califórnia ¹¹⁹ como “Pedro Biló matador de índios”.

¹¹⁷ Felizardo Cerqueira e três jovens Kaxinawá, moradores do alto rio Jordão, que também estavam a serviço da Comissão Mista que, em 1924, fazia a demarcação da fronteira Brasil-Peru.

¹¹⁸ Foto tirada quando Felizardo Cerqueira tinha 40 anos. No verso, lê-se: “Offereço à Irmã e Amiga Gersina. Cruzeiro do Sul, 30-10-1926. Felizardo Cerqueira”. Fonte: *Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá*, tese apresentada por Marcelo Piedrafita Iglesias ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional/UFRJ.

¹¹⁹ Seringal Califórnia, ou fazenda Califórnia, está situado na Região do Rio Envira, afluente do rio Tarauacá. O seringal era a base operacional de Pedro Biló, lá planejava e de lá partia em suas ações de “catequização” de índios. Esta área do rio Envira é navegável entre sua foz e a localidade do seringal Califórnia. Na época das cheias é acrescido de mais um trecho até a localidade denominada Progresso, quase na fronteira com o Peru, facilitando muito a logística de transporte de Pedro Biló e seu grupo.

A história de Pedro Biló é uma história interessantíssima, cheia de situações dantescas e de tristeza. Era do conhecimento de todos que o rodeavam o antagonismo que sentia pelos índios; antagonismo que segundo pessoas mais chegadas era de verdadeiro ódio. Dona Fernandes da Silva, 92 anos, cearense que viveu no seringal Califórnia, lembra de Pedro Biló e do seu ódio pelos índios:

Ele era jovem, um rapagão bonito, ajudava a seu pai o velho Pedro a cortar seringa, eles tinham um seringal acima do seringal Califórnia, próximo do Progresso. Um dia voltando mais cedo para sua casa, lá na vereda da praia, de longe viu uma cabeleira grande de cabelos caracolados, pairando ao vento, espetada no alto de uma grande taboca no meio da praia, aos choros correu para confirmar, era a cabeça de sua mãe. Seu menino, Pedro enlouqueceu jurou que mataria todos os índios que cruzara seu caminho.

Entrevista com Francisca Fernandes da Silva, Manaus, 2012¹²⁰

Procuraram por toda parte, mas a família, e uma outra família que morava em outro assentamento por perto, não encontraram o resto do corpo, nem a farinha no pote, nem as panelas, os terçados e a espingarda, que também desapareceram. Encontraram apenas longe da casa, no meio do mata, restos de uma fogueira e ossos de gente. O medo se instalou naquelas veredas, as famílias de “cariú”¹²¹ se juntaram, e ficaram morando duas famílias juntas, revessando-se para os afazeres de cortar seringa. Esclarece dona Francisca em seu depoimento que: “Um dia o homem de uma família ia para a mata, no outro dia era os outros homens da outra família, sempre tinha homens na casa, com as espingardas prontas”.

Pedro Biló não se fez por demorar, ele sozinho armado com uma espingarda, partiu para as matas. Esteve ausente por uns dias, quando regressou, num saco de açúcar, trouxe duas cabeças de índio, exalavam um cheiro forte de carne podre. Pedro tinha encontrado um grupo de índios “brabos” e os tinha botado para correr matando a dois a tiros de espingarda, e ferindo a um terceiro. Isto tranquilizou as famílias por perto. A notícia se espalhou por outros assentamentos causando grande regozijo¹²².

¹²⁰ Francisca Fernandes da Silva, cearense da Serra Grande, que em 1932, aos 13 anos embarcou com seus pais rumo a Amazônia para um assentamento de seringueiros no seringal Califórnia, no estado do Acre, nas cabeceiras do rio Envira. Trabalhou com seu marido (Soldado da Borracha), cortando também seringa. Entrevista filmada no dia 05 de maio de 2012

¹²¹ Com essa denominação eram conhecidos os brancos pelos indígenas, nas matas das cabeceiras dos rios Tarauacá, Murú e Envira, próximo da fronteira com Peru. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, define cariú; [Do tupi amazonense.] Entre os tupis homem branco. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira S. A. Rio de Janeiro, RJ. 1986.

¹²² Esta informação foi comentada pelo filho de dona Francisca Raimundo Fernandes da Silva. Ele entre manifestações de admiração e saudade lembrava que este fato foi contado várias vezes pelo seu pai quando

Pedro Biló quando jovem continuou a trabalhar com seu pai irmãos e irmãs no seringal da família, vez por outra era chamado por moradores de outros assentamentos a intervir perante as situações de roubo, principalmente quando se suspeitava que índios arredios tivessem sido os autores, ou simplesmente porque os “*cariu*” se sentiam indefesos perante a constatação de indígenas desconhecidos próximos de suas casas. Ele não se fazia de rogar por duas vezes, quando solicitado, logo partia para oferecer sua ajuda.

Em 1941 os Acordos de Washington celebrados entre Brasil e os Estados Unidos da América, previam que o Brasil supriria todo o látex que pudesse produzir em troca de US\$ 300 milhões (cerca de R\$ 900 milhões, a preços de hoje) para Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, muitos nordestinos foram novamente arregimentados e enviados a servir como soldados, nas matas do Acre e do Amazonas. Segundo Samuel Benchimol¹²³ de 1941 a 1945, período que vigorou estes acordos, exatamente quando se agravava a necessidade de borracha pelos exércitos aliados, um contingente de 72022 migrantes (dentre eles 11739 eram mulheres) foram arregimentados nos estados do Nordeste. Os soldados da borracha¹²⁴ como eram chamados, foram distribuídos nas estradas para extrair a goma necessária a abastecer as indústrias bélicas dos Aliados contra o Eixo¹²⁵. Foram espalhados conforme a necessidade dos seringalistas que os requisitavam do governo, e instalados nos antigos assentamentos à muito abandonados. Um segundo *boom* da borracha se iniciava pelos últimos anos da II Guerra Mundial nas matas da Amazônia. A borracha amazônica se fez de suma importância para a indústria bélica dos aliados, se teria que produzir todo aquilo que fosse encomendado, custasse o que custar se pagaria o preço que fosse necessário. Mais a que preço? Quem eram os que pagavam tão alta fatura por cada tonelada de borracha que se produzia? A resposta é clara: sem dúvida eram os habitantes tradicionais das florestas, os índios.

Novas estradas foram abertas, o momento de ganhar altos lucros era propício, os seringalistas aproveitavam o momento. Para isto foi necessário cada vez mais se adentrar nas matas virgens e demarcar novos assentamentos para seringueiros. O contato era

ele ainda era criança, e morava com a família num assentamento no seringal Califórnia. Entrevista filmada no dia 05 de maio de 2012.

¹²³ BENCHIMOL, Samuel. *Romanceiro da batalha da borracha*. Imprensa Oficial Governo do Estado do Amazonas. Manaus, 1992.

¹²⁴ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha: Das Vivências do Passado as Lutas Contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

¹²⁵ CORRÊA, Luiz de Miranda. *A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial*. Edições Governo do Estado do Amazonas. Manaus, AM. 1967.

inevitável, porém os índios não eram passivos, quando ameaçados se fizeram presentes, também causaram muitos “incômodos” aos novos vizinhos. Mais quem se importava com um punhado de índios arredios? Ninguém! Para o governo Federal, no Acre não havia índios, Para os fazendeiros os índios eram animais, que roubavam, matavam trabalhadores dos assentamentos e atrasavam muitas vezes a exploração da borracha, daí a necessidade que os seringueiros tinham de se proteger de seus ataques.

Neste ponto que iniciamos a nossa análise, Pedro Biló na ocasião não apenas socorria os “cariú” vizinhos, mas agora era contratado para desbravar novas áreas, e, neste ponto que não podemos deixar de fazer uma comparação, que pode ser até auspiciosa, porém cremos que é pertinente. A linha que separa o herói do bandido pode ser muito tênue; feitos heroicos e atos degradantes caminham juntos ao longo da estrada da vida, e o bom se mistura com o mal necessário sendo quase impossível de os separar. Que ações caracteriza um herói? Como identificamos um bandido? A justiça define muito bem, todo matador é um assassino, e por consequência o matador é um criminoso, mas este individuo criminoso, talvez não seja identificado como assassino pela comunidade onde mora. Matar para defender a vida dos amigos ou vizinhos; matar em defesa das possessões ameaçadas, em defesa da mulher, dos filhos menores é um ato heroico ou um ato criminoso? Exterminar um “povo selvagem” para ficar com suas terras, matando os homens adultos, os velhos e as crianças, cativar suas jovens mulheres para servir de prostitutas, não é crime? Mais diríamos, é um genocídio?¹²⁶ Muitos logo condenam, outros poucos, analisam, mas se confirmado o crime, por que considerar os bandeirantes heróis? Contudo prestamos-lhes homenagem, dando seus nomes a cidades e logradouros citadinos!

¹²⁶ Em este aspecto quando analisarmos as agressões entre índios e não índio, na região dos rios Tarauacá, Murú, Jordan, Envira, Juruá e outros no Estado do Acre, não têm dúvida em identificar quem agrediu quem primeiro. Os proprietários tradicionais das terras acreanas onde se organizaram os seringais desde finais do século XVIII, eram sem rastro de dúvida os indígenas. Contra estes povos tradicionais, kaxinawá, Araras, Arauaques, Kulimas, (apenas para citar alguns entre mais de 50 etnias identificadas no Acre) o homem branco utilizou de todos os meios disponíveis para expulsar-lhes das áreas de interesse econômico principalmente para a indústria da borracha e posteriormente na transformação dos seringais em grandes fazendas de gado e agrícolas. Os não indígenas foram os responsáveis da diminuição demográfica indígena. Para isso o homem branco praticou assassinatos inicialmente pelos coletores de droga do sertão, pelos seringalistas brasileiros através das correrias, doenças transmitidas pelos brancos, assassinatos cometidos por caucheiros peruanos e soldados bolivianos e assassinatos cometidos por capangas de fazendeiros a partir da de cada de 1970. Os índios nunca abriram mão de suas terras sem colocarem em prática várias formas de resistências, dentre as quais o confronto com o homem branco. Em nossos estudo colocamos os indígenas como vítimas, independentemente das razões que motivaram Pedro Biló a agir desta ou de aquela maneira.

Lembre-mos de Antônio Raposo Tavares¹²⁷, em apenas duas incursões aprisionou centenas de índios na Guayra lá nos idos anos 1629, ou do Diabo Velho (Anhanguera) o temido Bartolomeu Bueno da Silva¹²⁸, em as chamadas Bandeiras, quantos índios não aprisionou e matou em Goiás em 1722. E também de Manuel Preto¹²⁹ entre 1610 e 1615, organizou excursões no Amazonas e Pará chegando até o Peru, escravizando e matando centenas de índios, não poderíamos deixar de lembrar a Domingos Jorge Velho¹³⁰, um dos bandeirantes mais ferozes, responsável pela repressão de várias nações indígenas na Bahia e, especialmente no Piauí, famoso por sua participação no extermínio do Quilombo dos Palmares. Podemos justificar as Bandeiras? Eram outros tempos e outras situações? Podemos até acreditar que naquela época os fins justificavam os meios?

Hoje aquelas ações são questionadas, até nos arriscamos a dizer que os bandeirantes, não eram heróis, que eram desbravadores, coletores de indígenas para ser escravizados e vendidos nos mercados de escravos, e também matadores, direta e indiretamente, pelas armas ou pelas doenças, porém matadores de indígenas também!

Bem essas ações vistas por outro prisma são condenáveis a nossos olhos, porém não eram aos olhos de seus conterrâneos, eram heróis sim! Para eles, e como heróis teriam que ser lembrados por seus feitos históricos. Então temos elementos potencializados nas ações dos bandeirantes que não precisam ser justificados, pois eram de conotação necessária à época. Como garantir braços na coleta das drogas do sertão ou para o trabalho nas laboras? No corte de madeira, na mineração e outros menestréis? Escravizar não excluía nem índios nem índias nem jovens, eram descartados os velhos e as crianças apenas.

Mais que dizer de episódios mais recentes ocorridos no Acre, os chamados de “*correrias*” da população interiorana, que foram iniciadas pelos caucheiros peruanos no final do século XIX. Os caucheiros peruanos, na procura de seringueiras eram nômades, por isso constituíram-se num dos principais inimigos dos indígenas, já que eram impelidos a contínua procura de novos territórios. Com efeito a partir de 1870, inicia-se uma onda de deslocamento de caucheiros na procura de árvores de caucho. Estas invasões

¹²⁷ PINTO, Pedro. *Raposo Tavares: O último Bandeirante*. São Paulo: Editora Planeta, 2015.

¹²⁸ FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*. São Paulo, Edusp / Belo Horizonte: Itatiara, 1989.

¹²⁹ TAUNAY, Affonso de E. *história das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Melhoramentos/Mec., 1975.

¹³⁰ LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Revista Genealógica Latina. 1958.

demoraram mais de vinte anos, e prosseguiram por seringueiros brasileiros desde o início do século XX, se estendendo pelo menos até 1960.¹³¹

As “veias abertas” do Acre foram muitas. O total de leite de seringa defumado e do caucho retirado, na região acreana, corresponde à mesma quantidade de sangue derramado dos corpos dos índios assassinados durante os primeiros tempos dos seringais.¹³²

No Acre, ainda pela década de 40, tinham-se notícias das “correrias” que eram grupos de nordestinos armados que, a serviço de seringalistas (...) cercavam aldeias, ao radiar do dia, e destruíam tribos inteiras.¹³³

Por citar alguns “modernos bandeirantes”, lembrarmos-nos das incursões realizadas pelo coronel Mâncio Lima¹³⁴ famoso agressor e “amansador” de índios arredios. Quantos índios poyanáwa ele não dizimou? Lembremos Alberto Itxubãe,¹³⁵ velho índio poyanáwa nos conta que: “Jamais esqueceu aquela madrugada de 1913, quando assistiu sua tribo acordar em pânico, sob o fogo cruzado de aproximadamente 50 rifles de repetição, acionados pelos homens do coronel de barranco Mâncio Agostinho Lima”.

As ações “catequizadoras” sobre os índios poyanáwa organizadas por Mâncio Agostinho Lima, foram reconhecidas como atos heroicos, em reconhecimento a estes atos “heroicos” uma cidade do Acre foi batizada com seu nome: Mâncio Lima.

Pedro Galdino Filho o Pedro Biló como era conhecido, era caboclo da terra nascido no seringal Progresso em 1918, desde a idade de sete anos acompanhava seu pai nos afazeres do seringal: “Era caboco esperto, grande conhecedor das matas [...] era perigoso, nos defendia anos, com ele por perto ninguém mexia com nós, era perigoso seu menino”.

Dona Francisca¹³⁶ esboça um leve sorriso. “*Era um rapagão muito bonito*”, eu lhe pergunto se Pedro não era cearense também? Ela me diz: “não, não... era acreano, seu pai era peruano, ele falava toda fala dos caboclos, cortava muito bem a gíria dos caboclos ele era meio índio também..., era perigoso”.

¹³¹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Índio e o Mundo dos Brancos*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 1996.

¹³² SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *História do Acre*. Rio Branco, Acre: M.M. Paim, 1992.

¹³³ MARTINS, Edilson. *Amazonia, a Última Fronteira*. Editora Codecri. Rio de Janeiro, RJ 1981.

¹³⁴ Coronel de barranco, Mâncio Agostinho Lima não tinha patente militar, embora ele se trajasse como militar de cavalaria, muitas vezes foi visto no seringal fazenda Barão Rio Branco usando uniforme militar de cavalaria montado a cavalo utilizando um sabre na cintura.

¹³⁵ SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *História do Acre*. Rio Branco, Acre: M.M. Paim, 1992.

¹³⁶ Francisca Fernandes da Silva. Entrevista filmada em vídeo e áudio. Maio de / 2012. Manaus AM. Filmoteca pessoal do autor.

Pedro Biló trabalhara desde 1940, e por um período de quase trinta anos, a mando de vários seringalistas do alto rio Envira; sua função era garantir a segurança de seringueiros, caucheiros e madeireiros, contra ataques de índios “brabos”. Seu serviço era eficiente e reconhecido tanto pelos seus patrões como pelos cariú, ele resolvia qualquer “parada”: índio brabo não durava. Os patrões promoviam as correrias para garantir a segurança dos trabalhadores, evitando que abandonassem o serviço e Pedro Biló, garantia que áreas ricas em seringueiras e madeiras permanecessem sem ser derrubadas pelos índios por ocasião do plantio de roças. Os peruanos eram considerados mestres em assuntos de *correrias*, tanto no tempo do caucho, como no tempo da madeira, por isso eram um contingente sempre presente. Pedro Biló costumava os arregimentar frequentemente, e também engajava caboclos mansos e índios kulina, que desde 1920 tinham-se aproximado do seringal Califórnia.

Em uma entrevista realizada com o antropólogo Terri Valle de Aquino,¹³⁷ Pedro Biló contesta sua fama de “matador de índios”:

Em 1950 uma vez amansei mais de 200 Kaxinawá, que vinham varando lá no rio Curanja, cabeceiras do Purus, para encontrar seus parentes [...]. eu dei para eles, terçados, machados, roupas, cobertas, rede, calção, os homens eram todos nus, usava o instrumento preso pela cabeça numa fina corda de envira. Já as mulheres usavam tanga de algodão, que elas próprias teciam.

O episódio a seguir, contado pelo próprio Pedro Biló a sua neta Benedita do Nascimento Galdino,¹³⁸ contrasta com a sua fama de “matador de índios” ele afirmava que só matou alguns poucos índios e apenas para se defender, ganhando fundamento a possibilidade de afirmar uma outra faceta da sua trajetória:

Vovô amansou muitos caboclos brabos, eram índios Kaxinawá. Eles moravam na outra margem do rio numa grande aldeia, eu era pequena e tinha muito medo deles, uma índia queria me levar para me criar, e sempre que vinham a fazenda Califórnia eu me escondia. [...] o vovô contava que trazia muitos índios para trabalhar na fazenda do padrinho Custódio e a madrinha Neusa, eram gente muito graúda, da família Prado.

Ao que parece sua fama de herói matador lhe precedia, sempre era lembrado e talvez com um tanto de exagero, pela sua fama de “matador”. Atribuía-se a Pedro Biló, poderes sobrenaturais, os carius afirmavam, e nisso acreditavam, que ele tinha o corpo fechado, nada poderia atingir-lhe, nem flecha nem bala. Ele tinha uma oração poderosa e

¹³⁷ Terri Valle de Aquino, Terê kaxinawá, Getúlio Sales. *Índios brabos atacam na fronteira do Acre com Peru*. Gazeta do Acre (papó de Índio). Rio Branco 1987.

¹³⁸ Benedita do Nascimento Galdino. Entrevista firmada em vídeo e áudio. Março / 2012. Manaus, AM. Fimoteca pessoal do autor.

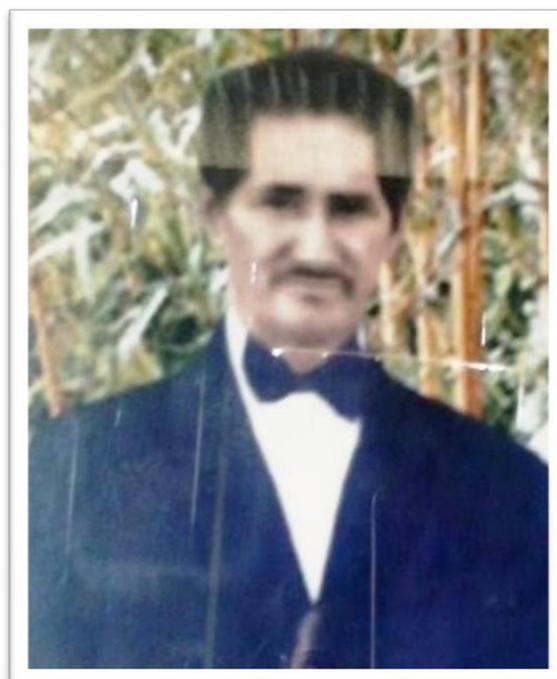
quando rezava a São Cipriano adquiria visão e ouvidos excepcionais. Nas *correrias* vestia uma capa preta de couro, esta capa o tornava supostamente invisível, a ele e mais nove em sua volta. Isto lhes fazia poderosos porque lhes permitia entrar na aldeia sem serem notados, enquanto o resto do bando cercava as malocas.

Figura 23



Pedro Biló por volta de 1945.
Fonte: acervo familiar.

Figura 24



Pedro Biló em 1975.
Fonte: acervo familiar.

Pedro Biló foi preso em 1976 aos 58 anos, pela polícia federal, e foi levado a Rio Branco, onde ficou preso aguardando o julgamento, pelos crimes de genocídio, formação de quadrilha, escravidão e enriquecimento ilícito. Foi também acusado de cativar índias para vender a madeireiros e seringueiros como mulheres ou como prostitutas em lupanares peruanos. Em seu depoimento ele reconheceu que teria organizado e participado de muitas correrias ao mando de patrões fazendeiros, e que foram mortos grandes quantidades de índios. Instruído pelo seu advogado, Pedro Biló alegou que esses crimes teriam acontecido fazia mais de trinta e cinco anos, ninguém, no papel de vítima, questionou este depoimento. As supostas vítimas não apresentaram queixa, e a defesa alegando a defesa prescrição de crimes, conseguiu fazer com que Pedro Biló fosse liberado pela justiça.

Segundo Porfírio de Carvalho¹³⁹, as principais razões que o levaram a articular um plano para prender a Pedro Biló, foram sua fama de matador de índios profissional e a captura de índias jovens para usá-las sexualmente e vendê-las aos seringueiros.

Tinha uma lenda de que ele sumia, que ninguém conseguia prender ele. Muita gente também não conhecia o rosto dele. Eu estava atrás dos índios e como a Funai não me autorizava, eu subia os rios sem me identificar, sem dizer que era da Funai. Eu dizia que era pesquisador. E eu subindo o rio Envira, eu sabia que ali era o habitat do Pedro Biló, fui dormir num seringal, abaixo da fazenda Califórnia. Fui dormir na casa de um homem, e o homem era o Pedro Biló. Passei três dias na casa dele. Logicamente, foram três dias ele me contando histórias. Eu armei minha rede ao lado da rede dele pra escutar as conversas. Vi os hábitos dele, onde dormia, quando dormia. Ele usava o seguinte método: tinha uma casa na frente, onde as pessoas dormiam, e uma casa atrás. Subindo, tinha que vir descendo, com motor desligado. Porque se fosse subir o rio ele ouvia o motor. Eu fiz um mapa de onde era a casa dele, e vim aqui arrumar a polícia pra ir lá buscar ele preso.

Em 1981 Pedro Biló demonstraria grande magoa pelas acusações de matador e pela sua prisão em 1976, ele alegava não ter sido o único a ter realizado *Correrias*. Citava Felizardo Cerqueira, foi contemporâneo e atuou nas mesmas áreas amansaram os mesmos índios, o conhecia pessoalmente, e sabia como ele atuava.

Inclusive os índios mansos as fizeram, os patrões mandavam, nós tínhamos que obedecer, eles eram os verdadeiros culpados, por serem ricos permaneceram impunes e livres e sem perseguições, venderam seus seringais para grupos econômicos poderosos do sul do país. E tornaria explícito seu ressentimento, após de tanta servidão de tanto trabalho para os patrões, encontrava-se perseguido e desamparado em sua velhice.

Sobre este fato, Benedita Galdino me contou que seu avô sempre questionava esta “injustiça” por que ele foi preso.

Ele realmente tinha feito muitas coisas do que lhe acusavam, porém sempre teria sido para defender os vizinhos dos caboclos brabos, e ao mando de patrões, mas eles não tinham sido acusados de nada, eles eram gente graúda da cidade, meu avô tinha dinheiro não era à toa, tinha o seringal Progresso, pero nada que se compare a fazenda Califórnia

Pedro Biló em uma entrevista ao antropólogo Terri Valle de Aquino realizada em 1981 e publicada em 18 de outubro 1987 no Jornal a *Gazeta do Acre*¹⁴⁰ se queixava de injustas as acusações, ele teria sido o bode expiatório, me culpavam de tudo!

¹³⁹ O indigenista Porfírio de Carvalho, recém chegado ao Acre para instalar a primeira Ajudância da Funai, ao tomar conhecimento dos histórias de genocídios contadas ao respeito de Pedro Biló, arquitetou um plano junto a polícia federal para captura-o.

¹⁴⁰ Entrevista com Pedro Biló, feita por Terri Valle de Aquino e José Carlos dos Reis Mirelles, publicada sob o título

“O herói dos carius”, na Coluna Papo de Índio, do Jornal Gazeta do Acre, em 18 de outubro de 1987.

E o que foi que eu ganhei com isso? Nada! Só doença, só malária e fui até perseguido pela Funai. Por que a Funai não persegue os patrões dos seringais, que mandavam fazer as correrias, e só persegue eu, que sou pobre coitado, um velho que não enxerga direto? Certo, houve correrias!

Mataram muitos índios aqui no Acre. Mas os culpados são os patrões dos seringais, não sou eu não [...] Eu só ia para onde era mandado pela minha madrinha Neusa Prado de Azevedo, hoje, eu sou amigo dos kampa, dos Kulima, dos Katukina e dos Kaxinawá [...] A Funai em vez de me perseguir, deveria era demarcar as terras dos índios [...] Nasci e me crie nas matas.

Conheci cada grutião de mata de suas cabeceiras. E aqui estou velho, com 63 anos, e nem aposentado do Funrural estou, da vida só fica mesmo a fama.

Fatos reais, análogos e históricos tratados de forma diferente! No caso de Felizardo Cerqueira e de Pedro Biló não há dúvida a história de ambos se entrecruza se mesclam, durante alguns e anos correm paralelas, inclusive no mesmo espaço geográfico. Mesmos fatos, mesmas ações, mesmos atores no palco da vida, então, porque um bandido outro herói? Porque que a Polia Federal decidiu prender apenas Pedro Biló? Uma resposta possível seria porque Pedro Biló estava vivo e Felizardo já teria falecido. Porém tinham outros atores. Seríamos tolos de pensar que apenas Pedro Biló, sozinho, ou com um punhado de homens peruanos e índios mansos, organizou as *Correrias* no estado do Acre. Havia mais grupos, outros “Pedros Bilos” anônimos, embora conhecidos, que nunca apareceram em notícias e manchetes, nem contaram histórias sobre eles. Mais os índios sabiam quem eram, e eles tinham patrões que ficaram também anônimos e impunes.

Fica uma pergunta, quem é mais culpado o executor ou o mandante? Todos são nem mais nem menos! Não justifico nem quero justificar as ações de Pedro Biló, pois para assassinos e torturadores nunca deveriam prescrever os crimes, mesmo sendo presos quando velhos cansados e doentes estes crimes deveriam ser cobrados e pagos a qualquer tempo. Porém não esqueçam que a corda sempre arrebenta pelo ponto mais fraco, e os “graúdos” como é costumeiro ficar impunes.

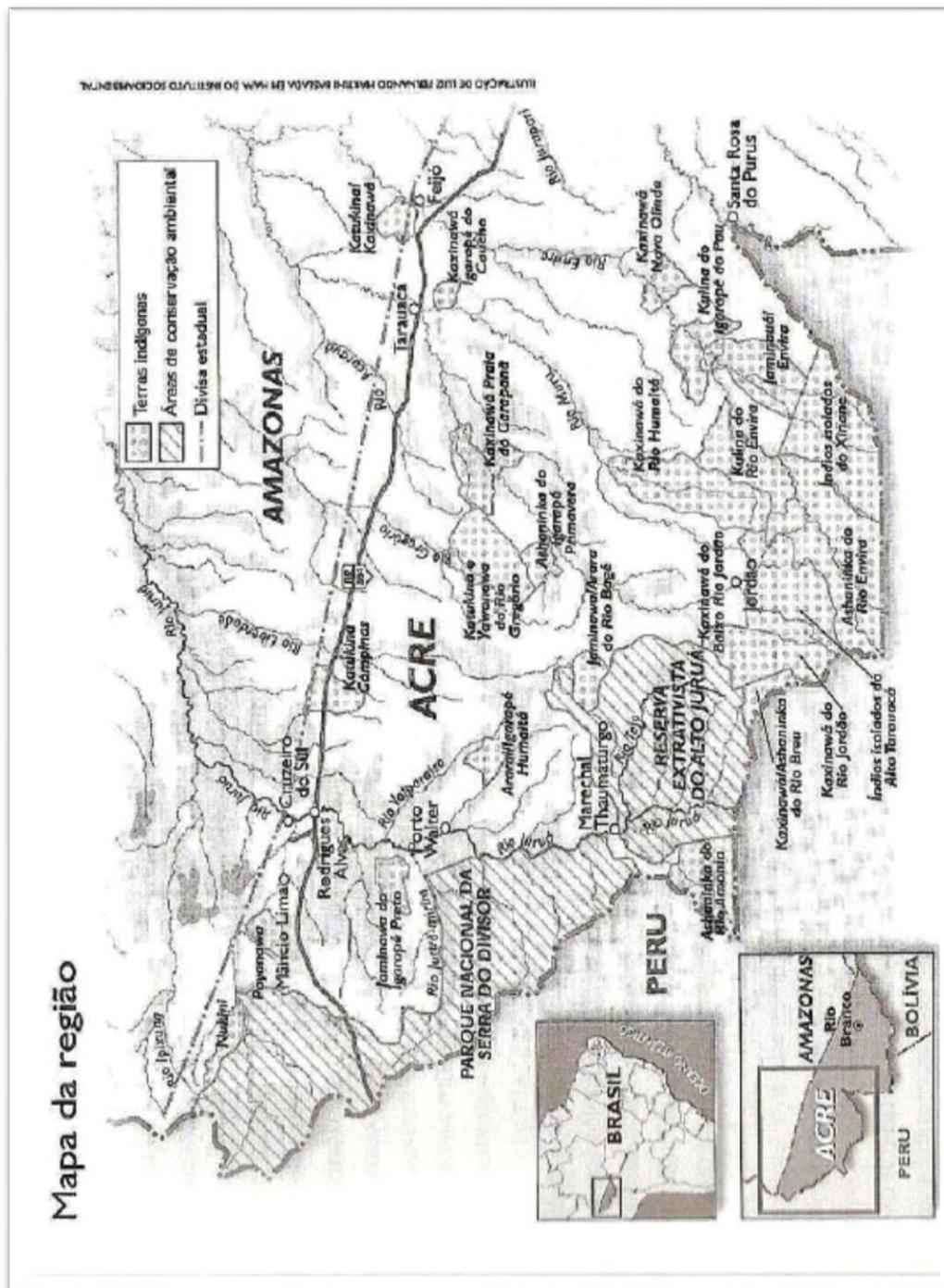
O lendário Pedro Biló morreu na cidade de Rio Branco em 1983. Para onde foi trazido as presas para tratamento de mordida de cobra. Foi mandiga de índio, conta Benedita Galdino:

Eu estava com ele aquele dia, saiu para andar no roçado perto da casa, era bem cedo, eu não ouvi fazer a oração aquela manhã. Sempre rezava a São Cipriano e dava três pulos ante de sair de casa defronte a porta, eu estava dormindo na rede na sala, sempre me acordava quando vovô saia, aquele dia ele não rezou.

Pedro Galdino Filho morou toda sua vida no Acre no seringal Califórnia e em seu entorno. Para uns foi um herói, para outros um cruel matador. Aqueles que o queriam

colaboraram para seu enterro. Está enterrado em Rio Branco no cemitério São João Batista.

Figura 25 :



Mapa atual do Estado do Acre.

Obs.: Ilustração de Luiz Fernando Martins, baseada em mapa do Instituto Ambiental. O mapa mostra os municípios de mancio Lima , Tarauaca, Feijo e Parques de Reservas indígenas.

Figura 26



Recorte geográfico da região dos rios Muro e Envira no Estado do Acre.

Obs. : Ilustração de Luiz Fernando Martins, baseada em mapa do Instituto Ambiental. Esta área foi cenário onde se passaram os fatos narrados neste capítulo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde mediados do século XIX no primeiro período de exploração da borracha de maior extração com fins comerciais, esta passou de ser um produto curioso à matéria prima muito procurada e valiosa para um fim de indústrias e produtos. Os povos indígenas das regiões ricas em árvores de caucho, seringa e outras variedades produtoras de goma, foram contatados, hostilizados e escravizados ou, pelo menos, submetidos a formas compulsórias de trabalho, primeiro utilizados nas frentes extrativistas, depois transformados em seringueiros, barranqueiros, diaristas, mateiros, caçadores e peões nas fazendas agropecuárias. Mostrar os conflitos sociais que ocorreram nas cabeceiras dos rios Purus e Juruá nas décadas finais do século XIX e início do XX foi um dos objetivos desta dissertação, porém a ideia principal está relacionada à continuidade dos antagonismos entre indígenas usuários tradicionais e exploradores brancos usurpadores de terras e recursos da floresta.

O avanço da fronteira extrativista de seringais nos rios Purus e Juruá, está caracterizado de um lado pela violência exercida contra povos indígenas para submetê-los e explorá-los e pela presença de pessoas que migraram em busca de melhores condições de vida e acabaram submetidas também pelo regime de seringal. Por outro lado, a utilização ilícita destes mesmos espaços, encontrou forte resistência que, de formas diversas, empataram, sabotaram e enfrentaram o que representava para estas sociedades indígenas uma queda na qualidade de vida e uma brusca transformação nos modos de produzir e reproduzir a existência.

Devo ressaltar que nossa opção de pesquisa, foi a de trabalhar as vivências de indígenas e seringueiros sob a ótica de experiência social narrada pelos sujeitos que a viveram, antevendo os modos de vida e luta como expressão de suas culturas. Durante este processo analítico, uma questão específica foi colocada era perceber que as pessoas comuns (índios) estavam passando por um processo de transformação social e cultural em suas vidas e que não ficaram passivas diante da nova situação. Sentimos a necessidade de desconstruir a ideia de que não havia conflitos no interior de seringais ou que a existência deles se justificava pela própria brutalidade do meio.

Neste sentido, foi ficando claro, ao longo de todo o trabalho percorrido, que a relação dos indígenas com a natureza consolidasse não apenas como estratégia de

sobrevivência. Mas principalmente, como médio de luta e formas quotidianas de insubordinação e reconstituição do viver na região. Neste sentido, abordagens estruturalistas ligadas à teoria da área cultural e da aculturação são incapazes de darem conta do processo de transformação que foram mediadas - não pela coesão ou pela harmonia - mas por sangrentos conflitos que os moradores dos rios citados tiveram que enfrentar a partir das últimas décadas do século XIX. As experiências pesquisadas possibilitam-nos interpretar o discurso daqueles que, a pretexto de “defender” a Amazônia, concebem diferentes atores como agrupados em um único sujeito monolítico, desrespeitando os diferentes modos de viver de diferentes sociedades. A partir desta interpretação, percebemos a proximidade de tal discurso, com aquelas conhecidas propostas modernizantes propostas nos projetos oficiais de integração e desenvolvimento regional.

O movimento de repressão que se praticou sobre os povos indígenas nos seringais da região de Tarauacá e regiões vizinhas se estabelecem a partir de ações de proprietários seringalistas e através do Estado. Em muitas ocasiões o Estado e seus grupos de interesses criavam as condições legais em todos os aspectos, para que as terras mais ricas em recursos naturais foram espoliadas. Isto fica claramente exposto a partir de 1970 quando começaram a chegar no Acre, incentivados pelo governador Vanderlei Dantas, os grandes compradores de terras, vindo do Centro-Sul do Brasil (São Paulo e Paraná). Eles compraram grandes extensões de terras seringais em sua maioria parte habitados por indígenas, os índios foram sendo expulsos de suas terras pelos fazendeiros ou aproveitados como peões nas derrubadas da floresta para formação de pastos, eram mantidos como trabalhadores numa atividade semiescrava ganhando míseros salários.

Um exemplo claro desta exploração contra os índios e o da Fazenda Califórnia, instalada no município de Feijó em 1973, nos seringais habitados por índios Kulimas, desde remotas datas. Esta fazenda montada com recursos federais e do Acre deveria ser um modelo de investimento a servir de guia outros importantes empreendimentos modernizadores do Acre. Os donos da Fazenda Califórnia utilizaram grande número de trabalhadores indígenas de várias etnias (kulima, kampa, katukina e kaxinawá foram identificados) nas derrubadas, transformando os índios em “peões” da fazenda. Os Kulima além de perder suas terras, foram escravizados pelos administradores da Fazenda Califórnia. Vários conflitos armados aconteceram e vários indígenas foram mortos. Denúncias do Conselho Indígena Missionário (CIMI) em 1977, acusavam a Fazenda

Califórnia de manter os índios Kulina como escravos, de ter invadido suas terras e de acostumar os indígenas ao vício da cachaça.

No fundo, a modernização capitalista pela qual passou a região, não se limitava a meras intervenções econômicas, longe de isso, foi sem dúvida um projeto sobre todo político, que afetou a sociedade, a cultura e a ecologia, com múltiplos efeitos sobre a maneira como os povos tradicionais organizavam seu mundo social. As ideias evolucionistas presentes nas teorias da evolução e o desenvolvimento em prol do progresso preveem a apropriação privada de áreas comuns e a reiteração do discurso do vazio demográfico “*é preciso ocupar para possuir*” o como dizia um antigo dito espanhol “*solo es dueño de la tierra quien la habita y trabaja en ella*” que é uma contradição neste caso, pois esta terra era possuída, habitada tinha seus donos legítimos os indígenas.

Toda esta situação coloca em evidencia um processo que, em última instancia conduz a uma depauperação das condições de vida e do meio ambiente, sugerindo que as alternativas historicamente vivenciadas por determinados grupos sociais e a consequente manutenção de seus modos de vida, nem sempre apontam para formas de organização que, na região, vem sendo consideradas mais avançadas.

Um inegável aspecto das *Correrias* é na verdade, o fato de que constituíram genocídio aos povos indígenas que habitavam as áreas de interesse para a indústria da borracha e as serrarias. Foram sometidos a violência extrema, física, moral e cultural, resultando o desaparecimento de várias etnias de povos tradicionais. Mais será que tudo isso são fatos do passado, já terminou? Ao que parece não. A região nunca deixou de ter suas “asperezas” entre índio e brancos em todas as décadas, em todos os anos, basta estar atentos a jornais e notícias televisivas e verificaremos que estas continuam, pode até ter mudado de cenário ou de atividade, caucho borracha e madeira por petróleo, inclusive de nome, até tratar de inverter o ônus da questão, porém as asperezas e agressões são reais, as mortes também! .

Sabemos que recentemente (notícia divulgada nos meios de comunicação em 2014) companhias petrolíferas peruanas se instalaram na fronteira Brasil/Peru. O governo peruano anuncia ter encontrado uma grande reserva petrolífera na região de Ucayali na divisa de com o Estado do Acre. Os antropólogos peruanos e brasileiros, denunciaram energicamente perante autoridades internacionais e nacionais de ambos países, que a região é uma área habitada por índios arredios (isolados) e que fatalmente se continuam os testes de localização de bolsões petrolíferos serram dizimadas estas comunidades indígenas no contatadas. Nada ou pouquíssimo foi feito para assegurar a preservação e o

direito destes indígenas. A terra é deles! Estão lá a centos de anos por não dizer milhares, o direito não lhes foi concedido, mais uma vez os legítimos donos da terra tem seus direitos cerceados.

As consequências previsíveis, começaram aparecer em julho de 2014. Em vídeo gravado pela equipe da Fundação nacional do Índio - FUNAI, na Aldeia Simpatia, da Terra Indígena Kampa e Isolados do Alto Rio Envira, o sertanista José Carlos Meirelles, que viveu durante mais de 20 anos na Frente de Proteção Etnoambiental - FPE Envira, e atualmente trabalha na Assessoria Indígena do governo do Acre, disse que o grupo de índios isolados que buscou contato com a FUNAI está sendo pressionado por pessoas (mateiros que atuam no Parque Nacional do Purus, no Peru).

Meirelles relatou que os índios deixaram claro que estão sendo mortos a tiros de espingarda e que tocaram fogo em suas casas. Tive oportunidade de existir o vídeo (circula na internet) era uma vanguarda de quatro indígenas jovens, a impressão que passa é que esse povo quer se chegar a alguém que não mate eles. Estão pedindo para a gente a nossa obrigação funcional. Esse pessoal está pedindo à FUNAI o que o estado brasileiro tem dever de fazer. Eles nem precisariam estar pedindo, pois é obrigação nossa. O sertanista considera a situação complicada e defende que a FPE Envira receba apoio real para que possa proteger os índios isolados.

Porém, este fato não é isolado, situação como esta, está acontecendo com muita frequência não apenas no estado do Acre, notícias nos chegam que acontecimentos semelhantes são identificados em todo Território Nacional nos revelando que a muita coisa a ser feita entre elas uma polícia mais fiscalizadora e justiça mais rápida e atuante.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Seringueiros, Caçadores e Agricultores: trabalhadores do rio Muru (1970-1990)*. São Paulo: PUC-Dissertação de Mestrado, 1995.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. “Cultura, Trabalho, Meio Ambiente: estratégias de empate no Acre. In: *Espaço Plural: revista brasileira de história*, vol. 15, no. 28. São Paulo: ANHPUH- Marco Zero, 1995, pp247-267.
- AQUINO, Taxai Terri V. de, & IGLESIAS, Marcelo P. *kaxinawá do rio Jordão; história, território, economia, e desenvolvimento sustentado*. Rio Branco. CPI, 1994.
- AQUINO, Terri Valle de. *Os Kaxarari*. Relatório de avaliação. CPI-Acre, 1985
- AQUINO, Terri Valle de. *A imemorialidade da área e a situação atual do povo Poianaua*. Rio Branco-AC: s.ed., 1985.
- AQUINO, Txai Terri Valle de. [Et al] *Papo de Índio*. Manaus: Edições Universidade Estadual do Amazonas, 2012.
- AQUINO, Terri Vale de. *Kaxinawá: do seringueiro “caboclo” ao peão “acreano”*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1977.
- BENCHIMOL, Samuel. *Romanceiro da batalha da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial Governo do Estado do Amazonas, 1992.
- BOLIAN, Carles Edwar, *Archeological excavations in the Trapezio of Amazonas; The policrome traditions*. PH. D. Antropology; University of Illinois at Urbana Champaign.
- BOURDIEU, Pierre. A construção do objeto. In: *Ofício de Sociólogo. Metodologia da Pesquisa na Sociologia*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A força do direito: elementos para uma sociologia do campo jurídico. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOUVIER, René. *Le Caoutchouc; Brillante et dramatique histoire de l’hevea*. Paris: Editora Flammarion, 1949.
- CAMPUZANO, Molano Joaquín. *La Amazonia Mentira y Esperanza*. Bogotá: Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, 1972.
- CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. *Nem Sina, nem Acaso. As tessituras das migrações entre a província do Ceara e o território amazônico, 1847 / 1877*. Dissertação de Mestrado em História. Fortaleza: UFC, 2011.
- CARNEIRO. Manuela Da Cunha (Org.). Tastevin, Parrissier. *Fonte sobre Índios e Seringueiros do Alto Juruá*. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI. Série Monografias. 2008.
- CASEMENT, ROGER. *Libro Azul Británico*. Informes de Roger Casement y otras cartas sobre las atrocidades en el Putumayo. Copyright: Los autores, El Centro Amazónico

- de Antropología y Aplicación Práctica. (CAAAP) y el Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas (IWGIA). Lima, Peru, 1912.
- CASTELO BRANCO, J. M. Brandão. “*O Gentio Acreano*”. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Vol. 27, abril-junho, 1950, p. 3-77.
- CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão. “Caminhos do Acre”. In: *Revista do IHGB*, vol.196, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.
- CORRÊA, Luiz de Miranda. *A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.
- CUNHA, Euclides da, 1866-1909. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 393 p.
- CUNHA, Euclides da. *Relatório da Comissão Mista Brasileira Peruana*. Rio de Janeiro: Itamarati, 1906.
- DAOU, Ana Maria. *A Cidade, o Teatro e o País das Seringueiras*. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- DESCOLA, Felipe. *As lanças do crepúsculo*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- ERIKSON, Philippe. *Uma Singular Pluralidade. A etno-história Pano*. In: CARNEIRO da Cunha M. (Org.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo: FACESP / Cia das Letras / SMC, 1992.
- FAULHABER Priscila & MONSERRAT, Ruth (Org.). 2008. *Tastevin e a Etnografia Indígena*. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI. Série Monografias, 2009
- FAULHABER, Priscila Barbosa. Roberto Cardoso de Oliveira et al organizadores. *Identidade contestada e deslocamento Miranh in Nacionalidade e etnicidade*, em fronteiras. Editora Universal de Brasília, 2005
- FAUSTO, Carlos. Adauto Novaes organizador. *Da inimizade: forma e simbolismo da guerra indígena*, in *A Outra Margem do Ocidente*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1986.
- FOOT HARDMAN, Francisco. *Trem Fantasma: A Ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na Selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-Saber. Ditos e escritos vol. IV*. Manoel Barros da Motta (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FRANCOVICH, Guillermo. *El pensamiento boliviano no século XX*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1956,
- GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: Uma analogia e suas implicações. In: *A Micro História e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

- HARDENBURG, W. E. *The Putumayo, The devil's paradise. Travel in de Peruvian Amazon Region and account of the atrocities committed upon Indians therein.* London: Fisher Unwin. 1912
- IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. *Os Kaxinawá de Felizardo: Correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá.* Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- KAPSOLI, W. *El pensamiento de la Asociación Pro-Indígena.* Cuzco, Centro de Estudios Rurales Andinos Bartolome de las Casas. 1980.
- KENSINGER, K. M. *Cashinahua.* London: Oxfor University, 1973.
- LA CONDAMINE, Ch. M. de. *Viagem na América Meridional; descendo o rio Amazonas.* Rio de Janeiro; Epasa, 1996.
- LEAL, Davi Avelino. *Entre Barracões, Varadouros e Tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio Madeira (1880-1930).* Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2007.
- LEAL, Davi Avelino. *Direitos e Processos Diferenciados de Territorialização: Os conflitos pelo uso dos recursos naturais no Rio Madeira (1861-1932).* Tese de Doutorado. Manaus: Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2013.
- LEAL, Davi Avelino. Por uma arqueogenealogia dos seringais: os seringueiros na historiografia regional. In *Canoa do Tempo: Revista da pós-graduação em História da Universidade federal do Amazonas*, vol. 1 n. 1, Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A Ciência do Concreto. In: *O Pensamento Selvagem.* São Paulo: Papirus, 1989.
- LIMA, Claudio de Araújo. *Plácido de Castro: Um Caudilho contra o imperialismo.* Manaus: Editora Valer. 2008
- LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha: Das Vivencias do Passado às Lutas Contemporâneas.* Dissertação (Mestrado em História). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.
- LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do Ciclo da borracha: A selva, Beiradão e O amante das Amazonas.* Manaus: EDUA, 2009.
- LIMA, Manuel Ferreira. *O Acre: Seus aspectos físicos e geográficos, socioeconômicos, históricos e seus problemas.* 2ª ed. Rio Branco, Acre: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.
- LOPES, José Sérgio Leite. Sobre os Processos de “Ambientalização” dos conflitos e sobre os dilemas de participação. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano12, n. 25, p. 31-64, jan/jun. 2006.
- LOPEZ, Claudia Leonor. Roberto Cardoso de Oliveira et all (Orgs.) *Proceso de formacion de fronteras em la region del Alto Amazonas / Solimões: La historia de las relaciones interetnicas de los Ticuna.* Brasília: Editora Universal de Brasília, 2005.
- MARTINEZ, Paulo Henríquez. *História Ambiental no Brasil: Pesquisa e Ensino.* São Paulo: Cortez, 2006.
- MARTINS, Edilsom. *Nossos Índios Nossos Mortos.* Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

- NASCIMENTO, Ivan Viana do. *História da Mendicância na Cidade de Manaus 1880-1950*. Manaus, 2004.
- OLIVEIRA FILHO, Jose Pacheco. O caboclo e o bravo. *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira n. 11, p. 101-140. 1979.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais. *Mana: Revista de Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, 4 (1):47-77, abril. (1998)
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Índio e o Mundo dos Brancos*. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 1996.
- PANDO, José Manuel. *El mayor General. D. José Manuel Pando: Su vida y sus Obras*. Tomo primero. La Paz: Litografía e Imprenta Moderna, 1978.
- PANTOJA, Mariana. *Os Milton: Cem anos de História nos Seringais*. Recife: Massagana, 2004.
- PORRO, Antônio. *O povo das águas. Ensaio de Etno-história Amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes – Edusp. 1996.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *História do Amazonas*. 3º edição. Rio de Janeiro: editora Itatiaia/Superintendência Cultural do Amazonas, 1998.
- REIS, Arthur Cezar. *O Seringal e o Seringueiro*. 2^a ed. revista. Manaus: EDUA, Governo do Estado, 1997.
- REIS, Artur c. Ferreira. *A conquista do Acre*. Anais do VI congresso Sul-Riograndense de História e Geografia. Porto Alegre: Livraria Globo, 1940.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização; A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- ROUANET, Sergio Paulo. *O mito do bom selvagem*, in: NOVAES, Adauto (Org.) *A Outra Margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os Fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1849-1880*. (Dissertação de Mestrado). Niterói: UFF, 1993.
- SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800 / 1920)*. São Paulo. Editora T. A. Queiróz, 1980.
- SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1998.
- SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *“Varadouros da Liberdade”: Empates no Modo de Vida dos Seringueiros de Brasiléia - Acre*. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC-SP, 1996.
- SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *História do Acre*. Rio Branco, Acre: M.M. Paim, 1992.
- SPIX, J. B. v. e MARTIUS, C. F. Ph. Von. *Viagem pelo Brasil 1817 - 1820*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo, EDUSP. 1981.
- TEIXEIRA, Carlos Correa. *O Aviamento e o Barracão na Sociedade do Seringal: estudo sobre a produção extrativa de borracha na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: 1980.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudo de cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- THOMPSON, E. P. *Senhores e Caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- THOMPSON, N. *El Libro Rojo del Putumayo*. London, 1912.
- TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia*. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.
- TOCANTINS, Leandro. *Formação Histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- VALCARCEL, Carlos A. *El Proceso del Putumayo*. Lima: Imprenta Comercial de Horacio la Rosa y Cia., 1915.
- VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo Autoritário e Campesinato*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- VIEIRA, Fabrício dos Santos. *Assaltos e Escaramuças: Resistência indígena na Província do Amazonas*. (Monografia de Final de curso). Manaus: UFAM, 2004.
- WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história do Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- WOSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. In: *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, vol. 4. n. 08, 1991. p. 198-215.



APÊNDICE

APÊNDICE DOCUMENTAL

Documento 1. *Informe do Subprefecto da provincia del alto Ucayali, Augusto Martínez, datado em Contamana, 3/10/191), no Archivo Prefectura Departamento de Loreto. Secretaría. Mesa de Partes y Archivos, sin foliación [4Ff.], texto manuscrito. A transcrição realizada conserva grafia original.*

[Ff.3]. *Prefecto. Por datos ciertos que he venido adquiriendo puede V.S. tener fe en la exposición que voi [sic] a hacer en el presente informe, en el que me ocuparé no sólo de las tribus que menciona el Sr.A.J.Bardales sino también de todos los indios que habitan el Ucayali i sus afluentes.// La denuncia que hace el Sr.Bardales en uno de los periódicos de la capital es completamente exacta. Casi todos los habitantes civilizados del Ucayali viven, directa o indirectamente, del trabajo del indio, i parece que sin ellos la vida se haría imposible, porque son los únicos que cazan, pescan i labran la tierra, i son también los únicos que conducen las embarcaciones por los diferentes afluentes del Ucayali. Y como aquí ha; [sic] escasez absoluta de brazos, todos quieren tener siquiera un indio para su servicio, i éste lo consiguen de mil modos diferentes, ya por medio de las correrías [la cursiva corresponde al subrayado en el original], ya por compra que de él hacen, por seducción o por algún otro medio que para este caso siempre se presenta. Lo primero que hacen es sacarlo del estado de salvaje, cazándolos como a fieras por medio de las correrías [la cursiva corresponde al subrayado en el original], las que se hacen generalmente por indios ya civilizados. En estas correrías mueren la mayor parte, principalmente los adultos, porque lo que se procura en ellas es coger a los muchachos; una vez cogidos se los vende ya sea al patrón o a otro cualquiera i se les enseña i dedica a los trabajos domésticos hasta que puedan fisgar o extraer caucho. En el alto Ucayali casi todos los [Ff.3 rev]..moradores viven de esta inhumana especulación. Algunos campos civilizados son los encargados de proporcionar muchachos a sus patrones, i reciben en pago de cada uno i según el tamaño, una escopeta o una carabina, cuatro libras de pólvora o 200 balas de rifle, dos o más cuchillos, media docena de pañuelos, un mazo de chaquiras, algunos espejitos i otras baratijas que todo no llega a ochenta soles. Una vez los muchachos en casa del patrón se buscan todos los*

medios posibles para evitar su fuga, empleando cadenas u otros medios de seguridad, hasta que llegue un comprador; entonces se lo vende según su tamaño, pero el precio nunca baja de 20 Libras. Las autoridades parece, en verdad, que apoyaran estas picardías, pero yo ofrezco a V.S. hacer cuanto esté a mi alcance por extirpar estos abusos.// Los cunivos [sic], shipivos [sic], i otros que habitan las orillas del Ucayali son víctimas de otra clase de explotación. Estos cuando llegan a la edad de 14 años, ya saben pescar i cazar i para esto necesitan de arpones, sogas, escopeta, munición, etc.; en vista de esa necesidad recurren al patrón, el que ya de antemano a [sic] preparado al muchacho con ese fin, i de éste sacan lo que necesitan a precios siempre exagerados i aquí principia la deuda que el indio contrae i que sólo la cancela con la muerte. El indio queda obligado a pagar esa deuda con paiche, caucho u otros productos; cuando tiene algo con que pagar viene a la casa del patrón i éste recibe lo que se le entrega al precio que él quiere [Ff.4]..i se le acredita en cuenta; se le estimula con aguardiente i se le da más mercaderías; entonces se le considera ya como peón de la casa i desde aquí principia su esclavitud. Según la entidad de la deuda, es la obligación que el indio contrae: mientras debe poco no se le exige gran cosa; pero en cuanto la deuda aumenta, entonces es cuando al indio se le obliga i se le impone que vaya al trabajo de caucho a los ríos más lejanos, a donde no pueda regresar con facilidad; i si se niega o se esconde por temor, se buscan todos los medios posibles por llevarlos, ya sea encadenándolos, ya sea metiéndolos en las bodegas de las lanchas, a vista i paciencia de todos los que ven; de lo cual nadie se admira, por la costumbre constante de ver estos espectáculos como una cosa necesaria; el indio debe i tiene que ir al trabajo para pagar.// Los comerciantes de Iquitos se ocupan de aviar a los patrones caucheros, proporcionándoles créditos para facilitarles el trabajo i medios de movilidad; i es inútil decir que todo esto a precios también exagerados, artículos que al llegar a manos del indio cuesta ya un sentido; así que la verdadera ventaja i utilidad son para los comerciantes de Iquitos, los que en poco tiempo hacen fortunas envidiables. El comercio de Loreto puede compararse a un trapiche: el indio es la caña; los patrones, el trapiche i el jugo de la caña, la verdadera sustancia, los comerciantes de Iquitos o aviadores.// La mercadería o aviamiento son [Ff.4 rev]..conducidos por los indios al lugar del trabajo, meses de meses i sufriendo todos los rigores de la naturaleza. En el sitio del trabajo se reparte la mercadería tal i como lo quiere el indio, es decir a medida de sus necesidades y

en proporción a su deuda. En esos lugares las mercaderías alcanzan precios elevadísimo~

l,o que hace que el indio llegue a deber 1.500 o 2.000 soles; trabaja todo el año i consigue extraer 40 ó 50 arrobas de caucho, que se les recibe según el precio impuesto por los patrones en el lugar en que se hace la entrega, pero siempre procurando utilizar 15 ó 20 soles en arroba. Como el indio no conoce los números de la romana no sabe tampoco lo que pesa la carga que entrega i siempre se le usurpa de 6 a 10Kg. en cada pesada, sino es más. Si el cauchero no ha entregado el caucho suficiente para cancelar su cuenta, tiene que seguir trabajando, i para ello necesita de nuevo aviamiento, i vuelve el infeliz a quedar en las mismas o peores condiciones que cuando principió; i si a esto se añade alguna desgracia que pudiera acontecerle, como una virada, etc. imagine V.I. cuál será el estado i compromiso en que queda ese desgraciado; i así se ve esclavisado [sic] por muchos años, lejos de su familia i la mayor parte de las veces en territorio extranjero. Si consiguen pagar sus cuentas regresan a sus hogares i se encuentran sin casa, sin mujer i sin hijos: la una, porque ha sido destruida por el tiempo; la otra, porque se abandonó en vista de sus necesidades, i los últimos, por las mismas causas. De [Ff.ti]..todo lo cual se desprende que es el estado más desgraciado del hombre, estado que no pueden remediarlo las autoridades, porque tienen su esfera de acción en lugares completamente distantes, en donde se cometen los mayores abusos sin que llegue a conocimiento de éstas.// Los caucheros como Máximo Rodríguez, Bernardino Perdiz, Sousa i Vargas, i otros, como son grandes las partidas de caucho que sacan, necesitan de un personal que se ocupe en trasportarlo [sic] al Ucayali desde los afluentes del Madre de Dios, i son los indios los únicos que sirven para esto, ya sean cunivos [sic], shipivos [sic], piros o campas; i como son muchos los patrones que tienen un buen número de ellos, son también al mismo tiempo los que se vengan en el negocio de transporte [sic], cobrando tanto [la cursiva corresponde al subrayado en el original] por arroba; i continuamente se ven por el Ucayali flotillas de canoas conduciendo miles de arrobas de caucho. En estos viajes se emplean meses enteros i se paga a cada peón un sol diario, es decir, en cuenta; se le da por todo alimento fariña, i el resto el mismo indio se lo proporciona a su antojo. En estos mismos viajes consumen la ropa que llevan i regresan a sus hogares lo mismo que salieron i sin ver cambiada en lo más mínimo su triste situación, A veces no pueden soportar el peso de un trabajo tan abrumador, que los

reduce a la condición de bestias i que no les deja tiempo ni para hacer una chacra; entonces el indio huye i se aleja de sus tiranos; se remonta por las selvas más ocultas o por los lagos más

[Ff.5 rev]..lejanos. Si por casualidad se sabe su paradero se manda una comisión en su busca, compuesta de un empleado i de varios individuos i, una vez hallado, se lo apresa; se lo pone en el cepo como castigo si no se lo flagela; se le carga en cuenta todos los gestos que ha ocasionado su pesquisa i se le exige pagar su cuenta, trabajar o buscar otro patrón; entonces el indio promete no huir más, i vuelve a trabajar, resignado a soportar el yugo impuesto por sus explotadores, hasta que la muerte acabe con su miserable existencia. Si alguien paga su cuenta, el que la paga le cobra el 20% de comisión, i así aumentan los eslabones de una interminable cadena de esclavitud.¹¹ En el alto Ucayali es donde más se ocupa al indio como carguero para trasportar [sic] el caucho del Madre de Dios; los personales más numerosos son , en verdad, los de Máximo Rodríguez y de Frankini Hermanos; estos últimos hacen contratas casi con todos los caucheros para conducir su carga. Los que tratan peor a sus peones, los que le dan el trato más cruel e inhumano, son los españoles; i son también los que mayores ventajas cosechan, los que deben su fortuna al lomo del indio. El indio que sale del Ucayali i llega al Madre de Dios, no vuelve más; allí se esclaviza para toda su vida. De esa opresión, de ese trato inhumano, se desprenden los crímenes que se comentan casi de continuo: la muerte de don Carlos Shaof [Sharff] i de don Baldomero Rodríguez i otros, no obedece a otra cosa; los asaltos de los campos

[Ff.G]..en Cocaní han sido motivados por éste. Con honrosas excepciones son raros los que tratan bien i algo humanamente a sus peones; una de estas excepciones es don César Odicio, porque éste sólo los ocupa en la confección de esteras, tinajas, o en la pesca, o en la extracción de algunos otros productos, que los indios lo hacen en su casa o cerca de ella, i no hacen jamás esos viajes interminables ni sirven como bestias en el trasporte [sic] de carga.// Yo desearía que V.S. dicte las medidas que le sujieran [sic] sus conocimientos para cambiar por completo la situación del indio i elevarlo a mayor altura. Sería de opinión que hubiera una lancha a cargo de una autoridad, la que hiciese el servicio de vigilancia, evitando así los abusos que a diario se cometen lejos de aquí i concediéndole al indio completa libertad, i terminar por completo con esas cuentas que jamás pueden pagar./

Con lo expuesto cree el infrascrito haber dado cumplimiento al superior decreto de

V.S. cuyo informe elevo a la consideración de V.S.11 Contamana, 3 de octubre de 191 111 Dios guarde a V.S.11 Augusto Martínez [rúbrica y sello de la subprefectura de la provincia de Ucayali].



ANEXO

Esta seção contém dados complementares que consideramos úteis à memória da dissertação. Destacamos nestes itens, espectros importantes, porém, não cabendo sua incorporação no texto principal, mereciam ser incorporados a esta dissertação, como homenagem e gratidão.*

* Foram outorgadas autorizações pelos respectivos autores para expor publicamente as fotografias apresentadas neste anexo.

Figura 28

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

REGISTRO CIVIL
ESTADO DO ACRE — MUNICÍPIO E COMARCA DE FEIJÓ
DISTRITO DE DÍMPOLIS

Edinaldo Miguel Prado de Carvalho
OFICIAL DO REGISTRO CIVIL
CPF 023.485.602/59

Ducilêa Benício da Silva
SUBSTITUTA - CPF 138.219.702-00

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO que, às fls. 215 V. do Livro A - 3, sob N.º de Ordem 1.219, foi lavrado e assento de nascimento de

BENEDITA DO NASCIMENTO GALDINO

do sexo feminino nascida no dia vinte e dois (22) de abril de mil novecentos e sessenta e nove (1969) às 22 horas e 30 minutos, em o seringal Califórnia - Feijó - Acre, filha de Manoel de Deus Galdino e de Dona Judite do Nascimento Galdino

Sendo avós paternos Pedro Galdino Filho e Dona Maria Luiza de Deus Galdino

e avós maternos Antônio Francisco do Nascimento e Dona Leonor Paulino do Nascimento

O assento foi lavrado em 20 de outubro de 1975 tendo sido declarante o pai da registrando e serviram de testemunhas Maria do Jesus Moraes de Sousa e Maria Sônia de Oliveira Rodrigues

Observações:

O referido é verdade e dou fé.

Dimpolis, 16 de dezembro de 1987.

Edinaldo Miguel Prado de Carvalho
DÍMPOLIS - FEIJÓ

Ducilêa Benício da Silva
Oficial
Of. Reg. Civil Pess. Físicas
C.P.F. 138.219.702-00

Certidão de nascimento de Benedita do Nascimento Galdino, onde podemos ler que nasceu no Seringal Califórnia sendo avô paterno Pedro Galdino Filho; Pedro Biló.

Figura 29



Benedita do Nascimento Galdino
Em fotografia recente, exhibe orgulhosa a certidão de nascimento.
Fotografia: Acervo família Galdino.

Benedita foi o “motor” das informações sobre seu avô Pedro Biló. Enfrentou a família Galdino, inclusive seu pai, Manoel de Deus Galdino, para conseguir fotografias, documentos e informações.

Figura 30

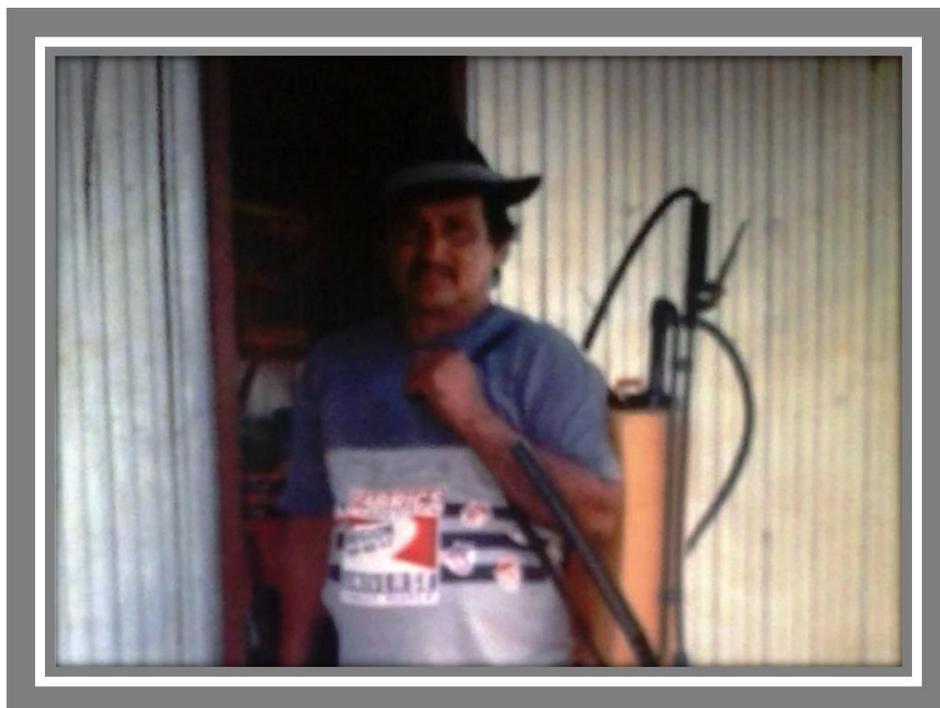


Dona Francisca Fernandes da Silva
Durante a filmagem da entrevista realizada em, 05 de maio de 2012.

Francisca Fernandes da Silva, cearense da Serra Grande, que em 1932, aos 13 anos, embarcou com seus pais rumo à Amazônia para um assentamento de seringueiros

no seringal Califórnia, no estado do Acre, nas cabeceiras do rio Envira. Trabalhou com seu marido (Soldado da Borracha), cortando também seringa. Morou por mais de 15 anos num assentamento de Estrado, no Seringal Califórnia. A família era amiga de Pedro Biló.

Figura 31



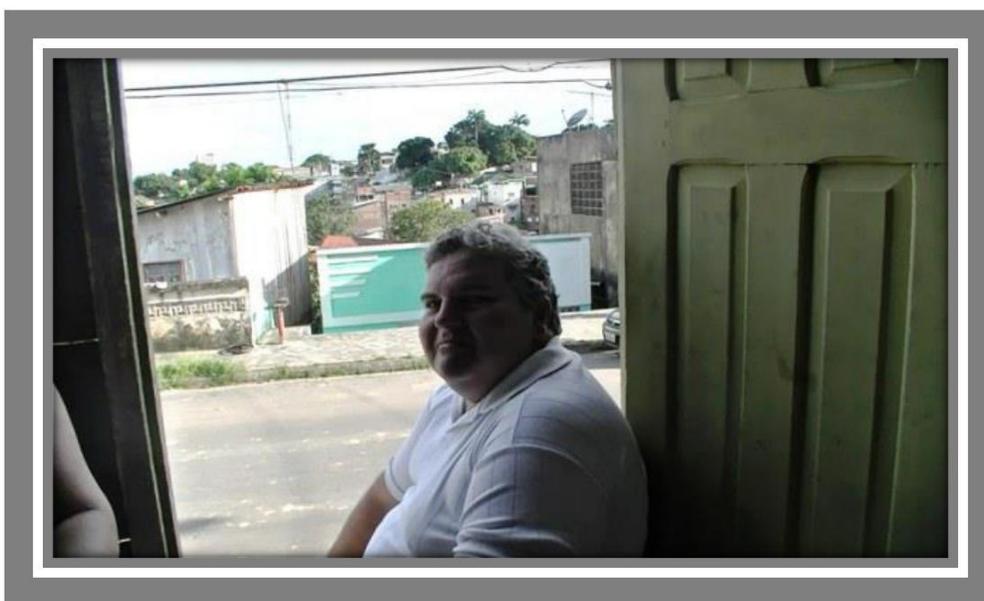
Manoel de Deus Galdino (1978)
Filho primogênito de Pedro Galdino Filho, o Pedro Biló.
Fotografia: Acervo família Galdino

Inicialmente o relacionamento com o Sr. Manuel foi um tanto áspero, ele não gosta de fornecer informações sobre seu pai, Pedro Biló. Argumenta que os pesquisadores só pensam em si, sendo aproveitadores, falsos e mentirosos e já prejudicaram em muito a sua família. Ele nos diz:

Inventadores de mentiras que prejudicam a memória de seu pai. Meu pai era bom pai, home trabalhador fez o que fez como muitos também faziam, era seu trabalho, bom mateiro conhecia tudo. Sempre sérvio a família prado deu o que deu, eles ricos e meu pai pobre ni siquer aposentadoria conseguiu.

Assim desabafou o Sr. Manoel, em reunião com outros irmãos, tios primos e outros membros da família. Acordaram em não narrar, informar ou disponibilizar qualquer tipo de consulta. Por isso, reconheço que só tive acesso a informação privilegiada graças a amizade com Benedita Galdino.

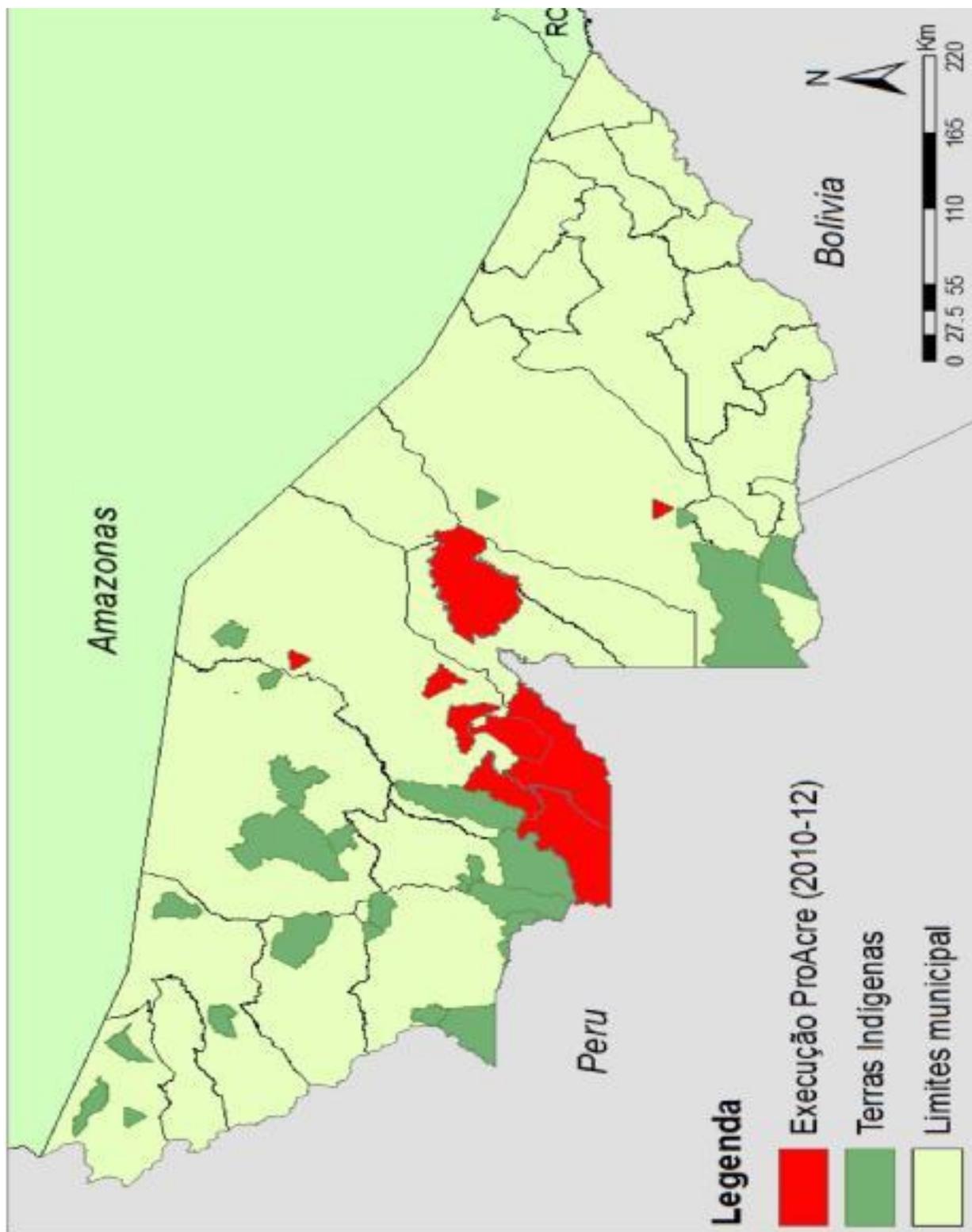
Figura 32



Raimundo Fernandes
Durante a filmagem realizada em 9 de maio de 2015.

Raimundo é enfermeiro e relatou que por muitos anos trabalhou como agente de saúde no entorno do Seringal Califórnia. Contou-me que os cabocos da região em que dava assistência sanitária, acreditavam que Pedro Biló tinha poderes mágicos. Usava uma capa de couro preta que e orava a São Cipriano e isto lhe tornava invisível. Assim, ele e mais 12 de seus capangas, poderiam, por exemplo, adentrar no interior das malocas, e ali “faziam desgraça, não escapava ninguém, matavam todim, velhos mulheres crianças caboclos, na vala e na faca”. Continua Raimundo, recordando que: “Assim fiquei sabendo, por duas vezes logo quando comecei trabalhar lá me reparei com Pedro Biló, todo mundo lhe conhecia porém não perguntei nada, dava medo”.

Figura 33



Terras Indígenas e Limites Municipais no Acre - Execução do ProAcre. Fonte: SEMA 2012

Figura 34



Fonte: Secretaria de Cultura do Amazonas.

O Teatro Amazonas é um teatro brasileiro localizado no largo de São Sebastião, no centro de Manaus. O Teatro, inaugurado em 1896, é a expressão mais significativa da riqueza de Manaus durante o período áureo da exploração da borracha.

Nele, a Orquestra Amazonas Filarmônica ensaia e se apresenta regularmente.

Destaca-se também pelo estilo eclético de sua estrutura e os detalhes únicos de sua cúpula, o que o torna um dos monumentos mais conhecidos do Brasil e conseqüentemente o símbolo mais proeminente de Manaus. Foram trazidos arquitetos, construtores, pintores e escultores da Europa para realizar esta obra magnífica.

Com base neste singelo preambulo, lançamos a seguinte reflexão:

Os recursos para construir o Teatro foram oriundos dos tributos arrecadados da grande movimentação comercial que se deflagrou em Manaus nos anos áureos do fausto amazônico, seu produto principal, a borracha. Milhões de toneladas de borracha foram comercializadas durante este período, também milhares de indígenas foram assassinados para poder extrair o “ouro negro”. Nos atrevemos a dizer que o Teatro Amazonas e a modernização de Manaus foram construídos com argamassa ensanguentada.

